

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
LUZ GUSTAVO DA CUNHA SOARES

SE TIVÉSSEMOS ARMAS:
Duas estratégias narrativas diante da libertação nacional no Egito

São Paulo

2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
LUZ GUSTAVO DA CUNHA SOARES

SE TIVÉSSEMOS ARMAS:

Duas estratégias narrativas diante da libertação nacional no Egito

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade de São Paulo como exigência
parcial para obtenção do título de mestre em
Letras.

Orientadora: Dra. Arlene Elizabeth Clemesha

São Paulo

2015

LUZ GUSTAVO DA CUNHA SOARES

SE TIVÉSSEMOS ARMAS:

Duas estratégias narrativas diante da libertação nacional no Egito

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Arlene Elizabeth Clemesha

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lincoln Ferreira Secco

Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche

Prof. Dra. Arlene Elizabeth Clemesha

Agradecimentos

Agradeço o respeito e estímulo constantes da orientadora Dra. Arlene Clemesha.

Agradeço aos funcionários da biblioteca da American Univesity in Cairo, à biblioteca do Institut du Monde Arabe - Paris, e a Oliver Smith que gentilmente me cedeu materiais do curso de Ciências Políticas da American University in Beirut.

Gustavo Sixel tem minha amizade grata por possibilitar minha primeira viagem ao Egito em 2011, com a missão de acompanhar os protestos contra Mubarak para o jornal *Opinião Socialista*, órgão ao qual estendo meus agradecimentos.

No Egito, os amigos Saleh, Sameh, Dalia Alfarghal, Dr. Abdallah, Mohammad Gamal, e sobretudo o incansável perambulante Maged el-Gebaly foram de indubitável disposição e auxílio.

Os professores Reginaldo Nasser e Benjamin Abdallah contribuíram com valiosas recomendações na banca de qualificação. Rodrigo Ricupero sempre se dispôs a me aconselhar sobre a vida acadêmica e, não menos importante, tem sido um apoio moral na sobrevivência a suas provas. Mamede Jarouche forneceu *insights* valiosos sobre a vida e a cultura do Egito, bem como refúgio durante um toque de recolher no Cairo. Marcia Camargos ofereceu uma amizade que rendeu muitas conversas, trabalhos conjuntos e projetos.

Agradeço à Bianca Neumann Marcossi a renovada disposição para a combinação improvável de nossos gênios, enfrentando desafios complexos e abrindo um mundo de carinho e aprendizado sincero, que me fornecem matéria e espírito para continuar sempre.

Meus progenitores, a quem a vida de pesquisa acadêmica é inédita, mostraram-se pacientes e confiantes, nunca me permitindo duvidar do amor da família.

O CNPq/ CAPES proveu os recursos para enfrentar a fase mais dura da decisão por uma carreira acadêmica.

Encerro com meus agradecimentos a todos os que se deixaram contaminar pela esperança de um mundo mais justo e buscaram manifestá-la, seja na praça Tahrir em 2011, seja no Largo da Batata em junho de 2013 ou na ocupação por democratização da reitoria da USP. Esta é a minha geração.

RESUMO

Este trabalho enfoca dois romances egípcios traduzidos para o inglês: *City of Love and Ashes*, de Yusuf Idris, escrito em 1955 e publicado em 1956, e *War in the Land of Egypt*, de Yusuf al-Qa'id, escrito em 1975 e publicado em Beirute em 1978. Ao tematizar a libertação nacional no centro da ação do enredo, ambos veicularam críticas ao regime militar instalado após o golpe de junho de 1952, mas por caminhos distintos. Enquanto a obra de Idris apresenta um enredo otimista que dispensa o exército e assim constitui uma espécie de história alternativa, o texto de al-Qa'id levanta um ataque frontal às instituições estatais do país, mas termina por reforçar sua presença e mandato. A comparação dos dois romances expõe a complexidade política crescente que a existência prolongada do exército no poder representou para a intelectual crítica egípcia.

Palavras-chave: Yusuf Idris, Yusuf al-Qai'd, Nasser, Sadat, Guerra de Outubro, engajamento, regime militar

ABSTRACT

This work focuses on two Egyptian novels translated to English: *City of Love and Ashes*, by author Yusuf Idris, written in 1955 and published in 1956, and *War in the Land of Egypt*, by Yusuf al-Qa'id, written in 1975 and published in Beirut in 1978. By framing national liberation at the core of the plot's action, both have aired criticisms of the military regime implemented by the coup of June 1952, but through distinct paths. While Idris' work present an optimistic plot that foregoes the army and thus constitutes a sort of alternative history, al-Qa'id's text deploys a frontal attack on the state institutions of the country, but ends up reinforcing its presence and mandate. The comparison of these two novels exposes the growing political complexity that the prolonged existence of the army in power represented to the Egyptian critical intelligentsia.

Key-words: Yusuf Idris, Yusuf al-Qa'id, Nasser, Sadat, October War, engagement, military regime

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Nota sobre a transliteração e abreviações..... | 8 |
| Prólogo..... | 9 |
| 1. Introdução..... | 11 |
| 1.1. A casta militar na gênese do Estado egípcio..... | 14 |
| 1.2. A agência do nacionalismo no Estado-nação..... | 17 |
| 1.3. “Literatura com propósito”..... | 24 |
| 1.4. Duas obras significativas..... | 29 |
| 2. A nós, as armas..... | 35 |
| 2.1. O povo em cena..... | 35 |
| 2.2. Camponeses desunidos..... | 38 |
| 2.3. O povo em 1952, uma força latente..... | 50 |
| 2.4. A defesa ativa da nação..... | 54 |
| 2.5. Na polícia, restos de esperança..... | 62 |
| 3. Futuros roubados..... | 66 |
| 3.1. O sujeito social da revolução de 1952..... | 67 |
| 3.2. O exército como árbitro..... | 88 |
| 4. Conclusão | 108 |
| 5. Referências bibliográficas..... | 113 |
| ANEXOS | |
| Trechos citados..... | 117 |
| Glossário..... | 130 |

Nota sobre transliteração e abreviações

Este trabalho empregou fontes primárias vertidas ao inglês e bibliografia nesta e outras línguas europeias. Desta forma, seguiu a transliteração usada ali, que em geral escolheu a forma consagrada pelo uso mais do que a padronização acadêmica recente. O programa de Estudos Árabes e Judaicos da USP, no entanto, possui um fácil guia de referência para a transliteração acadêmica.

Ao longo da dissertação, os trechos citados das duas obras analisadas estão traduzidos ao português no corpo do texto, e transcritos no original no anexo. Igualmente, para não sobrecarregar a diagramação e a leitura as duas fontes primárias aparecerão no corpo de texto, sem chamada de nota, em abreviação entre parênteses. São elas:

CLA – IDRIS, Yusuf. **City of Love and Ashes. [Qissat Hubb, 1956]**. Trad. Neil Hewison. Cairo: The American University in Cairo Press, 2004.

WLE – AL-QA'ID, Yusuf. **War in the Land of Egypt [al-Harb fi barr Misr]**. Trad. Olive e Lorne Kenney e Christopher Tingley. Gloucestershire: Arris, 2004.

PRÓLOGO

A praça Tahrir estava cheia, ninguém queria arredar o pé até que o ditador apresentasse sua renúncia. Recebi uma mensagem do editor do jornal que me enviara ao Egito para fazer a cobertura dos grandes protestos de 2011. “Tem greve dos ferroviários, tenta conseguir acompanhar”, era a ordem da pauta. Descobri que o principal foco de atividade dos grevistas era na própria Estação Ramsés, para a qual me dirigi junto a um amigo que me fazia as vezes de intérprete. Conseguimos acessar a plataforma e, descendo nos trilhos, andamos em direção ao piquete de trabalhadores que nos tinham indicado. O primeiro ferroviário que encontramos começou a nos explicar as causas da greve, até que outro, mais corpulento e idoso, aproximou-se e abordou-o:

- Com quem você está falando? - e, sem esperar a resposta do primeiro homem, dirigiu-se a nós diretamente: - Quem são vocês?
- Sou jornalista de um órgão brasileiro que apóia a revolução contra Mubarak... – respondi.
- Não queremos falar com vocês. - me interrompeu o grevista, peremptoriamente.

Busquei retorquir apelando a um princípio internacionalista, e saquei um exemplar do jornal para apontar fotos de trabalhadores brasileiros cruzando os braços:

- Mas é um jornal voltado a trabalhadores, que querem ouvir a história de vocês, pois se solidarizam com a causa dos colegas egípcios.

De nada adiantou, porque o homem já se irritava e, de forma ameaçadora, gritou:

- Ninguém fale com eles! - e voltando-se a nós, comunicou: - Problemas egípcios ficam apenas entre egípcios.

Acabamos tendo que sair, não sem sentir uma grande perplexidade quanto à raiva que o homem manifestava diante de um estrangeiro bem-intencionado. Aquela

experiência foi logo soterrada pelas muitas outras que a praça Tahrir proporcionava, e pela recepção calorosa que me foi dada por diversos outros egípcios, inclusive os mais convictos patriotas. No momento em que Mubarak caiu, eu fui engolido pela multidão de pessoas que se amontoava na praça sem que pudesse dominar meus movimentos: estava sendo apenas, e efetivamente, arrastado pela massa que cantava, abraçava, beijava e trocava apertos de mão entre completos desconhecidos. Em poucas palavras, naquele dia me senti um pouco egípcio. De forma que a lembrança do episódio dos ferroviários, se permanecia em mim, tinha pouca relevância perante todo o resto que vivi.

A minha geração não tinha visto até então nenhuma mobilização popular dessas proporções. Crescêramos sob a ideia generalizada nos anos 1990 de que as grandes revoltas sociais tinham sido superadas pela história. Era inédito para nós que um homem arvorado em quase 30 anos de poder ininterrupto tivesse de acatar os desejos de pessoas comuns que decidiram praticar a desobediência generalizada de acampar em uma praça (sem desconsiderar os movimentos que vieram em auxílio, como a invasão de prédios governamentais ligados à repressão, a expulsão dos dirigentes biônicos dos centros estudantis, as greves na indústria têxtil, nas gráficas, nas petroleiras, nos serviços públicos etc.). Assim, quando voltei ao Brasil, dei-me conta de que queria de alguma forma retribuir ao povo egípcio a grande oportunidade de acompanhar esse momento histórico. Como historiador, o natural era que eu tentasse, ainda que modestamente, oferecer algum pequeno avanço para a historiografia sobre aquele país.

Um tema martelava minha cabeça: o nacionalismo. Sem muita clareza, eu sabia que queria pesquisar, de alguma forma, de onde vinha e para onde ia essa ideologia tão arraigada nos egípcios. Pode parecer incrível, mas eu me lembrei do episódio dos ferroviários apenas depois que passei no processo seletivo do mestrado no programa de

árabe do Departamento de Letras Orientais da USP. Então, minha razão íntima tornou-se clara: entender como a ideologia do nacionalismo penetrou tão fundo na consciência de trabalhadores egípcios que, mesmo em meio à revolução mais intensa e noticiada do nosso início de milênio, tornou simplesmente lógico que um jornalista a serviço de um veículo de trabalhadores não pudesse noticiar uma greve pelo pecado de ser estrangeiro.

E, no entanto, o nacionalismo exacerbado tornou-o possível. À medida que me debrucei sobre a história egípcia, entendi logo que a ocupação e dominação por estrangeiros marcou sobremaneira esse povo, e que os homens das armas representaram uma presença constante no imaginário social.

1. INTRODUÇÃO

À diferença de sistemas teóricos como o marxismo ou o anarquismo, o nacionalismo não parece ser uma explicação total e excludente sobre o caráter e a dinâmica do Estado e das relações de produção e distribuição dentro de seu território. As ciências sociais têm tremenda dificuldade de determinar sua constituição, seu programa e seu papel na formação social. Muitas vezes, ele só pode ser explicado como elemento complementar de fenômenos históricos: assim, por exemplo, a ideia de nação pode coroar processos de consolidação do poder de uma classe social ou um segmento desta. Por causa dessa plasticidade, o nacionalismo é capaz de adaptar-se a projetos políticos vários e, mais ainda, absorver algumas premissas de disciplinas científicas que a eles se associaram, como por vezes a geografia ou da antropologia que defenderam ideias como a efetividade e a perenidade das fronteiras étnicas e territoriais. Atuando dentro dos pressupostos que governam a unidade do Estado-nação na configuração geopolítica e da economia mundial, o nacionalismo se faz mais imprevisível do que sistemas teóricos que rechaçam de conjunto aquelas premissas.

É criando um terreno em que atuam simultaneamente diversos interesses políticos que o nacionalismo exige a reação dos discursos. A intelectualidade egípcia, vivendo em um país em que as agressões externas eram realidade cotidiana, precisou incorporar características do nacionalismo para viabilizar uma crítica que se pretendia influente, como o foi a dos escritores que viram na literatura um campo tão político quanto outros. Mas as escolhas no diálogo com essa forma de pensar mudaram ao longo do tempo, o que provoca o interesse historiográfico preocupado em registrar as variações e os rumos que afetam a empresa humana.

City of Love and Ashes e *War in the Land of Egypt* são, ambos, romances que mobilizam a paixão nacionalista, tematizando a luta pela soberania nacional. Diferem, no entanto, nos métodos e no elenco de situações e personagens. O primeiro retrata um jovem militante socialista que dirige um campo de treinamento de milícias antibritânicas quando os protestos degeneram em incêndios criminosos no Cairo na noite de 26 de janeiro de 1952. O herói Hamza recolhe-se a um esconderijo e sua única ligação com o mundo é por meio de Fawziya, uma jovem professora por quem ele começa a sentir sentimentos amorosos proibidos, uma vez que acredita que competem com sua dedicação revolucionária. A história passa a ser a resolução do amor de ambos, mas nesta reside também a transformação da configuração do nacionalismo do protagonista, que vê na amada a própria encarnação do povo egípcio, e com isso sente-se pronto para retomar a luta e a organização dos conterrâneos para a revolução. Escrito em 1955, o livro enquadra o enredo antes da ação dos Oficiais Livres, o que o permite ignorar por completo o elemento militar, e dar a tarefa de tomar as armas aos cidadãos comuns. *War in the Land of Egypt*, por outro lado, enfoca o que foi possivelmente a guerra mais aguardada pelo mundo árabe, a Guerra de Outubro de 1973 que acarretava no lado árabe todas as esperanças da desforra pela humilhação sofrida em 1967, quando Israel terminara de ocupar o território histórico da Palestina e ainda tomara para si as colinas do Golã na Síria, as fazendas de Shebaa no Líbano e a península do Sinai até as margens do canal de Suez, que assim saía do controle direto egípcio sofregamente conquistado na Guerra de 1956, marco da ascensão da estrela de Nasser. O enredo é a história de um soldado exemplar desta guerra, mas sua conversão à defesa armada da pátria se dá no meio do volume: antes, na primeira metade, aprendemos que ele é involuntariamente alistado, forçado pelo homem poderoso de sua vila, que recebe as terras por meio da reversão parcial da reforma agrária que Anwar Sadat promoveu. O

fazendeiro rico não deseja mandar seu próprio filho e, explorando a corrupção das instituições governamentais, envia o filho do camponês, que ele agora ameaça e intimida. Na segunda metade do livro, o soldado está morto e seu corpo é a prova explícita dos crimes do latifundiário, significando a grande chance para os camponeses vingarem-se dos abusos daquele representante dos velhos tempos. Mas a corrupção e os interesses de Estado confabulam para negar o óbvio e dar o caso por encerrado, sem que o pai do morto receba qualquer tipo de justiça. A libertação nacional externa conquistada na guerra de Outubro fica relativizada na comparação com a guerra contínua e assimétrica que promove a injustiça social no interior do Egito. Ao invés de ignorar o exército para falar da desigualdade econômica e dos direitos civis, o romance escrito em 1976 e publicado em 1978 teve de colocar o exército no centro da ação e questionar o mandato de libertação e justiça que ele arrogara para si quando tomou o poder em 1952.

1.1. A casta militar na gênese do Estado egípcio

A classificação fortemente historiológica engendrada por Samir Amin coloca o Egito em uma posição excepcional diante do resto do mundo árabe. Se os países do Mashriq (o Levante e Mesopotâmia), da Pensínsula arábica e do Maghreb (o Norte da África) constituíam zonas semiáridas cuja riqueza provinha de sua função como plataforma giratória, meio de ligação entre as três regiões férteis do mundo antigo – a Indoásia das monções, a península europeia e a África subsaariana -, o Egito e o Sudão, os países do Nilo, eram os únicos que tinham capacidade de erigir uma sociedade assentada sobre a produtividade camponesa.¹ Assim, ao invés da classe dominante de

¹ Cf. AMIN, Samir. **O Desenvolvimento Desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976, p. 30.

comerciantes que governava a maioria das regiões árabes e vivia dos lucros das relações mercantis entre aquelas três grandes bacias civilizacionais, o Egito pôde dar vida e organicidade a um Estado tributário cuja elite dirigente legitimava-se pela defesa deste território, uma espécie de longo oásis, contra nômades e pela organização dos trabalhos de irrigação.² A centralização do Estado foi portanto um traço muito antigo e permanente do território egípcio.

Não significa isso que o país não tenha conhecido uma classe urbano-mercantil, mas esta dependia de estrangeiros implantados em cidades que, sob seu domínio, pouca relação tinham com o mundo camponês à sua volta, mas sim com um florescente comércio de longa distância: era o caso de Alexandria no período helenístico e Fustat-Cairo no auge da integração com o Império Árabe abássida. Depois dessas exceções, elites burocrático-militares voltavam a dominar a sociedade com base aos tributos cobrados dos camponeses e, se tinham ímpetus de expansão, era para estabelecer postos avançados para a proteção do fértil Nilo.³ Para este mesmo autor, a característica mais profunda do domínio turco-otomano é ocorrer sob a decadência generalizada das rotas comerciais controladas pelos muçulmanos⁴: no geral, há consenso na literatura de que as descobertas europeias nas Américas e a circum-navegação da África deram a partida para a longa queda da importância mercantil do Oriente Médio.⁵ Nesse movimento, os antigos mamelucos, casta militar caucasiana instalada no Egito desde 1250 d.C., protagonizaram junto aos janízaros, outra casta militar, a retomada do poder local após a centralização inicial dos eficientes guerreiros otomanos: “O processo de retomada do poder [local contra o Império] começou portanto no Egito (...)”⁶.

2 Ibidem, p. 36.

3 Ibidem, p. 36.

4 Ibidem, p. 22.

5 SILVA, Edison Adão C. **Oriente Médio: a gênese das fronteiras**. São Paulo: Zook, 2003, p. 77-78; HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006, pp. 277 e 307-8.

6 HOURANI, op. Cit., p. 302.

Como Saladino sete séculos antes, Mohammad 'Ali era um militar vindo de terras conquistadas pelos árabes durante a expansão do Islã. Sua rápida ascensão ao poder ocorre na esteira da desorganização do domínio no Egito provocado pela invasão das tropas de Napoleão. Ele mesmo contaminado pelo espírito de um salvador do país, percebeu a necessidade de mudanças para tornar eficiente o poder estatal que havia sucumbido diante do recente expansionismo das potências europeias. “Em torno de si, formou seu próprio grupo governante otomano de turcos e mamelucos, um exército moderno e uma elite de funcionários educados, e usou-os para impor seu controle na administração da coleta de impostos de todo o país (...)”⁷. A tarefa requeria controle sobre os rendimentos agrícolas, que Ali centralizava para exportar via Alexandria, e o estabelecimento de manufaturas capazes de sustentar o novo poder bélico. Suas incursões em terras sírias, prometendo chegar a Istambul para reformar o Império de conjunto, alertaram as nações europeias que temiam um pretexto para a invasão da ambiciosa Rússia no estreito de Bósforo. Mesmo tentando a diplomacia de favores aos ingleses e apoio técnico de missões francesas, Mohamad Ali viu-se encurralado dentro da política europeia de manter em sobrevida artificial o “Doente da Europa”, o Império Turco-Otomano, e o Tratado de Londres expediu um ultimato para que retirasse suas tropas até o limite da Palestina e renovasse sua subordinação à Sublime Porta. Após algumas escaramuças, o governante egípcio viu-se forçado a recuar até o território do Nilo e Sinai em 1841, submeter formalmente suas tropas ao exército otomano e proibido de construir uma Armada própria, mas logrou obter a hereditariedade para seu cargo de quediva.⁸

7 Ibidem, p. 206.

8 ABBAS, Raouf. “Transforming Egypt”, in **Mahmoud Abbas 1805-2005**, Mohamed Ali and the World. Conferência, Alexandria, 15-17 de novembro de 2005, p. 8.

Com a sucessão de Mohammad Ali, a penetração francesa foi se fazendo mais profunda, e o país modernizava a educação, a agricultura e as comunicações já não mais com o mero intuito de reformar o poder, mas de integrar-se ao concerto das nações europeias. Com isso, na prática tornava-se mais independente do Império Turco-Otomano⁹: a autonomia conquistada pela criação de uma casta burocrático-militar durante Mohammad Ali foi agora estendida a outras esferas, embora o preço dessa mudança fosse um crescente endividamento do Estado que, afinal, o expôs à ocupação e ao controle direto, administrativo e bélico, pelas duas potências europeias, a França e o Reino Unido, que cobiçavam aquela terra estratégica do ponto de vista geopolítico e do fornecimento de algodão.

A inauguração do Canal de Suez estabelece o Egito como uma via de passagem fundamental para o comércio mundial da Europa com suas colônias na Ásia e, após a Primeira Guerra Mundial, no Oriente Médio. Dessa forma, uma nova aliança de poder entre a família do governante, em breve transformada em casa real, uma elite fundiária e uma classe ocupante militar-mercantil estrangeira domina o Egito e passa a ser o obstáculo maior para a independência nacional e as reformas agrária, industrial e educacional. Conforma-se, assim, o teor da disputa política da primeira metade do século XX no Egito.

1.2. A agência do nacionalismo no Estado-nação

Nas últimas décadas do século XX, enquanto grande parte das ciências humanas ainda absorvia o impacto das propostas provocativas dos anos 60 e 70, o processo de desmoronamento da União Soviética chacoalhou a intelectualidade,

⁹ Cf. HOURANI, op. Cit., p. 372.

acelerando uma crise da historiografia. Fez por acentuar as tendências de radicalizar a busca por nova metodologia, por um enfoque capaz de decifrar códigos que operam em diversas profundidades da tessitura social e formam as teias de sentido das práticas, valores, comportamentos dos seres humanos.

Entre essas diversas agências de significação, a mais notável talvez seja a nação e o nacionalismo. O século reteve imagens fortes bastante ilustrativas do que homens motivados pelo nacionalismo são capazes, desde a sanha expansionista dos fascismos às independências asiáticas e africanas. Insuflados, dispõem-se a matar e, o que é mais intrigante, a morrer.¹⁰

A tematização da nação vinha em boa hora, já que a “era de instabilidade internacional iniciada em 1989”¹¹ gerou uma explosão de conflitos nacionais pulverizados, e levou a que pedissem reconhecimento pela ONU mais de 33 novos países.

Mas quem foi aceito na ONU: o Estado ou a nação? Nessa primeira definição já se dividem os teóricos. O cientista político Walker Connor buscou esvaziar as dificuldades por uma crítica ao mau uso da terminologia: confunde-se estado com nação.

Se todos os estados fossem estados-nação, nenhum dano resultaria da referência a eles como nações, e pessoas que insistissem na manutenção da distinção entre *nação* e *estado* poderiam ser ignoradas como puristas da linguagem ou fazedores de caso semântico. Onde *nação* e *estado* coincidem essencialmente, seu uso intercambiável não tem consequências maiores porque ambos são indistintamente fundidos na percepção popular. O estado é percebido como extensão política da nação, e apelos a um provocam respostas positivas idênticas aos apelos ao outro. Perguntar a um piloto *kamikazi* japonês ou um atacante *banzai* se ele está prestes a morrer pelo *Nippon* ou

10 Cf. ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional** [Imagined Communities]. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

11 HOBBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. Trad: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 86-7.

pelo povo nipônico seria uma consulta incompreensível porquanto ambos estão borrados em um todo inseparável.¹²

Quando o autor fala de intercambialidade, note-se que a implicação prática é que o apelo a um pressupõe o apelo ao outro. Assim, Estado e nação se identificam não necessariamente como ponto de encontro objetivo, como uma razão historiológica, mas como modalidade do discurso subjetivo e dos elementos do imaginário social que acabam mobilizados por uma ação política no Estado. Legitimidade é o ponto em questão. Ora, se a nacionalidade é “o valor mais universalmente legítimo na vida política na nossa era”¹³, seria de se esperar que fosse o maior fator de legitimação dos estados, e no entanto a nacionalidade constitui um campo de permanente crise *per se* pois, afinal e para além de qualquer dúvida, quais são os componentes sociais e culturais inquestionáveis de uma dada nacionalidade?

O problema, evidentemente e talvez contra a vontade de Connor, está na definição da nação. Em princípios do século, Josef Stalin foi incumbido por Lenin de redigir um estudo sobre o nacionalismo e seu potencial como arma dos revolucionários. Num estilo simplório, o futuro ditador buscou uma enumeração de motivos para a separação de nações, mas não conseguiu disfarçar o incômodo da investigação (anos mais tarde, daria soluções pragmáticas menos decorosas, com o curso eslavófilo dado à política soviética):

*Agora exaurimos os componentes característicos de uma nação. Uma nação é uma comunidade estável de pessoas historicamente constituída, formada em base a uma linguagem, território e vida econômica comuns e uma configuração psicológica manifestada em um cultura comum.*¹⁴

12 CONNOR, Walker. “A Nation is a Nation, is a State, is an Ethnic Group, is a...”, *Ethnic and Racial Studies*, 1/4, 1978, 379-88. In HUTCHINSON, John. SMITH, Anthony (eds.). **Nationalism** (Oxford Readers). Oxford/New York: Oxford University Press, 1994, p. 39 (grifos no original)

13 ANDERSON, op. Cit. 1989, p.11

14 STALIN, Josef. **Marxism and the National Question** [edição original: 1913], cap. 1. Acessado em <http://marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/03.htm> em 01/06/2012.

O que se encontra em jogo, aqui na prosa seca de Stalin e alhures, é o rol de elementos que seriam determinantes em uma nação. Alguma novidade o georgiano apresentou ao enfatizar a necessidade de combinação de todos os elementos, mas não fugiu ao que vem sendo prescrito para as definições de nação. Posto haja alguma ambiguidade no termo “historicamente constituída”, após uma ressalva diferenciando nação do conceito de raça, o autor recorreu a certa noção de ancestralidade do povo, dada aqui pela “configuração psicológica”, e os já conhecidos ingredientes de monopólio de território e língua.

Algum crédito tácito quanto à teoria de Stalin, mas sob outra roupagem, pode ser encontrado em Karl Deutsch, que em sua obra de 1966, *Nationalism and Social Communication*, buscou descrever a nação como um sistema com a função de eficiência por complementaridade ou comunicabilidade. Assim, um grupo de suíços pode funcionar melhor entre si, com suas diferentes profissões e três linguagens e variantes dialetais, do que suíços germanófonos com alemães ou suíços francófonos com franceses, ou ainda médicos de diferentes nacionalidades entre si. Mais do que significantes em comum, ou hábitos profissionais, o que marcaria uma nação seria um leque de significados mútua e automaticamente compreensíveis, e o resultado dessa “complementaridade étnica” seria não um dado subjetivo, mas objetivo e verificável por testes da funcionalidade e agilidade da comunicação.

Pela ênfase funcionalista e quantitavista, Deutsch se diferencia das teses que acomodam fatores emocionais, mas no espectro mais amplo do debate, encontra-se em uma posição intermediária similar à de Clifford Geertz. Tratando de laços primordiais e cívicos, este credita aos últimos a possibilidade maior ou menor de conflitos entre grupos de um mesmo estado, passíveis de resolução em última instância, e aos

primeiros o potencial de formar focos de nacionalidade, de busca de identidade alternativa, numa clara hierarquia de valores da etnicidade.

O termo “primordial” aí empregado por Geertz provém de sua antropologia hermenêutica, mas sua origem é a concepção inaugurada por intelectuais que viam na imanência de um povo a determinação de seus indivíduos: Rousseau e Herder. Apesar de algum matiz político, deixando espaço para a ação formadora de nação do estado (especialmente em Rousseau, que defendia um patriotismo mais marcadamente político), essa matriz original foi rapidamente assumida pelo nacionalismo romântico e filósofos alemães como Fichte por erigir como espírito ou *volksgeist* um conjunto arbitrário e politicamente informe de valores, atribuindo-lhe uma dimensão quase a-histórica e uma outorga de métodos mais autoritários para a efetivação dos vínculos emocionais dentro da nação: se o pertencimento é determinado de antemão, o indivíduo não o pode escolher ou renegar e, se esse é o caso, tanto faz quem o traga à realização plena no plano político e cultural, desde que o faça. Com bases pouco sólidas para comprovar a exclusividade dos elementos culturais, essa orientação aferrou-se à linguagem como meio mais completo de transmissão dos valores da nação, depositário da imanência dos signos daquele povo desde tempos imemoriais.

A naturalização do nacionalismo por essa escola explorou – por certo com grande sucesso – a historiografia, que construiu grandes narrativas “nacionais” para provar a essência daquela formação momentânea, e a ascensão do romance burguês como maneira indubitável de estender o tempo como uma sincronia de todos os membros da unidade política, além de envolver as referências do texto na aura de elementos “típicos” da especificidade de seu público nacional. Mas foi também do campo da história e do estudo das narrativas que vieram os maiores ataques: desvendando na nação a necessidade de um ímpeto moral, uma vontade em comum de

dividir o “fardo do futuro”, Ernest Renan lhe deu a imagem de um plebiscito diário, cuja característica será necessariamente a mudança ao longo do tempo e a marcada modernidade, um estado contemporâneo a se diluir e reconfigurar no transcorrimento do drama humano.

O homem não é escravizado, nem sua raça ou sua linguagem, nem sua religião, nem o curso dos rios, nem a direção das cadeias montanhosas. Uma grande aglomeração de homens, com um espírito sadio e coração caloroso, cria uma consciência moral que é chamada de nação. Quando essa consciência moral prova sua força pelos sacrifícios que exigem abdicação do individual em benefício da comunidade, ela é legítima, e tem o direito de existir.¹⁵

Tendo sido um dos primeiros em sua linha, Renan é referência constante no debate. É de uma noção sua que Benedict Anderson retira apoio para a tese que dá origem ao maior sistema do polo anti-naturalista ou “modernistas”: a das comunidades imaginadas.

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Era a essa imagem que Renan se referia quando escreveu, com seu jeito levemente irônico: “Ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas.”¹⁶

De forma similar, Max Weber vê o elemento criado, “calculado”, do apelo nacional. Após constatar que os caracteres que cada grupo toma como “características nacionais” variam enormemente entre as nações e dentro delas, e que o nível de solidariedade sentido por cada setor de uma nação difere do outro, Weber aponta a

15 RENAN, Ernest. **Qu'est-ce qu'une nation**. Paris: Calmann-Levy, 1882, trad.ao ingles: Ida Mae Snyder. In HUTCHINSON, John. SMITH, Anthony (eds.). **Nationalism** (Oxford Readers). Oxford/New York: Oxford University Press, 1994, p. 18.

16 ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas** : Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

importância de entender o potencial de poder – numa acepção dinâmica e contextualizada: “prestígio” – envolvido:

Ao contrário, nós teremos de observar um pouco mais de perto o fato de que a ideia da nação, para seus advogados, permanece em conexão muito íntima com os interesses de “prestígio”. As mais novas e mais enérgicas manifestações da ideia, em qualquer forma, mesmo que tenha sido velada, continham a lenda da “missão” da providência. Pretendia-se daqueles para quem se voltavam zelosamente os representantes dessa ideia que apoiassem essa missão. Outro elemento dessa ideia precoce era a noção de que essa missão seria facilitada unicamente pelo cultivo da peculiaridade do grupo destacado como nação.¹⁷

O debate vem se acumulado e promovendo discussões tortuosas. Não seria demasiado chamá-lo de *o grande debate intelectual do século XXI*, tendo em vista sua rica trajetória até agora e a pluralidade de temas que se entrelaçam nele. Contudo, antes de perder o fio da meada num estudo de um debate que pode parecer labiríntico, vale a ressalva de Anderson:

A dificuldade, em parte, consiste na tendência inconsciente que as pessoas têm de hipostasiar a existência do nacionalismo-com-N-maiúsculo (como se alguém pudesse ter uma idade-com-I-maiúsculo) e, então, de classificá-“lo” como *uma* ideologia. (Nota-se que se todos têm uma certa idade, a Idade é apenas uma expressão analítica).¹⁸

O que se critica aqui é a tentativa de fixar um uso momentâneo do nacionalismo como um corpo doutrinário estável que teria o poder de pautar uma série de movimentos organizados da política ou gerações de intelectuais. A carreira intelectual de Anderson, se por um lado o levou a criticar os erros sistemáticos do marxismo no entendimento do nacionalismo, por outro reforçou o uso da dialética no

17 WEBER, Max. **From Max Weber: Essays in Sociology**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1948.
In HUTCHINSON, John. SMITH, Anthony (eds.). **Nationalism** (Oxford Readers). Oxford/New York: Oxford University Press, 1994, pps. 24-25.

18 ANDERSON, 2008, op. Cit., p.31, grifo no original

estudo da nação como um esforço continuado de naturalizar uma entidade política em seus traços culturais, como os pavilhões nacionais, o censo etc. *The Spectres of Comparison*, reunião de ensaios publicada em 1998, promove a busca da historicidade de cada nacionalismo a partir da comparação com outras ocorrências do fenômeno, promovendo um método de reconhecer aquela manifestação aparentemente previsível, mas com olhos de estranhamento, identificando o grau de resposta a um momento e local específicos sem o qual seu potencial transformador naquela circunstância se esvazia.

A premissa de Anderson para a desnaturalização e descompactação dos diferentes nacionalismos é parâmetro aqui para analisar as diferenças da expressão do nacionalismo do Egito ao longo do tempo. Assim, assumimos que as transformações ocorridas no país árabe com a tomada de poder pelos Oficiais Livres em 1952, os métodos de governo, as novas políticas econômicas e as duas guerras em seu próprio território necessariamente impactaram as configurações de nacionalismo que se apresentavam possíveis para a intelectualidade. Uma das expressões favoritas da intelectualidade egípcia, o texto literário, sofreu este deslocamento, e nele reincidiu.

1.3. “Literatura com propósito”

Os anos que correm de 1930 a 1970 foram, para o sociólogo da cultura Sabry Hafez, tão impactantes que deixaram marcas profundas nas gerações de intelectuais que os viveram. A presença de tropas britânicas e constante ingerência na política nacional, como no humilhante episódio de 1943; a participação na Segunda Guerra Mundial, pressionada entre as ambições de Inglaterra e Alemanha; a derrota militar em três guerras próprias contra um inimigo disposto a ocupar importantes partes do território

nacional; a substituição de uma elite política por outra; e as mudanças econômicas, a urbanização e a popularização do ensino, tudo isso são elementos que exigiam reconhecimento e mudança na mentalidade dos segmentos que se preocupavam em expressar os anseios dos cidadãos.

Havia fluxos e refluxos em todos os níveis, e todos os aspectos da vida egípcia experimentaram mudanças políticas, sociais e culturais radicais. Era muito difícil, senão impossível, para qualquer envolvido em atividades públicas (incluindo a escrita de contos) não se engajar com as mudanças.¹⁹

O conceito de engajamento, provavelmente retirado por Taha Hussein dos debates sobre os ensaios de Jean-Paul Sartre posteriormente publicados como *Qu'est-ce que le littérature?*,²⁰ é traduzido ao árabe como *iltizam* (numa tradução direta, significa compromisso, mas está no campo semântico de associação ou adesão a algo, persistência nisso) e torna-se o conceito dominante da crítica literária árabe nos anos 1950 e 1960.²¹ A popularização do termo recebe grande impulso a partir de 1953, com o lançamento da revista *al-Adab* em Beirute por Suhayl Idris, cujo primeiro número estampava um editorial-manifesto chamado “A Mensagem de *al-Adab*”:

A presente situação dos países árabes torna imperativa para cada cidadão, cada um em seu campo, a mobilização de todos seus esforços para o objeto expresso da libertação de sua terra natal, elevando seu nível político, social e intelectual. Para que a literatura permaneça sincera, é essencial que ela não deva isolar-se da sociedade na qual existe. O principal objetivo desta revista é fornecer uma plataforma para aqueles autores plenamente conscientes que vivem a experiência de seu tempo e que possam ser tomados como sua testemunha. Ao

19 HAFEZ, Sabry. **The Quest for Identities: the development of the Modern Arabic Short Story.** Londres: Saqi, 2007, p. 41.

20 KLEMM, Verena. “Different Notions of Commitment (iltizam) and Committed Literature (al-adab al-multazim) in the Literary Circles of the Mashriq”, **Arabic and Middle-Eastern Literatures**, v. 3, n.1, 2000, p. 52.

21 BADAWI, Mohammed Mustafa, “Commitment in Contemporary Arabic Literature” in BOULLATA, Issa J. (org.) **Critical Perspectives on Modern Arabic Literature.** Michigan: Three Continental Press, 1980, p. 24.

refletir as necessidades da sociedade árabe e expressar suas preocupações, eles pavimentam o caminho para reformadores colocarem as coisas a direito com todos os recursos disponíveis.²²

Mas o debate não tinha começado ali em terras libanesas, embora elas estivessem em ligação constante com os outros polos da produção intelectual árabe. Em jornais do Cairo, refletindo um tema que já vinha sendo debatido nos círculos literários, Taha Hussein protestava contra a nova geração de intelectuais que exigia uma literatura a serviço de reformar a vida das pessoas, embora ele mesmo se opusesse ao intelectual na torre de marfim²³ e viesse de uma geração que inicialmente estivera marcada pelo otimismo com a revolta de 'Urabi em 1881-2 e de Zaghlul em 1919²⁴. Apresentando-se como o lado dos jovens no debate, os críticos Mahmud al-'Alim e 'Abd al-'Azim Anis insistiam que o conteúdo deveria determinar a forma, e que o critério máximo da interpretação sobre a obra literária deveria ser sua incidência na realidade.

De fato, o debate evoluíra de um chamado à premência do conteúdo na primeira metade do século XX para uma defesa da mensagem explícita da literatura. Se o primeiro momento dessa caminhada se iniciara com uma base de apoio em diversos intelectuais cansados do exercício beletrista da forma, configurando uma articulação de escritores socialistas como Salama Mussa, Ra'if Khuri e Luwis Awad e autores mais alinhados com o existencialismo,²⁵ em meados dos anos 1950 o engajamento já não significava apenas a entrada da vida contemporânea e a cor local na experiência literária, mas também a utilidade política imediata do texto, que por tal deveria ser julgado. Segundo Anis e 'Alim, o realismo socialista exigia do autor uma origem de classe coerente com a defesa dos oprimidos, sólida formação teórica marxista, texto

22 Apud BADAWI, op.cit., p. 33

23 D'AFFLITTO, Isabel Camera. **Letteratura Araba Contemporanea: dalla nahda a oggi**. Roma: Carocci, 1998, p. 163.

24 STARKEY, Paul. **Modern Arabic Literature**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006, p. 117.

25 KLEMM, op. Cit., p. 52 e 57.

com carga analítica; sintetizando, o engajamento deveria almejar “que a obra literária seja uma mensagem (*rissala*) e o escritor, um mensageiro (*rassul*) responsável”.²⁶ Ser irresponsável não seria apenas um equívoco pessoal, mas uma ofensa de grave consequência para a coletividade, como define Anis: “a menos que o escritor aceite sua responsabilidade perante si mesmo, sua comunidade, seu país e sua nacionalidade, sua liberdade pode transformar-se em anarquia e tornar-se um meio para trazer a destruição de nossa vida social.”²⁷ Seguindo tais preceitos, algumas das novelas produzidas nesse período “parecem degenerar em mera propaganda”²⁸.

Dessa forma, no final dos anos 50 começou a conformar-se a ruptura entre estes intelectuais e os defensores de um engajamento existencialista, voltado à proposta de liberdade radical do indivíduo e o conceito de responsabilidade pessoal de Sartre.²⁹ Luwis Awad, por exemplo, identifica a diferença entre *iltizam* e *ilzam* (obrigação) e começa a verbalizar críticas às exigências ideológicas superficiais de 'Alim e Anis:

(...) o compromisso com o homem e as causas do homem deve ter prioridade em relação ao compromisso com qualquer outra causa. (...) considerar o proletariado meramente como um conjunto de interesses materiais tende a fazer os pensadores esquecerem que a coisa mais importante sobre um trabalhador ou um camponês é que ele é um ser humano.³⁰

Mohammad Mandour, outro eminente escritor, foi mais longe: para ele, os proponentes do realismo socialista estavam ultrapassando a *adab al-hadif*, a literatura com propósito, em direção a uma *adab al-hatif*, literatura que grita palavras de ordem.³¹

O engajamento com a luta nacionalista pan-árabe nunca chegou a ser unânime, mas predominou nos círculos literários com muita força até que foi desmoralizado pelo

26 Ibidem, p. 57.

27 **Al-Majalla**, n. 13, Cairo, 1958, p. 19 apud BADAWI, op.cit., p. 24.

28 Cf. STARKEY, op. Cit., p. 127.

29 KLEMM, op. Cit., p. 57.

30 Apud BADAWI, op. Cit., p. 35.

31 Ibidem.

trauma da derrota árabe de 1967. Se, por um lado, durante os anos 60, as prisões de intelectuais, a censura estrita, a crescente burocracia e os abusos autoritários levaram diversos autores a tentar denunciar o descaminho do regime, por outro, a extensão de medidas socializantes a partir de 1961 e os frutos iniciais das políticas sociais como a expansão da educação, além do tom incisivo do discurso governamental contra outros governantes árabes e Israel, conseguia manter um equilíbrio das opiniões dos intelectuais, ainda majoritariamente a favor do regime e portanto adeptos da proposta utilitarista em relação à arte.³² Pesando a favor do realismo socialista estava também a estrutura de estímulo oficial à literatura alinhada ao regime, conforme demonstrou Richard Jacquemond em *Conscience of the Nation*.

No entanto, a invasão israelense foi um marco definitivo, pois fizera cair por terra a versão otimista e vitoriosa que a mídia egípcia propalava, expondo de forma patética o dano que o controle governamental sobre a liberdade de expressão vinha causando. A debacle, assim, fazia mais do que desnudar o desnível entre a propaganda do regime e o real progresso militar e econômico do Egito: ela minou a confiança dos intelectuais no sistema de governo exercido pela ditadura dos Oficiais Livres. O otimismo do modelo do realismo socialista teve de ceder ao pessimismo, e o engajamento conforme projetado por 'Alim e Anis não pôde mais resistir ao ímpeto de realizar experimentações e pesquisas de novas soluções para o problema de combinar a liberdade individual do escritor com a participação na vida política da nação. Esse foi o nascimento da geração da década de 60 que, não obstante, não abdicou de seu papel político, como nota Jacquemond:

Pode parecer extraordinário que o desejo de compromisso [ou engajamento] esteja ainda tão vivo até hoje em um país que, afinal de contas, é totalmente independente

32 Cf. HAFEZ, op. Cit., p. 66.

desde 1956, e que tem a vantagem, rara entre nações que já foram colônias, de uma identidade que está claramente apoiada pela história e pela geografia. Mas aqui, como alhures, novas formas de dominação hegemônica e reveses políticos (como os sofridos pelos liberais ou pelos socialistas, ou pelos apoiadores do pan-arabismo ou islamistas), bem como os reveses militares sofridos no confronto com Israel, alimentaram o sentimento de uma perda da soberania nacional coletiva, que ainda é tratada como ameaçada pela fragmentação ou dissolução.³³

1.4. Duas obras significativas

Até aqui, temos o entendimento básico de que o Egito é um Estado com presença significativa do estrato militar que teve de lidar com tarefas de libertação nacional imensas, e daí a centralidade dos movimentos nacionalistas na sua história e o impacto destes na produção intelectual e cultural. Estas são, de maneira simplificada, as peças centrais da realidade com as quais a literatura teve de lidar quando se constituiu como um campo de crítica política.

No Egito, a atividade literária tornava-se, durante todo o século XX mas especialmente nas décadas de 1950 a 1980, uma intervenção na cena política, como nos explica Jacquemond:

Nas suas lutas simbólicas, os escritores empregaram um discurso tirado do campo político, e usaram o capital social acumulado ali. Eles também exploraram a liberdade maior que existia dentro do campo cultural para trazer as lutas e os debates que não podiam ter lugar livremente no campo político para o campo cultural, sob um outro disfarce. Por causa dessas características específicas, a escrita literária tornou-se um importante canal para a crítica política e social. Para muitos intelectuais sob Nasser, a literatura e a crítica literária eram substitutos para a ação política, ou uma extensão natural dela.³⁴

33 JACQUEMOND, Richard. **Conscience of the Nation: Writers, State and Society in Modern Egypt.** Trad. David Tresilian. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008, pp. 100.

34 JACQUEMOND, Richard. op. Cit., pp. 35-6.

A importância da literatura na vida intelectual egípcia indica também sua relevância para a história das ideias, que não pode se contentar com a anotação do discurso oficial de regimes autoritários. Na literatura do período, o historiador pode encontrar uma riqueza de dissenso, o que traduz uma sociedade civil que pensava a si e ao seu papel vis-à-vis uma estrutura de poder essencialmente monocrática.

Em meio à pluralidade de vozes que a literatura traz à tona, registra, modifica e põe em movimento no seu mundo recriado, o pesquisador deve caminhar guiado por seu propósito. A questão que motivou o trabalho, então, foram as possibilidades de fusão do tema da tarefa de libertação nacional com a crítica aos militares no poder. Que tipo de elementos tiveram de ser evocados nesta estratégia narrativa? Qual o efeito destas escolhas na formatação da crítica política? O que as limitações e as perspectivas abertas pela fusão indicam sobre a conjuntura do nascimento dos romances?

Das obras traduzidas para o inglês que a pesquisa conseguiu identificar³⁵, apenas duas tinham como objeto central no enredo a libertação *manu militari*: *Qissat Hubb (Uma História de Amor)*, vertida como *City of Love and Ashes*, um romance curto publicado em 1956 por Yusuf Idris, e *Harb fi barr al-Misr (Guerra no interior do Egito)*, ou *War in the Land of Egypt*, texto escrito em 1975 e publicado em Beirute apenas em 1978 pelo autor egípcio Yusuf al-Qa'id. Tratou-se de uma escolha conveniente, pois ambos os autores são bastante conhecidos e representativos de suas gerações.

Idris nasceu em 1927, em um vilarejo do Delta, filho de uma família de pequenos comerciantes – o que o coloca na terceira etapa da categorização social histórica dos escritores por Sabry Hafez: precedido pela primeira geração que provinha

35 Meu aprendizado do idioma árabe transcorre desde 2009, com resultados irregulares, de forma que optei por usar versões em inglês e me apoiar nos originais árabes apenas para cotejamento de trechos essenciais.

da elite fundiária (Tawfiq al-Hakim, Mohammed Taymur e outros) e, depois desta, pela geração de filhos da alta classe média urbana (Naguib Mahfouz, Adil Kamil).³⁶ Frequentou a faculdade de medicina nos anos intensos da luta antibritânica, da qual tomou parte como militante comunista.³⁷ Sua primeira coleção de contos, *Arkhas Layali*, foi publicada no ano de 1954, e desde esse momento sua produção mais prolífica e constante foi nesse gênero, mas teve também resultados vários no romance e na dramaturgia. Como traço característico presente desde o início de sua produção, está a tentativa pioneira de empregar uma linguagem que pode ser lida como o árabe falado popular (*ammyia*) mas disfarçada de *fus-ha*, o árabe clássico. Embora não rivalizasse em produtividade com Mahfouz, Idris considerou injusto que seu nome fosse preterido na indicação ao Prêmio Nobel em 1988. Em 1960, Idris abandonou sua carreira médica para se dedicar à escrita e ao jornalismo, empregando-se a partir daí no jornal mas antigo e importante do país, o *al-Ahram*. Sua posição política sofreu mudanças ao longo de sua carreira, tendo ele abandonado as fileiras do grupo comunista a que pertencia pouco depois da sua primeira prisão pelo novo regime, em 1955.³⁸ Seu apoio ao golpe de Nasser virou repúdio ao novo regime já por volta de 1954 – embora o tom contra o governo ficasse explícito apenas nos anos 1960. Mas sua atitude para com as vítimas da injustiça social nunca o abandonou.³⁹ Sua aversão à ingerência externa também parece constante, como se verificou em 1965 ao recusar o prêmio oferecido pelo Congresso para a Liberdade Cultural, uma organização que foi denunciada como agência norte-americana para formar tendências liberais e anticomunistas em elites intelectuais do mundo.⁴⁰

36 Cf. HAFEZ, op. Cit., p. 54.

37 Cf. JACQUEMOND, op. Cit., p. 259.

38 Cf. RAMADAN, Yasmine. **Narrative and Nation construction:** a study of André Malraux, Yusuf Idris and Arundhati Roy. Tese de mestrado. Cairo: The American University in Cairo, 2005, p. 33.

39 JOHNSON-DAVIES, Denys. "Introduction" in ____ (org.). **The Essential Yusuf Idris:** Masterpieces of the Egyptian Short Story. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008, pp. 2-3.

40 Cf. JACQUEMOND, op.cit., p. 106.

Qissat Hubb foi publicada em janeiro de 1956 na coleção de contos e novelas curtas *Jumhuriyyat Farahat*. Provavelmente escrita logo após seu encarceramento, a obra é normalmente referenciada como irmã-gêmea de outra, *al-Bayda*, mas, à diferença desta, que oferece um retrato de comunistas vivendo como jornalistas clandestinos nos primeiros anos do regime militar, *Qissat Hubb* trata de comunistas armados fugindo à repressão do governo anterior, e por isso foi lido erroneamente como libelo nasserista. Não obstante a análise que esta pesquisa desenvolve à frente, é fato que o texto veio à luz quando pairava sobre o autor um manto de silêncio da mídia. Sua literatura era impressa nos jornais e revistas, mas ninguém a comentava. Um ano depois da publicação, Idris estava sofrendo perseguição direta de Nasser. Ao ler entrevista de Sadat, então Ministro da Orientação Social, elogiando a participação do jovem médico na formação de uma nova cultura, e indicando que por isso ele recebera sinecuras no ministério, o presidente enfureceu-se e exigiu a demissão de Idris dos cargos oficiais. Idris foi declarado inimigo da revolução e amargou um período de nove meses quase sem publicar nada, à exceção de um conto, *al-Askari al-Aswad (O policial negro)*, que contou com a ajuda do editor da revista *al-Katib*, Salah Salim. Significativamente, o conto enfoca a tortura de prisioneiros políticos pelo policial, cuja psiquê se desfigura pelo bárbaro método tanto quanto a de suas vítimas. Embora a ação ocorra em 1949, a publicação em época de detenção e tortura de milhares de ativistas políticos, entre eles o próprio autor, implicava uma interpretação inequívoca.⁴¹ Este ponto é crucial para a interpretação de *Qissat Hubb*, uma antecipação do método de veicular a crítica ao regime, como veremos nos capítulos a seguir.

41 Cf. STAGH, Marina. **The Limits of Freedom of Speech: Prose Literature and Prose Writers in Egypt under Nasser and Sadat.** Tese de Doutorado. Acta Universitatis Stockholmiensis. Stockholm Oriental Studies, 1993, p. 272.

Nascido em 1944 na quarta geração conforme a categorização de Hafez – os filhos das classes trabalhadoras, que agora tinham acesso à educação –, Mohammad Yusuf al-Qa'id era filho de camponeses também do vale da foz do Nilo, na vila de al-Dahariyya.⁴² Prestou serviço militar de 1965 a 1972, o que o fez viver de perto a realidade das duas guerras ocorridas nesse período, a de Suez e a dos Seis Dias. Ao fim deste mudou-se para o Cairo e começou a estabelecer relações com os jovens escritores que ficariam conhecidos como Geração dos anos 60.⁴³ Sua primeira publicação, *al-Hidad*, é paga de seu próprio bolso⁴⁴ e se dá em 1969, mesmo ano em que estreou seu amigo Gamal al-Ghitani. Exercendo variações na voz narrativa (da multiplicidade da obra que enfocaremos à figura do supernarrador de *Akhbar 'Izabat al-Manisi*, de 1971), al-Qa'id marcou em sua obra a relatividade do discurso, uma contribuição forte ao neorealismo. A combinação de experimento literário com crítica social, para Paul Starkey, encontrou em al-Qa'id um expoente competente e dedicado.⁴⁵ A partir de 1974, al-Qa'id trabalhou como jornalista para o grupo da revista *al-Hilal*.

Os originais de *Harb fi barr Misr*, que al-Qa'id entregou pessoalmente ao censor, sofreram banimento explícito em 1975, um ano antes da suspensão da censura. Não lhe foi informada a razão, e o autor deduziu-a da tematização da Guerra de Outubro de 1973.⁴⁶

Analisando as circunstâncias políticas que cercam a publicação das obras, este estudo visa a contrastar as possibilidades interpretativas dos enredos com o discurso oficial e os dados históricos sobre sua penetração social. Ao tomar dois momentos distintos do regime militar, com dois governantes de características muito distantes, a

42 Cf. ELAD, Ami. *The Village Novel in Modern Egyptian Literature*. Berlim: Klaus Schwarz Verlag, 1994, p. 20.

43 Cf. JACQUEMOND, op. Cit., pp. 274-5.

44 Cf. STAGH, op. Cit., p. 249

45 Cf. STARKEY, Paul. "Al-Qa'id, [Muhammad] Yusuf" in MICSAMI, Julie Scott; STARKEY, Paul (orgs.). *Encyclopaedia of Arabic Literature*. v. 2. New York: Routledge, 1998, p. 628.

46 Cf. STAGH, op. Cit., p. 257.

comparação dos métodos – ou, melhor dizendo, a estratégia narrativa – aplicados nos dois livros busca uma compreensão acerca do espaço conquistado para a crítica política no imaginário social daquela época. Portanto, com a comunicação social objetivada pelos dois romances (não necessariamente igual à intenção dos autores) na alça de mira deste trabalho, busca-se identificar um pouco do caminho percorrido pelos anseios e aspirações dos egípcios de então.

2. A NÓS, AS ARMAS!

2.1. O povo em cena

Para captar a ideia forte que surge dos dois romances, é preciso começar pela análise da forma como o povo é construído e sua participação nos enredos. Antes de mais, é preciso descobrir quem é esta massa e o que a caracteriza como povo – os elementos que a fixam como o depositário da própria essência da nacionalidade egípcia.

O efeito descritivo é uma das qualidades mais destacadas do texto de Yusuf Idris. Sua pena constrói cenários e personagens com grande riqueza realista, e parte significativa destes provêm de uma camada social de trabalhadores braçais, pequenos funcionários públicos e gente sem ocupação fixa. *City of Love and Ashes*, uma obra editada no segundo livro publicado do autor, é exemplar desse traço que persistirá em toda sua carreira. Eis a linha de abertura:

O terminal do elétrico em Shubra al-Balad é mais do que o início de uma linha. É o pivô da constante troca entre o Cairo e seus subúrbios, entre a cidade e as muitas fábricas espalhadas a seu redor. Você vê aqui a gente dos vilarejos chegando à capital, admirada pela cidade, atônita com o burburinho do grande alvoroço e do novo mundo. Você vê trabalhadores carrancudos no agito também, ressentidos da cidade mas impossibilitados de escapar a ela. (CLA, p.3)

A descrição lúcida, porém apaixonada, está assim criando a ambientação primeira do romance: não estamos no centro. Muito pelo contrário, o ponta-pé da ação anuncia-se nas franjas da metrópole, na zona de transição. De um lado, temos um local remoto, este que apenas é referido pelos rostos da gente do vilarejo. Ela vem representando uma população autóctone ancestral, o *fellah*, camponês do vale do Nilo, este rio que anualmente transbordava e em seu rastro polvilhava o vale com lama,

fertilidade e vida: os vilarejos, cuja simples menção, para uma população recém-urbanizada⁴⁷, é o quanto basta para evocar a vida comunitária entre canais e búfalos d'água, entre caniços e casebres de palha. E, aguardando do outro lado da travessia férrea, este outro lugar que também claramente se demarca sensorialmente: é o barulho, a energia do movimento, a grande maquinaria. É um “novo mundo”, apenas sugerido aqui pelas entranhas – as fábricas que o alimentam a partir dos subúrbios. O corpo monstruoso que se anuncia é a cidade cujo nome metonimiza o país: em árabe, pode-se chamá-la Al-Qahira (a Vitoriosa) ou, mais diretamente, Misr (Egito).

A primeira impressão é de que estamos perante o *topos* da modernidade *versus* tradição, um elemento comum nos enredos das primeiras novelas egípcias – datando então de pouco menos de pouco mais de trinta anos, portanto um período recente. Mas não, logo vemos que está em jogo outra contraposição, embora também decorrente da modernização capitalista – é do mundo como maquinaria do trabalho, das imposições da cadeia produtiva industrial findas as quais começa o tempo diário de liberdade. De um lado, apenas referido, um mundo do rigor da ordem estabelecida fora do âmbito do personagem; de outro, o mundo no qual se respira livremente, os anseios profundos se desenrolam e conforma-se a possibilidade da ação que há de recair sobre o herói, Hamza, assim apresentado:

Enquanto espera ele inspira profundamente, prazerosamente, pois o terminal era também o pivô do constante câmbio entre a comprimida vida que levava nas manhãs

47 O Egito é, evidentemente, um território que conheceu grandes cidades desde muito cedo, muito antes do renascimento urbano experimentado na Europa. No entanto, na segunda metade do século XX a modalidade urbana cresceu rapidamente e, mais ainda, tendeu à conurbação. Hoje, uma extensa mancha urbana engloba as províncias do Cairo, Giza e Qalyubiyya, e outra em toda a bifurcação do Nilo em seu delta. Autores chegam a falar na dissolução da separação entre o rif (campo) e a hadara (civilização estabilizada em base urbana), como uma grande “cidade diluída” - e a impressão do autor em viagens de trem entre Cairo e Alexandria corrobora-o. BATTESTI, Vincent. PUIG, Nicolas. “Comment peut-on être urbain? Villes et vies urbaines” in BATTESTI, Vincent. IRETON, François (orgs.). **L'Egypte au présent: inventaire d'une société avant révolution**. Paris: Sindbad, 2011, p. 146.

entre os jalecos brancos, os concentrados de tinta e os tubos de teste e a vida livre e aberta que começava assim que pisava na plataforma da estação. (CLA, p.3)

Desta vida dupla, interessará ao romance a segunda, toda ela realizada nessa região de subúrbio, a zona em que as inibições se perdem pois a massa trabalhadora já não está sob o controle externo do processo de trabalho. Assim, os rostos cansados, “sérios e duros” (p.3) à sua volta sofrem uma alteração assim que o movimento da composição começa e estão a caminho de casa. Assim livres do ambiente do trabalho, os passageiros, uma massa reunida ali no transporte coletivo, começam a manifestar sua inquietação mais profunda:

Quando o condutor terminava de emitir os tíquetes os passageiros já haviam relaxado, e quaisquer barreiras de reserva e alienação entre si haviam-se levantado. Hamza aguçou a audição para ouvir suas conversas. Não as usuais alterações, apologias, chistes – apenas o inglês... o inglês...⁴⁸ batalhões, unidades, Kafr Abduh⁴⁹, tanques... Erskine e as tropas egípcias... quatro soldados ingleses mortos... as bombas d’água explodidas... o dia deles chegará, os bastardos... Por Deus, empurrar-los-emos pra fora do Egito dançando e cantando todo o caminho... Se tivéssemos armas... Precisamos de armas... Onde podemos arranjá-las?... Onde? Há meios... Se apenas eles viessem pra fora e lutassem mano a mano! (p.4)

O tom é incendiário. O flagelo do “inglês” está na boca do povo. As massas estão revoltadas. Os trabalhadores querem armas. No seu momento de desafogo do mundo do trabalho, os operários “carrancudos” e os camponeses “atônitos”, que normalmente se entrosariam numa rede de provocações bem ou mal-humoradas, agora querem falar de expulsar, aos pulinhos e volteios, os colonizadores ingleses do Egito.

48 No original em árabe: “al-ingliz.. al-ingliz..” IDRIS, Yusuf. **Rawiyat**. Cairo: Dar el-shorouk, v.2, p.825. A referência ao original se faz necessária, aqui, para recuperar a forma de expressão popular, uma vez que lhe é tradicional referir-se no singular ao sujeito considerado opressor.

49 Kafr Abduh é um povoado destruído em dezembro de 1951 pela artilharia britânica, em represália à ação de fedaiyyins. Em resposta ao massacre, o governo egípcio permite oficialmente o armamento da população. ABDEL-MALEK, Anouar. **Egíto, Sociedad Militar: sociedad y ejército 1952-1967**. Tecnos: Madrid, 1967, p.53.

Assim arrançados, estes elementos apontam para a reivindicação da nacionalidade no seio do setor social que mais sofre com a vida cotidiana, mas se torna uma única força pulsante que anseia pela ação em defesa do país. Como veremos, a ideia retornará inúmeras vezes.

2.2. Camponeses desunidos

Identificar o povo no enredo de *War in the Land of Egypt* é um esforço mais cuidadoso. A primeira dificuldade no caminho do intérprete é desvendar o significado social de cada personagem por trás de seu discurso parcial. Explicamo-nos: o enredo é uma sucessão de depoimentos dos personagens envolvidos na trama que levou o garoto camponês, Masri, à morte no front da guerra de outubro de 1973. São todos, de certa forma, cúmplices – portanto, o romance grita ao leitor: nenhum depoimento é confiável, nenhum personagem é glorificável.

Importante peça do movimento conhecido como Geração dos Sessenta, esta obra ilustra a crise cultural aberta com a debacle da guerra de 1967, fazendo com que os jovens autores começassem a revisar a tradição realista e engajada e partissem em busca da experimentação formal ou de conteúdo: aqui, é a estrutura narrativa que abre um campo inédito na prosa egípcia. Tomando de empréstimo a proposta de John dos Passos de múltiplas vozes – também explorado por Naguib Mahfouz em *Miramar*, de 1967 –, al-Qa'id modifica-o fazendo com que cada narrador assuma o enredo do ponto de onde o prévio parou, e prossiga até o momento em que entra em cena o narrador seguinte. Desta forma, o tempo narrativo não se sobrepõe ao longo do livro, fluindo de um capítulo-testemunho a outro.

Não se trata de uma falta de elementos para determinar quem é pobre e desprovido de quem tem posses, recursos e meios para governar seu próprio destino e o de outros. O texto de al-Qa'id não parece deixar margem para dúvida a respeito de quem é o explorado e o oprimido.

Por causa da centralidade do tema da desigualdade social, que a abundância de exemplos a seguir visa a provar, é possível caracterizar algumas marcas sociais fundamentais. Há uma massa que “dorme de estômago vazio”, imagem citada repetidas vezes. A esta categoria pertencem Masri, o personagem principal, seu pai e seus colegas camponeses. Já o primeiro narrador, o *umda* – um chefe hereditário de vilarejo –, antigo latifundiário, encarrega-se de caracterizar seus inimigos debaixo. Assim, sua raiva direciona-se a este tempo em que “Pessoas que tinham estômagos cheios apenas em seus sonhos agora ousavam nos desafiar, ao passo que apenas alguns dias antes nenhum dos habitantes da vila teriam ousado passar por meu pai sem apear de seu burrico”(WLE, p.19). Outra imagem de carência surge no apelo ao leitor feito pelo atravessador, o segundo narrador cujo papel é corromper oficiais do exército e governo a fim de passar Masri como o filho do *umda*. Caído em desgraça como um dos vários funcionários públicos corruptos e execrado como bode expiatório, o atravessador leva uma vida de facilitar favores ou perdões governamentais e, em defesa de suas ações escusas, evoca suas razões íntimas, efetivamente colocando-se como parte desta massa de miseráveis e – possibilidade destravada pelas experimentações técnicas da geração dos 60 – interpondo uma barreira com o próprio leitor:

Nenhum de vocês realmente entende o dito ‘A fome faz o homem blasfemar’ – especialmente se você estiver lendo isto sentado numa poltrona de um apartamento moderno⁵⁰, com seu estômago abarrotado de comida, bêbado de tanto comer. Comida

50 Mais tarde, nos anos 70 e 80 de abertura ao comércio externo, ter um “apartamento moderno” era tão importante do Egito que foi brilhantemente colocado como o móvel maior de uma dona de casa consumista em Zaat, de Sonallah Ibrahim, talvez o maior expoente da geração dos 60.

boa, gorda, deixa-o bêbado como por vinho, então você não acreditará quando eu repetir: ‘A fome faz o homem blasfemar’ (WLE, p.48)

Uma digressão se faz pertinente. Este trecho condensa a experiência trágica do romance: os participantes do engodo sabem o resultado maligno de sua ação, mas nada podem fazer senão seguir seu curso e escusar-se apontando o profundo isolamento que sentem. Minhas ações são reflexo da minha condição individual e esta é incomunicável ao leitor, parecem dizer – e, não obstante, eles estão convocados a narrar e a se explicar. O fio narrativo corre em uma tensão entre o dever moral de revelar a verdade e a necessidade íntima de justificar-se, já que nenhum comportamento mudará.

O atravessador também mapeia sentimentalmente o “povão”, agora juntando a fome com a vontade de ler: “Até onde sabia, estava apenas aliviando o fardo dos pobres e desgraçados que não podiam diferenciar a letra ‘a’ de uma espiga de milho⁵¹. Três quartos de nosso povo é iletrado, e eu estava compensando seu atraso.” (WLE, pp.41-42)

Eis como o vigia noturno, o pai de Masri e terceiro narrador, nota a voz embargada do umda, quando este vem oferecer o acordo de troca na convocatória do exército: “Este homem, pensei eu, comeu a sua cota, e agora sua garganta está tão engasgada com tanto comer que sua voz exala cheiro de carne e frango, manteiga e cebolas fritas.” (WLE, pp.74-75). Esta diferenciação entre aquele que come como um pecado capital e aquele que apenas pode idealizar o prazer da fartura continua quando um banquete é trazido para aumentar o poder de persuasão do latifundiário sobre o camponês, cujo desconhecimento sobre o manejo dos utensílios o leva a evitar as comidas mais atraentes:

51 Alif, a letra ‘a’ do alfabeto árabe, é uma linha vertical.

Pus de lado minha faca e garfo, e comi o que podia com a colher: sopa, arroz, vegetais e salada. O umda fora familiarizado com todos os tipos de comida por anos e anos – uma intimidade que eu não compartilhava. Conforme começava sua refeição, abarrotando sua boca com carne, sua face relaxava, e ao olhar para ele você pensaria que nada no mundo lhe dava mais prazer. (WLE, p. 86)

É a vida em carência, delineada em claridade total na visão de mundo do camponês, um ápice do grito quase mudo de desespero impotente: “Toda minha vida estive faminto o dia todo: faminto por sono, faminto por pão, faminto por me agasalhar, faminto por descanso – toda uma vida de fome.” (WLE, p.86)

Mais ainda, no camponês é quase instintiva a percepção sobre as marcas de diferença social: “O sono tem uma fragrância que posso sentir. Divide as pessoas em duas categorias: aqueles que conseguem tanto sono quanto desejam, e aqueles que não.” (WLE, p.87). De fato, é uma perfeita consciência demonstrada pela gente “que vive da mão à boca” (o vigia sobre si mesmo, WLE, p.89). Esta mesma marca distingue perfeitamente a identidade de seus iguais. Masri relata a vida do vilarejo ao amigo soldado, conforme narrado por este, o quarto no alinhamento dos capítulos:

Certa noite conversávamos e ele falava bastante sobre as pessoas que vão para a cama com fome e mal têm o necessário para viver. Aquilo me surpreendeu, pois de acordo com sua ficha, seu pai era um umda, e todo mundo sabe que umdas são ricos. Quando eu disse o quão admirado estava por sua preocupação com os pobres e necessitados, ele se precipitou: ‘Mas eu sou um del...’ e parou de súbito, e eu não fiz a pergunta que estava escrita na minha cara. (WLE, p.101).

Conforme o engodo em que Masri foi envolvido vai se encaminhando para seu desfecho em desgraça, os contrastes vão ficando cada vez mais explícitos para os narradores, como vemos no trecho do investigador:

A resposta reside no fosso entre a imensa mansão branca do umda, que brilha mesmo à noite, e a casa, ou antes casebre, onde mora a família de Masri, e no contraste entre o

próprio umda, com sua grande carcaça de elefante, e o pai de Masri, com sua pele tão esticada sobre seus ossos que parece que vão irromper a qualquer momento. (WLE, p. 110)

Agora já podemos afirmar que estamos diante de uma separação, senão sistêmica, ao menos concreta das classes: o umda provém da classe de “boa extração” e o outro, o vigia e seu filho, da que “vai dormir com fome” (WLE, p.163). A uma, sobra estirpe e meios. À outra, falta trabalho e sustento. Uma tem tal domínio das forças sociais e econômicas que pode tramar a manutenção de seus privilégios mesmo em condições adversas, a outra é necessitada a tal ponto que só se lhe sobra resignar-se à submissão. No entanto, o caminho a que se chegou é sempre o da sensação, como se nota em mais um reforço da imagem do cheiro de comida e glotonice na pessoa do umda, dessa vez referida pelo investigador, o último dos narradores: “Sua voz era relaxada, carregada do cheiro de carne e gordura e frango e peru. A carne de seu rosto e mãos fazia dobras.” (WLE, p.160)

Isso satisfaz a análise no que compete à descrição do cenário social: uma divisão tão bem demarcada que sua potência pode ter sido mesmo um dos fatores do banimento do livro no Egito. No entanto, ainda estamos longe da base de comparação que *City of Love and Ashes* lançou: a nacionalidade está na classe mais oprimida, quem defende o Egito é este setor apontado no texto, que provisoriamente, seguindo o termo do nacionalismo, chamaremos de povo. Crucial para essa definição é o sentimento de união, de povo unido por um propósito. À diferença de Idris, este Yussuf não permite tal salto.

O primeiro episódio que vem à mente como indício de tal atitude do texto ocorre quando o oficial de polícia aparece no vilarejo para anunciar que a terra confiscada e

estatizada nas reformas agrárias de Nasser⁵² estava sendo oficialmente devolvida ao antigo proprietário, o umda. Tratava-se de uma confirmação rápida demais: os camponeses sabiam da decisão há três dias, mas esperavam que a justiça agisse com letargia para despachar uma ordem oficial. Enquanto isso, prometiam união e resistência, apesar da viúva que os alertava: “Água nunca corre pra cima. O umda vai tomar a terra a despeito do que fizermos.” (WLE, p. 68). A súbita chegada do oficial confirmava as piores expectativas. Após uma insípida e absurda tentativa de promessa de justiça – “Deus irá protegê-los (...) e, depois de Deus, vocês têm o umda. Ele será o responsável por levar sua situação à atenção das autoridades competentes (...). O Egito jamais deixará seus filhos sem terra ou trabalho.” (WLE, p. 70) –, o oficial retira-se da sala. O vigia noturno, que relata a cena, admite:

Então o oficial saiu para ver o umda, enquanto nós cerrávamos os punhos, desesperados. Não conseguíamos chegar a um acordo entre nós mesmos, e bem parecia que o oficial estava deliberadamente dando-nos a chance de cairmos uns sobre os outros.

Alguns diziam que, se essa era a justiça egípcia, emigrariam. (...) Outros diziam que seria mais honrável vender a terra e os animais e comprar armas, mesmo que tivéssemos de lutar até contra o governo. Com certeza, disse um deles, se isso tivesse acontecido no Alto Egito, o oficial jamais partiria com vida, mesmo se tivesse um

52 A reforma agrária havia sido longamente debatida no Egito pré-52 como forma de estabilizar a insegurança econômica dos camponeses e assentá-los no campo, mas principalmente como forma de liberar capitais para investimento industrial. A primeira reforma agrária, de setembro de 1952, desenhada pelos tradutores de *Das Kapital* Ahmad Fu'ad e Rashid al-Barawy, alvejou 10% das propriedades rurais, composto das terras da monarquia e de 15 a 20 famílias, que seriam redistribuídas para 226 mil famílias. Limitou a propriedade a 300 feddans (200 é o limite individual, mas com adição de 100 para pais de família com mais de dois filhos) e compensou as famílias expropriadas. O governo incentivaria uso co-operativo destas terras. Entre 1952 e 1957, esta estatização e o investimento em alguns setores industriais pesados e na usina de Assuan seriam as únicas intervenções estatais na economia. Já a partir de 1958, modificações na reforma agrária vão sendo realizadas para tornar mais sustentável o uso pelos pequenos camponeses e expandir a área afetada. De forma que em julho de 1961 um novo decreto limita a propriedade máxima da terra a 100 feddans, incluindo zonas de deserto e resguardo, além de restringir o uso direto a 50 feddans, o resto devendo ser arrendado sob preços fixados em lei. Com isso o governo chegou a 1,1 milhão de feddans redistribuídos, quase o dobro do alcance anterior. ALEXANDER, op. Cit., pp. 54-55 e 118. e ABDEL-MALEK, op. Cit., 96-102.

exército inteiro junto de si.⁵³ Toda essa falação não nos levou a nada. (WLE, pp. 70-71)

A desunião aparece como um traço definitivo: não espere o leitor que dos camponeses saia a resistência coesa à sucessão de eventos que isolará Masri em seu destino fatal. À página 74, surpreende-nos já uma informação que desfaz a expectativa de ler nas páginas seguintes a descrição emocionante de uma revolta generalizada. O vigia é chamado ao *dawar*, o salão do umda, ainda sem suspeitar que ali receberia a primeira oferta (ou intimação) a ceder o filho Masri para o engodo. Há um espanto com o inédito tratamento cortês que recebe já desde que o umda toma a iniciativa e estende a mão para o vigia antes deste buscá-la, que atinge nota de ironia perfeita quando o umda, ao invés de dispor sua mão a um beija-mão protocolar do vigia, esquece-a ali por alguns momentos como um ato de profunda generosidade: “(...) ele imagina que nós gostamos que ele deixe mais sua mão para nós continuarmos e continuarmos a beijá-la daquele jeito.” (WLE, p.73). E então o umda passa a tapinhas nas costas, e o peso de sua mão gorda “pela vida rica dos bons velhos tempos” apavora o vigia: “Não há carne na minha mão, ou nas mãos de milhares como eu; mas eu temia que ele pudesse se machucar pois minha coluna é afiada como uma fileira de pregos.” (WLE, p.73).

Existe ambiguidade nesta sentença, pois até saber da proposta de engodo, o camponês estava atribuindo a cortesia inesperada do umda a uma reversão da decisão do governo, a uma manutenção da terra com seus pequenos arrendatários. Mas o leitor já passou pelos dois testemunhos prévios e sabe que a real fonte da amabilidade daquele grande proprietário, e portanto não pode evitar um tom melancólico na imagem da coluna vergada de tal forma que já nem pode mais aguentar tapinhas condescendentes.

Assim, temos um retrato triste de uma classe que não consegue se erguer.

53 Os sa'iidinin, habitantes do Alto Egito, de vida majoritariamente rural, são tidos como matutos: espertos e vigorosos. Uma recordação pessoal marcou o pesquisador: nos protestos da praça Tahrir em fevereiro de 2011, dizia-se: “quando os sa'iidinin chegarem, Mubarak cai”. Nasser era sa'iidiin.

É de fato esta a sensação de abandono que o acomete quando se vê forçado a alistar no exército como o filho do umda, para que o pai não perdesse a terra e o ordenado de vigia noturno da casa do mesmo. Quando, já na caserna, o fardo da mascarada já se tornava óbvio para seu colega de exército, Masri por fim desaba a falar, desafogando seu coração. Explica (sempre na voz indireta, pois quem relata é o Amigo) que tinham certeza de que a terra não voltaria aos camponeses arrendatários do Estado:

Fomos às autoridades e perguntamos como viveríamos se ele [o umda] nos tomasse a terra, e elas nos disseram que isso não estava em questão, primeiro deveríamos entregar a terra e depois ir aos tribunais sobre isso. Os tribunais estavam abertos a todos, porque este era um tempo no qual a justiça floresce como nunca na história do Egito. Disseram-nos isto para nos enganar, porque este era um caso político mais do que criminal.” (WLE, pp. 107-8)

Na sequência, o discurso de Masri pontua a divisão das vítimas, anunciando a traição na intimidade de sua família:

Os camponeses estavam divididos em duas facções sobre isso, com um lado sustentando que deveríamos abrir mão da terra e ir aos tribunais, e o outro jurando nunca abrir mão sem derramamento de sangue, mesmo que significasse enfrentar-se com o governo. Enquanto isso, o umda estava barganhando com um terceiro grupo, que incluía meu pai. (WLE, p. 108)

Com amargor, o herói da história acusa o golpe do destino, o pathos inexorável que se lhe apresenta:

Então a história do serviço militar apareceu, e o umda disse a meu pai: ‘Seu filho terá de ir em troca de você manter a terra.’ Meu pai concordou com isso – aliás, a família toda estava extasiada com a barganha – mas eu me recusei a ter qualquer coisa a ver com isso, sequer o debateria. De qualquer maneira, o povo na minha vila não sabe o que “debater” significa. Pela forma como minha família me olhava, eu sabia que eles pensavam que eu me recusava a fazê-lo porque era muito egoísta para fazer um sacrifício. Eles sequer entendiam por que eu o chamava de sacrifício.” (WLE, p. 108)

Desta forma, a desarticulação do povo aparece dentro da família. Por causa do interesse imediato de encontrar uma saída restrita, individual quase, a um problema social que ameaça a sobrevivência destes camponeses mas também de todos os outros, o pai torna-se cúmplice na derrota moral do único varão, e com ele a família lança seu membro mais capaz e inteligente como item de barganha com o próprio beneficiário da injustiça, o umda. A implicação da atitude não parece clara à família, e de fato o atravessador dourara a pílula do acordo prometendo que, uma vez terminado o serviço militar e ainda sob a identidade falsa do filho do umda, Masri poderia seguir os estudos que tanto almejava. Mas ao leitor que necessariamente conhece a história das sangrentas guerras entre Israel e os países árabes, a participação no exército após 1967, uma guerra que trouxe tropas ocupantes israelenses para dentro do Egito e fechou o Canal de Suez, só poderia significar a probabilidade de se ver no front de um novo episódio bélico. Que a família tivesse empurrado Masri a aceitar a incumbência aparece, portanto, como uma dissonância trágica no seio da instituição-refúgio⁵⁴.

Como um agrupamento humano unido na crença de compartilhar uma trajetória comum (passado e futuro), a nação tem sido comparada à família tanto no uso instrumental no discurso de líderes nacionalistas quanto em algumas das linhas dos estudos acadêmicos.⁵⁵ Se pudermos tomar a nação como uma entidade relacionada (para os fins aqui colocados, sem importar o grau dessa relação) com a família, a interpretação crítica do texto de al-Qa'id chegará a um patamar superior. Assim, o texto está construindo uma dimensão empática com o herói tomado de forma concreta, mas

54 Para o debate a respeito do caráter da família, ver LASH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. Família: refúgio ou instituição sitiada? São Paulo: Paz e Terra, 1991.

55 A questão de muitos estudiosos da nação é explicá-la como equivalente a formas de solidariedade anteriores, ligadas a comunidades tradicionais e famílias. CURTO, Diogo Ramada. JERÓNIMO, Miguel Bandeira. DOMINGOS, Nuno. “Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral)”, **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.24, n. 2., pp. 33 a 58.

também como um símbolo generalizante da vítima de uma sucessão de abandonos: pelo governo, pela justiça, pela classe proprietária, pela família – pela nação.

Esta reflexão, no entanto, não se encerra neste ponto. A arquitetura de *War in the Land of Egypt* inseriu um elemento muito mais perturbador: o nome do personagem principal. Se os demais personagens não têm substantivo próprio mas sim o de suas ocupações (ou posição na trama, como o Amigo soldado), o de Masri é muito mais do que isso: é o gentílico mesmo de todo o país, em árabe. Forçosamente, estamos diante de um símbolo.

Embora o signo já esteja resolvido desde o primeiro capítulo – o Egípcio, e sua morte predestinada -, a caracterização deste símbolo, como é de resto a estratégia narrativa de toda a obra, vai-se dando aos poucos na primeira metade do livro. Inaugura sua sina um papelzinho apresentado ao umda, com seu nome anotado como única opção de homem nascido no mesmo dia do filho do latifundiário. “Irritado, mandei que me encontrasse qualquer outro”, é a primeira reação, e se explica: “O fato é que este garoto Masri é o filho de um vigia aposentado, e é conhecido em toda o vilarejo por sua inteligência e seu bom histórico escolar; ele sempre é o primeiro da classe, e não fiz segredo de minha admiração por ele. Quantas vezes não senti inveja e desejei que ele fosse meu filho!” (WLE, p. 29). No capítulo do atravessador, o plano do engodo inclui sequestrar todos os documentos de Masri e simular sua morte na papelada burocrática. As pitadas cômicas são reveladoras da atmosfera criada pelo recurso corriqueiro e incessante às “razões de Estado”, típico da militarização de qualquer regime político: o enterro ao lado do hospital que forneceria o falso atestado de óbito por doença contagiosa não seria informado à família de Masri “para evitar rumores, já que este é um momento crítico para nosso amado Egito, cercado por seus inimigos.” (WLE, p. 51)

A descrição da personalidade de Masri é preterida em favor da força de símbolo. Se o texto flerta em algum momento com um herói romântico, é neste. Até o capítulo do meio – e da efetivação da morte de Masri –, pouco sabemos dele senão que era o melhor aluno da classe, mas a pobreza e a necessidade de ajudar seu pai sem recursos forçaram-no a abandonar o colégio e ir para a lida no campo. Também sabemos que, não obstante as dificuldades, com grande resiliência, Masri se aplicou como pôde aos estudos, tomando cadernos de segunda mão e finalmente passando nos exames escolares que lhe deram uma certificação que nenhum outro da família teve. Sabemos também que seu coração nutria um sentimento de revolta contra a injustiça, e a amargura que foi sentir-se traído no seio familiar. Mas isso é tudo, até que o Amigo, no seu capítulo, o do meio, de chofre nos desvela um retrato detalhado de Masri:

Masri era um jovem transbordante de ambições, cheio de contradições do nosso país: amor pelo mundo mas indiferente a ele, ousado e tímido ao mesmo tempo, coragem e medo, um exterior calmo e uma vida interna fervendo de fúria e rebelião. Árdua e longamente busquei as palavras certas para descrevê-lo, penso que finalmente as encontrei: ele era desconfiado, cético e adolescente, e teria permanecido assim se vivesse até os noventa. (WLE, p. 109)

Na clareza da evocação, temos a correspondência: o Egípcio é o Egito. País jovem, corajoso mas retraído, pacato mas tenso – uma mola comprimida. Note-se bem que não existe segmentação povo-elite: as características de Masri são, indiscriminadamente, as de todo egípcio. É uma metáfora todo-poderosa, *all-encompassing*, muito diferente da tese presente no livro de Idris, pelo qual somos levados a identificar a comunhão amorosa com a nação por um viés claro, o da massa de gente pobre, oprimida. Esta diferença ficará mais clara no trecho a seguir, ainda no mesmo fôlego narrativo do Amigo:

A ingenuidade adolescente de Masri brotava de sua desconfiança e seu ceticismo; ele aceitava o mundo sem pensar, mas quando se embatia com a realidade, todo seu universo imergia em incerteza. Seria por isso que as coisas aconteciam a ele daquele jeito? Não posso responder esta pergunta (...), mas eu acho que Masri estava atravessado pelo destino. Toda geração tem seu destino; o da nossa geração de egípcios, por exemplo, foi... preciso continuar? Nossas ambições eram maiores do que nosso poder de conquistá-las, e quando demos um passo à frente descobrimos que o chão não era mais firme sob nossos pés. Erguemos a vista para as nuvens, mas os céus desapareceram sobre nós. No momento em que alcançamos e agarramos a verdade sobre nossa geração, nosso líder se sacrificou e nos deixou quando mais precisávamos dele. (WLE, p. 109-110)

Dramaticamente, o Amigo testemunha a dor da ambição nacional feita em pedaços pela guerra de 1967 – tamanha derrota que levou Nasser a propor sua renúncia, gerando grande reação popular que acabou mantendo-o no cargo, mas com um desgosto que acelerou sua morte em 1970.⁵⁶ Se a simbologia do nome propõe uma imagem estática para o conjunto da nação, o elemento geracional inserido no discurso do Amigo leva a interpretação para uma qualificação temporal: não se trata de qualquer Egito (o dos faraós, por exemplo: como vimos em Idris, as imagens da ancestralidade faraônica do vale fértil e seus camponeses existe, tem apelo e é corriqueira na literatura da *nahda*⁵⁷), mas da geração jovem que viu um governo assenhorar-se do Canal dominado por ingleses, vencer uma guerra orquestrada por dois grandes impérios dos séculos XIX e XX e um agressivo novo vizinho, e por fim desejar capitanear revoltas antimonarquistas e anti-imperialistas de todos os povos árabes. É a imagem de um momento em que a nação teria dissolvido outros coletivos em um grande “nós”, esta primeira pessoa do plural que ergueu os olhos aos céus. No momento em que tomaram a

56 O secretário da presidência assim descrevia o efeito da derrota na saúde de Nasser: “A guerra dos seis dias o envelheceu em dez anos. Sofrendo já de diabetes, agora ele tinha que lidar com severas dores nas pernas que o impediam de ficar de pé por muito tempo. Não sentia vontade de falar, e parecia profundamente perturbado. Todos nós que éramos próximos dele sentíamos que, por causa da raiva, pesar e dor, o coração o tinha abandonado.” Abd-al-Magid Farid, apud ALEXANDER, op. Cit., p. 149.

57 O renascimento cultural e literário iniciado na segunda metade do século XIX.

dura lição do mundo, os egípcios deste tempo perceberam que já não estavam mais amparados em seu líder, que sua figura paternal não estava mais lá. E o que aprendem, afinal, é que não são mais uma entidade única, mas um punhado de categorias sociais de interesses díspares entre si, mas com um defunto a resolver.

2.3. O povo em 1952, uma força latente

A força da classe social mais pauperizada, que aparece fragmentada, desarticulada e por fim débil no romance de Yusuf al-Qa'id, tem uma outra configuração em *City of Love and Ashes*. Ao longo do texto, demonstrar uma potência dos mais oprimidos caminha paripassu com a preocupação em situá-los no centro dos eventos decisivos da vida política egípcia.

É assim que Hamza, o herói que organiza e dirige um campo de treinamento de guerrilha, parte para o vilarejo de al-Qarin para negociar a compra de armas, com o dinheiro coletado por Fawzyia, a professora de boa família que visitara o campo para oferecer apoio aos revolucionários. Recuperando cenas bucólicas típicas do campo árabe de meados do século, onde o tempo parecia não ter passado, Yusuf Idris retrata a bonomia a elas comumente associada:

O fim de tarde num vilarejo como este era uma experiência nova para Hamza. Umhas poucas e mortijas lâmpadas a gás e algumas de querosene, com e sem vidro. Pessoas andando pra cima e pra baixo, saindo da escuridão de uma rua para desaparecer na escuridão de outra. Movimento vagaroso, sem vida. Gado vagando por aí, gado sendo levado pra casa⁵⁸. (CLA, p. 14)

58 Nos vilarejos árabes, é normal e corrente que entre as casas se encontrem estábulos: os animais são retirados de dia e levados ao pastoreio em terras comuns, e retornam à noite.

Mais uma vez, o propósito da ambientação não é a mera descrição nem a retomada do topos da tradição, mas o reforço de que é neste ambiente simples que a surpresa com o sujeito social se desenrola, e então temos, na continuação do trecho:

Impossível de acreditar que ao longo dos anos o povo deste vilarejo matou sozinho centenas de soldados britânicos, e que por causa de suas ações hostis contra o Império Britânico interrogatórios foram feitos na Câmara dos Comuns [House of Commons, a câmara de deputados inglesa]. (CLA, p.14)

Esta evidência à larga não poderia ser mais direta: aquela gente de um vilarejo chamado al-Qarin⁵⁹ impunha-se mesmo a milhares de quilômetros de distância, no coração do Império inglês. O povo egípcio tinha a força necessária para ser um espinho encravado na carne da grande potência.

Esta proposição é um fio que vai alinhavando o enredo, porque o romance entre Hamza e Fawzyia é também uma busca de comunhão política entre um revolucionário otimista mas isolado de seu povo e uma professora romântica mas inexperiente, conforme desenvolveremos no capítulo 2. O clima da narrativa muda drasticamente neste capítulo passado em al-Qarin, pois é lá que Hamza ouve as notícias de que o Cairo estava em chamas. O entendimento do herói é um só: é o sinal de que uma contrarrevolução estava sendo lançada, e ele deveria esconder-se. Abandonando seu apartamento, Hamza se instala na casa do amigo Bedeir, um próspero advogado, opulento e fanfarrão. Seu único elo com a vida externa ao apartamento é Fawzyia, que se dispõe a trazer e levar informações, buscar os contatos de Hamza e outras demandas da sua sobrevivência. Como o amigo advogado despreza a vida de militante político e insiste que Hamza a abandone, é com a jovem professora que o debate político se

59 Junto a al-Tell, al-Qarin (também grafado el-Korein) é o principal foco da ação de fedayyins em finais de 1951 e início de 1952. Lá foi a primeira vez em que a população armada fez retrocederem os tanques britânicos. ABDEL-MALEK, Anouar, op.cit., p52.

desenrola. Por ele, ficamos mais íntimos da visão de mundo do herói, e o texto agora evita o *tell* em favor do *show*.

Desta forma, a participação de Fawziya (um nome que significa “dádiva de deus”) conforma um contraponto para o qual o otimismo revolucionário de Hamza se desdobrará ao máximo. Em determinado momento, ela desabafava sobre os colegas professores que haviam desistido da luta após o incêndio do Cairo. “Eles são como um crocodilo morto: não importa quanto você cutuque, ele não sente nada” (CLA, p.52). Assim, ela toma a voz de uma imagem corrente entre egípcios: o de um povo pacato, milenar em suas tradições e passividade.

Nós somos um povo que se submeteu ao colonialismo por milhares de anos e se acostumou à humilhação. Na última guerra ninguém mexeu um dedo.⁶⁰ Nossa natureza agrária, nossa terra fácil, nosso clima temperado não permitem criar um povo resistente como os gregos, por exemplo⁶¹. Somos gente ordinária com nenhuma inclinação à violência. (CLA, p.53)

A contra-argumentação para este pessimismo de Fawzyia vem na forma de uma longa memória de Hamza sobre os episódios de uma passeata antibritânica de 6 de março de 1946 em Alexandria (a passagem se estende por mais de dez páginas, aqui tentamos editá-la o máximo possível):

Na estação Ramleh nós encontramos a longa passeata, que percorria da estação até a rua Saad Zaghloul, e pela primeira vez eu via uma manifestação composta não apenas

60 É notável que a personagem se esqueça das tentativas de sedição militar egípcia em rebeldia aos ingleses e favor dos alemães. Por exemplo, Sadat foi preso ao tentar fugir do quartel e se juntar a Rommel que avançava pela Líbia. O esquecimento, no entanto, não parece tão extravagante se se considerar o conjunto da estratégia aqui analisada.

61 A referência aos gregos é especialmente forte no Egito por algumas razões cruzadas: além da forte presença grega entre os comerciantes estrangeiros residentes no Cairo e Alexandria, esta última é largamente reconhecida como memória viva do mundo helênico, a ponto de diversos alexandrinos terem nutrido uma identidade mediterrânea assumidamente maior do que a islâmica e/ou árabe. Além disso, a Grécia ficou independente do Império Turco-Otomano na mesma conjuntura da ascensão de Muhammad Ali no Egito, e após a Segunda Guerra Mundial outra guerra civil quase levou à vitória o comunismo.

por estudantes mas também por pessoas mais velhas, pessoas em *gallabiyas*⁶², comerciantes, condutores de bonde, e trabalhadores, bem como os moleques que catam bitucas e pulem sapatos, aprendizes de mecânicos, aquilo que chamam de ralé. A manifestação passou em frente a um posto de informação britânico construído em concreto (há um jardim público ali agora). Tinha vitrines voltadas para a estação Ramleh, com avisos em inglês de informações para os soldados. Alguns dos garotos que sempre marcham nas laterais das passeatas tentaram puxar um dos avisos, mas os mais velhos impediram-nos. Então, como sempre acontece em tais situações, as pessoas pararam e se aglomeraram em torno do posto – e subitamente se deram conta dele, como se nunca o tivessem visto antes⁶³. (...) e eu ouvi pessoas dizendo que o posto estava cheio de armas, e que você poderia simplesmente entrar e pegar o que quisesse. (...) A praça estava cheia de gente, um número imenso de pessoas, mas a próxima coisa que percebi era que eu estava procurando a porta do posto. Encontrei-a, e encontrei gente entrando por ela. Entrei, entrei simplesmente, sem pensar ou usar minha cabeça. Havia um estranho, poderoso sentimento me empurrando. Estava escuro lá dentro. (...) Eu apenas havia chegado ao meio da sala mais externa – e havia outros comigo – quando escutamos um som obscuro: tique, tique, tique, rapidamente um após o outro. Nunca tinha ouvido uma metralhadora atirando antes, e nunca imaginei que seu som seria tão macio. Estava aterrorizado. (...) O posto, apesar de ser apenas de informação e preocupado apenas com funções civis, tinha quatro soldados britânicos dentro, com quatro metralhadoras, que estavam prontos e esperando na sala interna desde a manhã – esperando as pessoas invadirem para poder abrir fogo contra elas com suas armas. (...) Em um minuto a praça que estava dilatada de humanidade ficou totalmente vazia. Todos os portadores de terno desapareceram quando a coisa ficou séria, todos os portadores de *gallabiya* se esconderam nas entradas de edifícios de frente pra praça. E você sabe quem permaneceu na praça, só, com balas vindas de todas as direções? Sabe quem? Aqueles moleques que parecem não ter família, roupa, ofício. Jovens garotos de não mais do que quinze anos de idade. Escuros, empoeirados, de cabelo bagunçado, roupas rasgadas. Sim, foi a chamada ralé que permaneceu. (...) As armas atiravam, mas os garotos não prestavam atenção a elas e arremessavam paus e pedras. Consegue imaginar? Estavam atirando pedras para as

62 Vestimenta tradicional mas limitada ao uso por camponeses e gente pobre desde que as camadas urbanas adotaram padrões europeus. Também usada por motivos religiosos.

63 A título de curiosidade, este pesquisador confirma a “tese” da personagem sobre súbitos reconhecimentos de edifícios-alvos com uma memória das jornadas de junho de 2013 em São Paulo: a passeata ia pela Marginal Pinheiros, na altura da ponte Eusébio Matoso, e só quando a maioria dos manifestantes já havia passado a fachada do edifício do conglomerado midiático Abril é que houve rebuliço e começou-se a cantar slogans contra a revista *Veja*, editada naquele prédio.

metralhadoras. E o mais impressionante era que quando um deles era atingido e caía e morria, seu colega ao lado prosseguia arremessando as pedras. (...) Após um tempo, eles perceberam que as pedras não estavam surtindo efeito. Então vi quando um deles tirou sua *gallabiya* rasgada e a empapou na gasolina de um carro estacionado. Ele se agachou e correu até bem perto do posto e lançou a *gallabiya* flamejante pela janela. Esse foi o ponto de virada da batalha. (...) Conforme a batalha se intensificava, eles entraram nos salões de chá da praça, tomaram as cadeiras, tocaram fogo nelas e saíram cantando gritos de guerra, correndo, e arremessando as cadeiras contra o posto. (CLA, p. 55-7)

Esta riquíssima descrição, própria ao partícipe dos eventos que foi Idris (nesta época ainda estudante de Medicina), já impressiona pela convicção que confere ao discurso de Hamza a assertividade do testemunho mas também as consequências políticas que ele sabe extrair – e, em alguma medida, tornaram-se óbvias no decorrer de sua narrativa. *City of Love and Ashes* articula a arraia-miúda e a coloca em prontidão para a luta da defesa da nação.

2.4. A defesa ativa da nação

O mote da ação em defesa da nação é a nossa deixa para o próximo ponto da comparação. Não são romances psicológicos: assim, como é de se esperar, a trama é desatada pelo movimento dos personagens e suas ações. Na obra de Yusuf Idris, vive-se uma potência de ação protelada, e o personagem do herói cresce precisamente na resiliência da provação da clandestinidade – é nela que ele conhece o amor de sua vida e, por meio deste, a fonte maior da dedicação à causa da libertação nacional. A última ação do romance, como veremos, é a confirmação desse processo. É clímax no significado pleno do termo, culminação. Já em *War in the Land of Egypt*, a ação é o jogo de decisões que vai empurrando o herói para a guerra de Outubro de 1973, e

quando ela eclode, Masri assume uma atitude abnegada, lutando com a certeza de que não sobreviverá; a partir daí, o fio da narrativa é a história de seu corpo defunto agindo por justiça, e naufragando em uma rede de intimidações, manobras burocráticas e por fim recusa do reconhecimento do bravo soldado e abandono de sua família por parte do Estado. Pungente anticlímax.

Em *City of Love and Ashes*, o incêndio no Cairo⁶⁴ é a partida para o desmonte do personagem, um laborioso comandante de um campo de treinamento de milícia nacionalista anti-inglesa. Brutal repressão se segue, por iniciativa governamental que se utiliza do pretexto para deter membros mais radicais do Wafd, comunistas e milicianos.⁶⁵ Deste gatilho do enredo, o personagem se vê forçado a viver escondido, onde sua interação se limitará a Fawzyia e Bedeir. Se Masri estava sendo abandonado pela família, o que ocorria a Hamza era uma abrupta separação forçada de seu povo, que também está agora sob intensa vigilância, toque de recolher e clima de perseguição: o “Cairo morria ao anoitecer” (CLA, p. 17)⁶⁶. A participação – ou luta para participar – nos destinos políticos da nação forma um sentido de vida do personagem, que o contrasta à vida de *effendiya* do amigo:

Quando a onda de fúria de Hamza diminuiu um pouco, ele entendeu que de fato fora privado de sua vida normal e plena, e que sua luta fora repentinamente condensada em

64 No dia 25 de janeiro, os ingleses, desejosos de extinguir a ação das milícias do canal e seu apoio entre os habitantes da zona e os trabalhadores, cercaram com tanques a polícia de Ismailiyya, onde as milícias se reuniam. Com ordem para resistir à exigência de rendição incondicional, os 50 policiais foram massacrados pelos ingleses. A chegada das notícias ao Cairo durante acendeu a revolta de estudantes, que organizaram uma concentração política no dia seguinte na universidade al-Fuad I. Os policiais juntaram-se aos estudantes e saíram em passeata, encontrando-se no meio do caminho com os outros que vinham da al-Azhar e rumando para a praça da Ópera. Ali, frequentadores do Cassino Badi'a hostilizaram os manifestantes, que então evacuaram o estabelecimento e atearam fogo a ele. Em seguida, dirigiram-se ao cinema Rivoli e fizeram o mesmo. Em pouco tempo, diversos restaurantes, cafés, casas noturnas e cinemas associados à elite pró-inglesa ou ao monarca foram alvo das chamas da massa enfurecida. KERBOEUF, op. Cit., pp. 198-9.

65 Cf. ABDEL-MALEK, op. Cit., p. 57.

66 Esta construção levou Yasmine Ramadan à interpretação de que o romance espelha o amor por Fawzyia com o amor pela cidade. Da mesma forma, o amor por Fawziya será explicitamente relacionado ao amor pela nação: são as formas do romance de superar a dicotomia entre a consciência individual e a política. RAMADAN, op. Cit.

paredes brancas elegantes e suaves, no imenso corpo e rosto de Bedeir, o advogado, e em uma grande, fatal desesperança. (CLA, p. 18).

Bedeir é a própria representação da acomodação social, um sujeito que se compraz em ter um apartamento moderno, fazer galanteios às mulheres e sobretudo ficar à parte de movimentações sociais e políticas. Mas Hamza descobre no contato quase perdido com Fawziya sua janela para o mundo, uma jovem ativista interessada em ser útil àqueles em quem ela reconhece a organização e a disposição da luta. No entanto, junto à utilidade de Fawziya, Hamza vê crescer em si um apego afetivo – ao mesmo tempo em que Bedeir depoista nela suas expectativas de conquista amorosa. Agora é a solução desta relação tríplice que instiga o andamento do livro. A atividade política entre Fawziya e Hamza prospera, até que o herói finalmente revela seu amor por ela, que se choca e afasta.

O grau de perda que isso acarreta para Hamza está colocado na sua reação ao acordar da saída intempestiva de Fawziya na noite anterior. A pequena cozinha do apartamento de Bedeir lhe parece o melhor lugar do mundo: apertada como “se houvesse agora uma barreira entre eles [as pequenas caixas de tijolos e a pessoa que está dentro dela] e o mundo e suas tragédias” (CLA, p. 86). Chega a ser uma mortificação: ele quer o abandono do mundo e de si, e assim sente saudade até das celas em que foi encarcerado no passado.⁶⁷

No entanto, ela volta com uma carta na qual admite o romantismo que envolvia sua percepção de Hamza:

67 A passagem passou a fazer muito sentido a este pesquisador em janeiro de 2013, quando presenciou o testemunho de um adolescente palestino que havia sido detido em uma guarnição do exército israelense no território ocupado da Cisjordânia. Enquanto respondia com palavras quase não proferidas às perguntas de um secretário da prefeitura de Azzun, o garoto buscava um cômodo em que pudesse encostar seu rosto. Espremia-se contra a máquina de xerox, como se buscasse sumir no canto mais apertado que encontrasse. Mais tarde, este pesquisador ouviu de psicólogos que a reação é comum em pessoas que sofreram um trauma profundo.

Quando o encontrei após o incêndio e soube que você estava se escondendo, minha atenção foi cativada pela estranha vida que você levava, uma vida em guerra com o governo, perseguido pela polícia do Estado, uma vida disfarçada por óculos escuros e *tarbuches*, uma vida de circunspeção, pensamento rápido, alerta e apreensão. (CLA, p. 95)

Aquela vida “fascinante se comparada à minha vida obediente das leis, estagnada, de alunos, tarefas domésticas, lição de casa e cozinha” (CLA, p. 95) levava Fawzyia a dar-se um sentido de importância: “Eu mostrava-me séria e grave diante de minhas colegas de magistério para que elas pudessem pensar que o segredo por trás da minha seriedade era a ‘perigosa’ atividade na qual eu me envolvia.” (CLA, p. 96). Empolgada com sua cumplicidade cada vez maior com Hamza, ela pede a tarefa de esconder a bolsa de dinamites que o revolucionário retirara de um outro esconderijo, mas não tinha autorização de Bedeir para manter no apartamento. É ainda a paixão cega que a move, buscando a aprovação do amado:

E quando você me contou o que aconteceu no 6 de março e eu vi em seus olhos uma admiração que beirava a adoração pela ‘arraia-miúda’ e as balas que rasgavam seus corpos nus, todo meu orgulho heroico e meus melhores instintos excitaram-se e eu fiquei determinada a tomar a bolsa com a dinamite e escondê-la em minha casa, e assim seria coroada no trono da sua confiança. (CLA, p. 97)

Estamos ainda no relato em 1ª pessoa colocado como uma carta de apologia de Fawzyia, e por ali ficamos sabendo que, quando está no táxi rumo a sua residência, ela finalmente cai em si, dando-se de que a bolsa realmente continha bananas de dinamite. Apavora-se e desce do táxi sob um pretexto qualquer. Enquanto tenta despistar o taxista enfiando-se no primeiro prédio que vê, Fawzyia é tomada pela memória dos hábitos e pertences simples de Hamza, e por fim percebe a profundidade de sua crença na força do povo:

(...) e também o seu jeito quando abanava a cabeça com firmeza e dizia que havia um poder irresistível, inimaginável no povo da nossa nação. Subitamente ficou claro como eu tinha sido uma covarde miserável, enganadora e mentirosa, como eu o estava traindo após você depositar sua total confiança em mim: naqueles poucos segundos, pela primeira vez desde que o conheci, pensei sobre a causa que você estava defendendo tão heroicamente. Pensei em quanto esforço você fez para comprar a dinamite e escondê-la, depois voltar e pegá-la de novo, quanto dinheiro você gastou, e em quantas vezes você se expôs à prisão, à morte ou a ser explodido. Pensei em quanto você tinha sacrificado para mobilizar o povo para a luta, para montar o campo, para treinar e preparar nosso país para se erguer e enfrentar o inimigo (...) (CLA, p. 98)

Obviamente, com essa linha de pensamento Fawzyia se vê obrigada a voltar ao táxi e cumprir sua tarefa. O ponto central aqui é precisamente a razão que passa a imperar na garota. Por maior que tenha sido sua paixão, ela não resistiu à gravidade das implicações reais de suas ações, que subitamente lhe ocorrem à mente. Sua disposição de continuar no envolvimento com atividades subversivas só retorna quando, por meio da percepção da abnegação, ela compreende a dedicação de Hamza à força do povo. É como se pulsasse uma conexão com algo maior, que veicula seu apelo pela certeza íntima que o militante revolucionário encontrou. O intuito da carta na trama é precisamente justificar a repulsa que Fawzyia havia demonstrado pela declaração de amor de Hamza na noite anterior. Sim, pois a força desta nova visão da dedicação à causa do povo, para Fawzyia, é tal que deveria substituir e rejeitar a atração amorosa, mundana, que sentira por Hamza.

Este é o passo principal do enredo, que dá a tônica da etapa seguinte do romance. Nela, Hamza vai ao encontro do novo estágio de compreensão atingido pela amada, solucionando assim o problema de o amor mundano chocar-se com a conexão política nacionalista, e quase espiritual, dos dois militantes. Pois para ele, agora, ela também é uma conexão com o seu povo: “Você é muito cara a mim, Fawzyia. Não é um

amor comum o que sinto por você: eu amo o Egito em você, amo o Nilo que está em seu sangue, amo a brancura do algodão maduro da sua face, amo o sol gentil que se aninha no mel dos seus olhos.” (CLA, p.92)

Até aqui, apesar das metáforas nacionalistas, o crítico poderia ver apenas elementos de romantismo adocicado. No entanto, a toada do herói não está completa senão algumas páginas à frente, após ler o teor da carta de Fawzyia e quando já Bedeir percebera a cena toda. Tomado de ciúmes porque nutria sentimentos por Fawzyia, o amigo reprime a intimidade que os dois demonstram compartilhar, sente-se humilhado em sua própria casa e os expulsa. Na rua, Hamza é obrigado a procurar um novo refúgio, e com Fawzyia embarca em uma longa jornada de taxi pelo Cairo. Vão debalde as tentativas de encontrar outros contatos ou lugares nos quais possa se esconder, mas isso não abala a disposição dos amantes. O herói revela sua mudança interna:

E a cada minuto estou consciente das mudanças que você fez em mim. (...) Por exemplo, eu costumava ver meu papel na luta como um tanto heróico: pensava que estava me sacrificando pelos outros, portanto eles deveriam me amar e colocar num pedestal como um messias, sabe o que quero dizer? Agora eu vejo quão grande nossa causa é e quão modesto meu papel nela (...). Outra, por exemplo: eu me sentia alienado, e embora estivesse realizando meu papel a serviço do povo, estava distante deles. Você me fez sentir que estava unido à sociedade por um forte laço, que me tornei parte dela, que somos todos uma grande família, sabe o que quero dizer? Você e eu fomos absorvidos no todo, e agora nos contamos aos milhões. É isso que sinto quando olho o povo. Você vê aquela gente que andando pra cima e pra baixo, levando aquelas carroças, agarrando-se às portas dos ônibus, sentando nos cafés? Aqueles são o nosso povo. Vê quão abatidos e humilhados estão? Agora os amo mais e quero morrer por eles (...) (CLA, p. 116)

Com isso, estamos nos aproximando do desfecho do livro. O leitor sabe já que a nova comunhão entre Fawzyia e Hamza é maior do que uma paixão, é uma relação mediada pela dedicação à nação, embasada no amor ao povo egípcio.

A penúltima cena do livro, construindo a solução da perda de refúgio, vem ainda como reforço da tese anterior: bota a nova convicção do herói a teste. Hamza lembra-se do homem faz-tudo que conhecera no cemitério ao ir retirar a dinamite que escondera numa cova. Ele buscava o coveiro que era seu contato político, mas o homem apressa-se em oferecer seus préstimos, quaisquer as necessidades que surgissem. É assim que Hamza, perdido na noite caiota junto à Fawzyia após ser expulso da casa de Bedeir e tentar, sem sucesso, o apoio de seus ex-companheiros da célula da guerrilha, lembra-se do *motto* do faz-tudo: “É só perguntar em Bab al-Azir onde está o tio Ismail Abu Duma e qualquer um de milhares vai lhe mostrar o caminho!” (CLA, p. 123).

De fato, Abu Duma providencia refúgio e ainda consegue encontrar Sayyid, o único camarada de Hamza que não desistira da resistência. O coveiro faz-tudo, cheio de vida, em verdade habita a cidade dos mortos:

Os túmulos e tumbas pareciam casotas apertadas umas contra as outras. A única diferença entre elas e a casa de Abu Duma era que a última era a mais miserável, e de construção mais precária de todas: poder-se-ia pensar tratar-se de um túmulo erguido em memória ao Pobre Desconhecido. (CLA, p.131)

A ideia de um túmulo ao Pobre Desconhecido coloca o personagem em uma posição de ocupar um arquétipo, um modelo abstrato de habitante comum, um Zé-ninguém. No entanto, o narrador não permite que se apaguem os traços individuais do personagem. Descrito como um homem de rosto escuro, vesgo e de gallabiya marrom (CLA, p.39), o faz-tudo despeja um palavrorio fanfarrão sobre seu renome no cemitério e redondezas por sua capacidade de arranjar qualquer coisa, por exemplo ossos para os estudantes de medicina – um ato de contravenção, compondo portanto uma figura que vive de pequenos serviços às margens da legalidade.

Por essa montagem do personagem, cria-se uma circunstância em que o próprio leitor é levado a suspeitar uma expectativa de ganho pecuniário, ver em Abu Duma um tipo *oportunista*, e assim também Hamza reage como quem terá de remunerar a ajuda. Nosso herói socialista e humanista não espera de Abu Duma relação outra se não a de interesse material.

Ocorre, no entanto, que o arguto e indiscreto trabalhador tem consciência da natureza política da necessidade de refúgio de Hamza: apresenta-o à sua esposa como *fedaiyn* e entende seus motivos. Por isso, exalta-se quando Hamza lhe estende o dinheiro:

Meu Deus! O que você está fazendo, sr.Hamza? Quer me insultar? Seria eu tão baixo? Posso ser pobre, mas também ajudo as pessoas – ou aos pobres isso não é permitido? Você é meu hóspede, sr.Hamza, e é um homem educado, deveria entender dessas coisas. Louvor a Deus, homem, eu me viro. Não, não, não, sr.Hamza, é como se você tivesse tirado seu sapato e me tivesse dado com ele.⁶⁸ É como se você tivesse cuspido na minha face. Fora com isso, homem, que Deus o perdoe! (CLA p.140)

Lembremos que esse é um personagem retratado como um representante direto de toda uma população, ele é o agora conhecido Pobre Desconhecido. Quebrando a expectativa do leitor – e do herói –, a narrativa forma aqui um paralelo possível: os moleques incendiários estão para a passeata que tomava bala dos ingleses assim como Abu Duma está para o militante revolucionário educado em busca de esconderijo. São exemplos máximos do valor da dignidade, do valor da percepção clara do momento que se vive, da honra da nação e dos iguais. É a ideia de que, no momento decisivo, o povo mais simples atém-se aos valores que afastam qualquer perspectiva de ganho pessoal,

68 Como é de universal saber, especialmente após percorrerem o mundo as imagens de protestos com sapatadas em fotografias de Bush quando do anúncio da Segunda Guerra do Golfo de 2003 (e, após a vitória norte-americana, as sapatadas na estátua de Saddam em Bagdá), trata-se do maior insulto que um árabe pode fazer a outro.

de vantagem efêmera, em nome de um bem maior. O povo luta. O povo protege os seus lutadores. O povo estende sua solidariedade na defesa do Egito.

2.5. Na polícia, restos de esperança

Seria possível encontrar na nossa segunda obra um exemplo semelhante de solidariedade? Já vimos que não há em *War in the land of Egypt* a representação do povo como um laço fortemente unido. De fato, o anúncio da devolução das terras ao antigo latifundiário serve de prevenção a esta expectativa: o desejo de resistência professado por Masri e outros é destruído pela reação dividida dos camponeses, uns querendo ir à justiça, outros praticar a desobediência, e outros ainda buscando acomodação por meio de barganhas. O efeito disso é que a história oficial segue seu rumo, isto é, as terras são devolvidas aos antigos grandes proprietários. Assim a desilusão estende um manto às páginas seguintes.

No entanto, a segunda metade do livro está marcada pelo crescimento da indignação. Pois se nos primeiros três relatos lemos a história de um homem levado ao abate, nos próximos três somos testemunhas do processo oposto: o corpo sem vida que retorna do sacrifício. Em um caminhão militar, o Amigo soldado e o Oficial trazem o defunto para sua vila natal, e o engodo ficará patente a todos.

Perdidos à noite na estrada rural, os militares perguntam a um camponês como chegar à vila, e este pega carona com o caminhão. Ao descobrir que o motivo da presença dos militares é a devolução do corpo do filho do umda, o camponês retorque que havia um engano qualquer, pois o suposto falecido estava bem vivo na aldeia. O Oficial então lhe mostra os documentos do falecido, e o ancião é taxativo: “O nome pertence ao filho do umda, mas é uma foto do filho do vigia noturno do umda.” (WLE,

p. 147) Quando o caminhão por fim estaciona em frente ao *dawar*, os militares se instalam em uma sala deste e o camponês sussurra que o filho do umda está em um dos aposentos: chamado ao recinto, o “garoto de face mimada” (WLE, p. 148) é a prova viva da armação do latifundiário. O umda finalmente aparece e, inteirando-se da situação, não se abala com as perguntas do Oficial; pelo contrário, ordena que os papéis da baixa e o corpo lhe sejam entregues, fazendo pouca questão de responder ao militar que perguntava se ele era realmente o pai do morto. Sua postura é ameaçadora: “(...) o umda estava agora em guarda, como um homem se preparando para a batalha” (WLE, p.149).

E então o pai de Masri chega com a espingarda de trabalho e as faces transpassadas de dor: “Eu sou o pai do mártir” (WLE, p. 149), ele anuncia, e a multidão que se aglomerara diante do *dawar* se agita. O umda dá sinais de exasperação, e ordena mais duramente que o Oficial adentre o recinto, ao que ele se recusa; que leve o corpo ao cemitério de uma vez, ao que ele igualmente se nega. “Ele me disse que a culpa seria minha se uma turba se formasse. O vilarejo estava cheio de gangues, ele disse; havia contas antigas a acertar, e o Egito estava passando por um período tumultuado.” (WLE, p. 149).

O autoritarismo do umda resulta nulo quando o pai de Masri sai do *dawar* e se junta à massa, e o Oficial ouve exclamações por terra, honra e vingança, os camponeses pedindo o sangue do umda e a intervenção da polícia. Quando se retira do recinto, o Oficial é envolvido pela multidão revoltosa, cujos elementos vêm caoticamente requisitar que o corpo seja levado à polícia do distrito, enquanto protegem os militares no caminho de volta ao caminhão – pois os homens do umda já estavam se organizando para contra-atacar. “O caso, eles me diziam, podia ser claramente provado; as provas

estavam ali e, pela primeira vez, o umda se deixara exposto à incriminação.” (WLE, p 150).

A intervenção das massas é pontual, mas firme. Os camponeses se reúnem e agem para proteger os militares contra o umda, que a essa altura já está saindo do *dawar* seguido de seus capangas armados de rifles e paus. E entre os lavradores, um aproxima-se do Oficial e profere um discurso que condensa a consciência sobre o lugar deles na nação:

“Quanto tempo mais nós aguentaremos isso tudo?”, ele perguntava. Parecia ter certo nível de educação. “Mesmo na guerra!”, continuou. “Ficamos sentados assistindo a eles corromperem todas as coisas no Egito: a terra, a água, o ar, o povo. Mas a honra de defender o solo do Egito! Nunca!” (WLE, p. 151)

Os disparos para o ar dos rifles dos homens do umda já se ouviam quando a massa abria caminho para o veículo militar, e até o empurrava enquanto o motor não dava partida.

Vimos a ação resoluta dos pobres em *City of Love and Ashes* no episódio do 6 de março, ou ainda na sumária referência ao vilarejo de al-Qarin, ou ainda a simpatia popular pelos *fedaiyn*. A ação parecia latente e seu signo era positivo: tomar armas e expulsar os ingleses – até com dancinhas e voltaretas. Em *War in the Land of Egypt*, a máxima tensão se dá em torno da honra de um morto, uma vingança por terem corrompido a dignidade de morrer pelo país. A desonra já se efetivara. Busca-se uma reversão, num signo negativo. O que o popular anônimo expressara ao Oficial era, de certa forma, um grito de socorro de alguém que perdera esperanças, como a dizer: tudo está perdido, e até seria de se esperar que corrompessem o ardor da defesa nacional, mas nunca, isso já é inaceitável.

Torna-se quase inescapável uma conclusão provisória: os pobres, na obra de al-Qa'id, estão já derrotados. Alquebrados como o pai de Masri cuja coluna dorsal formara ângulos espinhosos, eles não reconhecem outro recurso senão levar o caso à polícia. Ora, conforme veremos à frente, o livro está salpicado de críticas ácidas à burocracia egípcia e, de resto, a corrupção das autoridades é a premissa mesma do engodo do alistamento de Masri, estampado no episódio todo. Outrossim, cumpre não esquecer que o próprio umda é uma autoridade, embora apenas local, subordinada a outras – não obstante, seu trânsito em outros âmbitos é notório no vilarejo. Dessa forma, é pouco factível a intervenção salvadora da polícia. A ilusão nesta só pode florescer onde nenhuma outra esperança frutifica: uma massa sem esperanças.

3. FUTUROS ROUBADOS

O livro de Yusuf Idris foi produzido em 1955, na esteira da consolidação do poder de Gamal Abdel Nasser entre os Oficiais Livres. O autor acabava de sair da prisão por sua oposição aos acordos do presidente com os ingleses para a retirada das tropas do Canal de Suez. A publicação ocorre já em 1956, quando as negociações para obtenção do empréstimo norte-americano para a construção da represa de Assuan estão emperradas, e impera a sensação de que os planos grandiosos de soberania nacional de Nasser podem naufragar miseravelmente. Uma possível falência das promessas de Nasser poderia significar a chance da retomada do movimento de 1954 que exigiu reabertura do Parlamento, direito de formação de partido, liberdade de imprensa e o retorno gradual dos militares às casernas. Neste enquadramento, a escolha da ambientação de *City of Love and Ashes* não parece ingênua: no ápice da revolta popular que não tinha participação do exército. De fato, o exército só tomaria o poder alguns meses mais tarde, após a maioria das organizações que promoveram os confrontos de 1951-52 com os ingleses e a polícia do rei terem sido desarticuladas. Os militares egípcios são uma grande ausência do momento crítico que o romance retrata; seu protagonismo posterior é aqui substituído pelos laços orgânicos que um revolucionário socialista constrói com o povo das ruas, como veremos a seguir.

Já o papel questionador do romance de al-Qa'id ficou evidente pela censura que o livro sofreu, conforme já relatado na Introdução. Não poderia ser de outra maneira, se considerarmos que nele uma fraude impune macula a maior façanha militar do Egito sob Anwar Sadat, a guerra que forçou o Estado de Israel a desocupar a margem oriental do Canal de Suez e a Península do Sinai. A operação militar que o governo egípcio, em coordenação com o sírio, deslanchou em outubro de 1973 era a grande promessa do

governo do presidente empossado em 1971, calculada para curar as feridas abertas pela derrota de 1967, o desgosto maior do pan-arabismo e de Gamal Abdel Nasser. Operou feitos de engenharia militar que assombraram até os israelenses, furando a Linha Bar Lev tida como inexpugnável e, mais ainda, cercando regimentos inteiros israelenses nas margens do Canal. A recuperação da navegabilidade do Canal e a devolução das terras do Sinai, no entanto, só se concretizariam com os acordos de paz, que tomaram longos anos e só foram firmados por meio da pressão norte-americana sobre o Egito. Em âmbito interno, o Estado enfrentava crescente endividamento, ao qual Sadat passou a contrapor um plano de retirada de subsídios ao consumo, liberação de preços e desestatização da economia – um programa econômico criticado acerbamente por grande parte dos apoiadores das medidas de Nasser após 1961, os chamados “nasseristas de esquerda”. A oposição destes, no entanto, chocava-se com o entusiasmo que despertavam na cansada população os discursos pela paz, pelos direitos democráticos e pela priorização de problemas egípcios de um Sadat agalado em 1973.

3.1. O sujeito social da revolução de 1952

O povo em CLA que, conforme vimos, se configura como o elemento principal por trás da sobrevivência da luta nacional, obviamente também é tema de interpretação no discurso oficial do governo dos Oficiais Livres, mas quão diferente ele se lhe afigura! Bem ao contrário da fé inquebrantável de Hamza na força dos oprimidos, o novo governo precisou mostrá-lo como disperso, fraco e desunido, carecendo de uma liderança que o substituísse e, desta forma, se assumisse como a própria nação.

Ansioso em construir um cenário em que o exército se perfila como o único encarregado do destino da nação, Nasser, em seu opúsculo *A Filosofia da Revolução*, atesta o papel a que se reserva:

Após 23 de julho eu estava chocado com a realidade. A vanguarda realizou sua tarefa: irrompeu nas fortalezas da tirania; forçou o rei Farouk a abdicar e ficou em guarda esperando que as formações de massas chegassem para seu objetivo último. Esperou e esperou. Intermináveis massas apareceram, mas quão diferente era a realidade da visão! As multidões que chegaram eram seguidores dispersos e remanescentes disparatados. A marcha sagrada para o grande objetivo foi interrompida. Uma imagem desanimadora, horrível e ameaçadora se apresentava então. Senti meu coração mudado pelo lamento, pingando de amargura. A missão da vanguarda não acabara. De fato, estava começando naquela mesma hora. Precisávamos de disciplina mas encontramos caos na nossa retaguarda. Precisávamos de unidade mas encontramos dissenso. Precisávamos de ação mas nada encontramos senão abandono e desmazelo. Foi dessa fonte e nenhuma outra que a revolução extraiu seu tema.⁶⁹

O espírito desta proposta, propagada não só por Nasser mas por todo o novo regime, é que o próprio Estado, e só ele, com o exército à sua frente, colocaria em ação o progresso e a modernização da sociedade egípcia.⁷⁰ Após o golpe militar de 23 de julho de 1952, o Estado viveria sob a preocupação constante com a organização da sociedade civil em estruturas não dirigidas: “(...) durante cinquenta anos de independência, regimes sucessivos – usando técnicas tanto de coerção quanto de co-optação – excluíram o povo da política nacional.”⁷¹ Como muitos observadores notaram⁷², é a política de exclusão a marca mais constante dos sucessivos momentos do

69 NASSER, Gamal Abdel. **The Philosophy of the revolution**. Cairo: Mondiale, s/d, p.20. A obra é largamente tida como escrita por Muhammad Hussaynan Haykal.

70 Cf. MARFLEET, Philip. “State and Society” in EL-MAHDI, Rabab. MARFLEET, Philip. **Egypt: moment of change**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009 p 19

71 MARFLEET, op cit, p 15

72 O mais proeminente crítico contemporâneo de Nasser a levantar essa definição foi o escritor e acadêmico Louis Awad: “O nasserismo, como enunciado por Nasser, declara Dr. Awad, é um conceito negativo (...). ‘Tudo na carreira de Nasser’, ele escreve, ‘estava no contexto de destruir isso ou aquilo, não de criar algo’”. VATIKIOTIS, loc.cit., p.326. O contraditório (apesar de objetivar se referir à necessidade de união nacional), nesse caso, é provido pelo próprio Nasser na sua apologia dos caminhos do novo regime: “Não esperávamos esse choque. Fomos ter com homens de ideias para receber conselhos e com homens de experiência para orientação, mas não encontramos muito de

novo regime, mesmo durante os episódios de implantação de iniciativas estatais extremamente populares, tais como a expulsão dos ingleses, a reforma agrária, as nacionalizações de capitais estrangeiros etc.⁷³

De fato, a exclusão é a única forma possível de garantir a aparência de uma relação *harmoniosa* entre as classes – o objetivo de Nasser que, como confirmaria mais de uma vez, detestava a ideia de luta de classes. Na mesma obra citada acima, Nasser reconhece no enfrentamento de classes a revolução social, mas a subordina à primeira etapa, a libertação nacional, uma iniciativa política primordial: “Revoluções políticas exigem, para seu sucesso, a unidade de todos os elementos nacionais, sua fusão e apoio mútuo, bem como abnegação para o bem do país como um todo”⁷⁴. Em um discurso a operadores de trem em 1954, Nasser explicava claramente o papel histórico que enxergava para o grupo dos Oficiais Livres:

Havia 18 milhões de pessoas nesse país sem nenhum partido a representá-las. Eles eram enganados, desamparados e mal encaminhados (...) qualquer um que levantasse sua voz era privado até de um pedaço de pão, e faziam guerra a seu sustento para garantir o silêncio coletivo diante da opressão, tirania e exploração. Era por isso que nosso país era impotente até que nós fizemos a revolução.”⁷⁵

O caminho para o autoritarismo e para a autocracia é muito debatido na historiografia, que o credita ora às circunstâncias conjunturais que Nasser foi encontrando, ora ao ímpeto inerente à personalidade do líder do grupo militar; por outro

ambos. Todo líder que vimos queria matar seu rival. Toda ideia que encontramos objetivava a destruição de outra. Se fôssemos seguir o que ouvimos, nenhum líder sobraria vivo. Nenhuma ideia ficaria intacta.” NASSER, Gamal Abdel. **The Philosophy of the Revolution**. Cairo: Mondiale, s/d, p.20-21.

73 Neutralizar a revolução social com a reforma agrária e concessões trabalhistas é a explicação de ABDEL-MALEK, op.cit., p 103. É compatível com a definição de regime bonapartista *sui generis* defendida por diversas correntes marxistas, cf. DEMIER, Felipe. **O Longo Bonapartismo Brasileiro (1930-1964)**: Autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Niterói: s/n, 2012, parte I.

74 NASSER, op.cit., p.24.

75 ABD-AL-NASSER, Gamal. “Speech given at a celebration of the Association of Train Drivers and Conductors”, 31 de março de 1954, in NASSER. **Speeches and briefings**. S/l: s.ed., v.2, p.236, apud ALEXANDER, Anne. Op.cit., p.66.

lado, porém, existe amplo consenso sobre a firme disposição contra a liberdade de formação de partidos. Apesar de ser explicitamente combatida como uma volta ao parlamentarismo corrupto pré-52, também era temida pelo grupo de Nasser como uma demonstração de interesses separados ou, mais diretamente, um sinal de que as classes continuavam em luta. Dessa forma, num resumo do debate sobre a caracterização do nasserismo como um regime populista, Podeh e Winckler afirmam:

Logo após tomar o poder, os Oficiais Livres aboliram a monarquia e o sistema multipartidário. Em seu lugar, Nasser buscou formar uma única organização de massas (o termo *partido* deveria ser evitado pois sinalizava partidarismo) que deveria tornar-se o veículo para mobilizar, ativar e enfim controlar as massas. O objetivo da organização era “fundir” (*tadhwiib*) todas as diferenças de classes no caminho para uma sociedade sem classes.⁷⁶

Este movimento de massas, o Liberation Rally, estava sendo formado justamente como essa fusão, e vinha na esteira da proibição aos centros acadêmicos e prisão de dirigentes de sindicatos independentes, em outubro de 1952, e o banimento de todos os partidos políticos em janeiro de 1953 (menos a Irmandade Muçulmana). “Criado do alto, ele não tinha nenhuma vida própria, embora mais tarde pareceu a Nasser um mecanismo útil para dar a aparência de mobilização de massa em apoio ao domínio militar contínuo, durante seu conflito com Naguib em março de 1954”.⁷⁷ Apesar de anedótico, cumpre notar o orgulho de Nasser contra formas de luta política organizada da sociedade civil: “Quando ouço a palavra *organização*, saco minha espada”, dizia ele a seu amigo comunista Khaled Mohieddine.⁷⁸

A preocupação dos Oficiais Livres nestes primeiros anos de poder estava na definição de seus objetivos políticos. A reforma agrária e a expulsão dos ingleses

76 PODEH, Elie. WINCKLER, Onn. “Introduction” in Idem (eds). Rethinking Nasserism. Revolution and Historical Memory in Modern Egypt. Gainesville, Florida: UP Florida, 2004, p.18.

77 ALEXANDER, Anne. Op. cit., p. 59.

78 Citado em ALEXANDER, Anne. Op.cit., p. 36.

aportavam dois pilares essenciais, mas ainda não justificavam a mão pesada do novo cenário. O problema do Egito tinha de ser deslocado para a diversidade de partidos e forças políticas, jogando a culpa dos problemas nacionais na divisão. Dessa forma, os dois primeiros anos do golpe de estado encontraram solução prioritária na supressão de movimentos políticos alternativos.⁷⁹

O Liberation Rally foi também o primeiro cargo público de Nasser, seu secretário-geral: até então, o coronel era discreto, deixando-se ofuscar pela figura pública de Mohammed Naguib. Seu verdadeiro papel de mentor e articulador dos feitos dos Oficiais Livres começou a vir à tona quando Nasser passou a expressar um programa contra a divisão do país em duas facções.⁸⁰ A tirania política do passado trazia o perigo da divisão, contra a qual apenas um líder unificador poderia se elevar. Assim, a história que o regime tratou de escrever sobre si mesmo reforçava a tese de que o Egito tinha em Nasser, e não em outras pessoas ou estruturas, o seu salvador. Joel Gordon resume a missão da versão oficial no período crítico de consolidação política que vai de 1952 a 1956:

Os oficiais falavam de uma revolução branca, pacífica, ao mesmo tempo que alertavam seus adversários contra a revolução vermelha, sangrenta que estes poderiam desatar. Em seu *A Filosofia da Revolução* (...), Nasser descrevia um Egito em busca de um herói; ao mesmo tempo ele e seus colegas eram heróis – e era necessária muita temeridade para considerarem-se heróis em finais de 1954 – em busca de uma revolução claramente definida. (...) Esses relatos [a série de artigos de Anwar al-Sadat no jornal *Al-Jumhuriyah* em 1955], junto com o manifesto de Nasser, fizeram a fundação da história oficial do regime. Firme controle sobre a mídia, supressão dos movimentos políticos rivais,

79 Cf. GORDON, Joel. **Nasser's Blessed Movement: Egypt's Free Officers and the July Revolution**. Nova York/Oxford: Oxford UP, 1992, p.4.

80 Cf. ABD-AL-NASSER, Gamal. "Speech in Shubin al-Kum", 23 de fevereiro de 1953, **Speeches and briefings by Gamal Abd-al-Nasser 1952-59**. Cairo: Sharikat al-Alanat al-Sharqiyya, 1959, p. 12. Apud ALEXANDER, Anne, op. cit., p.60.

incluindo grupos subversivos dentro do exército, e aquiescência do grande público – domado e temeroso, porém desejando estabilidade – garantiram que, ao menos dentro do Egito, nenhuma contraversão fosse largamente disseminada.⁸¹

Dessa forma, o discurso oficial encontrava em sua fundação duas necessidades: a de afirmar os Oficiais Livres (e, pouco depois, Nasser apenas) como sujeitos predestinados a liderar a liberação do Egito, e a própria autossuficiência destes como fator para esta última – tornando desnecessária qualquer outra via, especialmente a luta de classes e a organização da sociedade em partidos e grupos civis.

Ora, a premissa comum da historiografia sobre a base ideológica do nacionalismo professado por Nasser é de que, entre seus poucos elementos precisos, estava a crença do povo como uma série de classes que não se poderiam chocar, como um todo que avança em conjunto. Leonard Binder descreve quatro tipos de ideologias nacionalistas: os socialistas científicos não marxistas, os humanistas, os trabalhistas e os estatistas pragmáticos, sendo Nasser o maior expoente deste último. Todos, no entanto, compartilham um repúdio à teoria da luta de classes do marxismo. A luta que reconhecem é a da nação contra o imperialismo e o capitalismo estrangeiro. “O ideal do socialista árabe é a cooperação entre as classes, ou a junção delas, ou a redução da distância entre elas, ou o encorajamento da interação responsável mútua.”⁸² E levanta um discurso de Nasser na Universidade de Damasco em 1961 para defender que o socialismo árabe foi uma extensão emocional do nacionalismo como resposta à perda de laços tradicionais: os árabes devem ver a nação como uma família, e desfrutarem dos mesmos privilégios e obrigações que têm em família.⁸³ Se a harmonia de classe era parte do discurso hegemônico nesta fase mais acirrada de reformas econômico-sociais

81 GORDON, Joel. Op. Cit., p. 193.

82 BINDER, Leonard. **The Ideological Revolution in the Middle East**. Nova York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1979, p. 265.

83 Idem, p.266.

do nasserismo, tanto mais o era para a fase inicial do regime. No Liberation Rally, o raciocínio do novo regime estampou-se no *moto*: “Unidade, Disciplina e Trabalho”. Era preciso abolir o passado de nação dividida.⁸⁴

Yusuf Idris, por outro lado, não parece fazer questão de esconder que a luta tem apoiadores traiçoeiros, que estão na verdade esperando o momento de mudar de lado se a maré parece virar. No ponto do enredo em que o incêndio do Cairo muda o jogo, o texto nos dá conta da divisão das classes dentro do próprio campo de luta contra os ingleses:

Os jornais aos quais ele [Hamza] se devotava o dia todo não continham nada de especial. As notícias sobre os batalhões e a batalha haviam desaparecido por completo. Pelo contrário, os jornais estavam inundados de mensagens de apoio dos homens de negócio e das companhias para o novo primeiro-ministro [Ali Maher], salvador do país e protetor da integridade da nação – os mesmos homens de negócio e companhias que nos dias da luta armada não perderam ocasião de declarar seu apoio total aos *fedayiin* e de doar aos batalhões.” (CLA, p. 17)

Mais do que isso, Idris coloca no enredo um membro de uma organização civil: Hamza, filho de uma família de trabalhadores da ferrovia, era um estudante em Alexandria e depois operário; seus colegas de milícia eram professores, trabalhadores braçais, servidores públicos. O herói que dedica sua vida a organizar a luta das massas, outrossim, professa um materialismo socialista científico (“Ele era um homem científico que acreditava no intelecto e na razão (...)”, CLA, p. 47; “(...) deste querido homen revolucionário que emitia uma lógica lustrosa e radiante que aplicava às declarações e coisas, para descascá-las, considerar sua estrutura e suas regras (...) e então sem alarde pronunciar seu veredicto sobre elas.”, CLA, p. 110). É uma provável referência ao marxismo. E, como não poderia deixar de ser, surge aí nova referência à luta de classes, como se lê no trecho:

84 Cf. ALEXANDER, Anne. Op.cit, p.60

Ele acreditara que o povo se desenvolvia, mas agora ele se dava conta de que sua visão fora muito mecânica. Sua compreensão do povo ia mais ou menos assim: a sociedade forma uma fração comum, com um denominador que se conta em milhões e um numerador que se conta em unidades ou dezenas, e a sociedade evolui por uma diminuição do numerador contra o denominador; qualquer aumento no numerador se faz às custas do denominador, e qualquer aumento no denominador retira do numerador; a humanidade continuará em opressão e guerras até que reis e numeradores fossem varridos pra longe, os denominadores libertados, e todo povo reunido numa única verdadeira comunidade. (CLA, p.112)

Aqui, um parêntese. A referência à concepção marxista da luta de classes é vaga, é verdade, mas justamente por isso faz-se mais indicativa de um ambiente em que era preferível optar por mensagens cifradas a ser “aconselhado” a mudar o desenvolvimento do texto, como Idris experimentaria em sua experiência pouco tempo depois, com o texto publicado em fascículos de *Al-Baida*.⁸⁵

Então, muito diferente do discurso oficial, o texto de Idris coloca em posição de ataque, e no mesmo ano do golpe, o povo ao qual o novo regime negava protagonismo no seu discurso retroativo. Os nomes dos grandes episódios de confrontos entre as massas e os ingleses estão todos lá, e de forma repetida: o de el-Qarin, Tall el-Kabir, Ismailia... Como já vimos, a descrição habitualmente rica do renomado contista presta-se aqui a um papel maior do que a identificação com o povo. Presta-se a conferir a ele o papel supremo como organizador de sua própria vontade, como efetivador das mudanças que lhe interessam. Também como aqui já referimos, o enredo caminha no sentido de reafirmar ao herói – e com isso, ao leitor – esta premissa básica. Voltando ao episódio da surpresa de Hamza com o altruísmo do faz-tudo do cemitério, ele só se completa como virada fundamental do aprendizado do herói quando este extrai das

85 Marina Stagh propõe que Idris fora obrigado (na tese, trata-se de um exemplo de autocensura a partir de um pedido oficioso) a mudar o desfecho desta obra na versão seriada, dando assim um encerramento abrupto sem o capítulo final mais tarde publicado em livro, no qual a polícia política realiza uma batida na casa do personagem comunista e o leva preso. STAGH, Marina. Op. Cit., p. 267.

circunstâncias uma lição moral, quase uma profissão de fé que cristaliza deste aprendizado. Hamza diz a Fawziya:

(...) eu estava cheio de raiva pela injustiça e pelo inimigo, mas o colonialismo pode acabar e a injustiça pode tomar outra forma, e a causa pode durar muito mais do que agora. A causa não é uma questão de inimigo, não, é uma questão do povo e seus objetivos. E a solução é ter fé no povo mais do que nada, entende? (CLA, p. 141)

Esta fala sintetiza duas mensagens que se pode extrair do livro. Primeiro, os que desejam lutar contra a injustiça devem ter confiança na capacidade para lutar daqueles que a sofrem. Segundo, esta fé deve estar alicerçada na crença de que a luta continuará, pois uma nova fonte de injustiça sempre brotará.

No todo, há uma grande intensidade nas descrições e reações dos personagens nas cenas do cemitério. O signo geral delas é a renovação. Para grande crédito do estilo do texto, forma-se este contraponto fabuloso: é na cidade dos mortos que Hamza re-encontra verdades essenciais. Fawzyia, Abu Duma, Sayyid – um antigo e valoroso combatente, sujeito humilde e amargurado –, todos os personagens parecem entrar em uma sintonia de comunhão e solidariedade. A descrição plena de positividade da primeira manhã após o pernoite na tumba antecipa as energias renovadas de Hamza para retomar suas atividades revolucionárias:

Aquele dia foi um daqueles dias quentes que proliferam perto do fim do inverno, sinalizando que o inverno já envelhecera e as sementes da primavera estão germinando dentro dele, crescendo e ameaçando sua sobrevivência. O sol encandecia, seu calor e seu raios correndo para atingir a terra (...). Eles penetravam até nas coisas vivas, induzindo movimento após a paralisia, segurança após o medo, desenvoltura após o recuo, empurrando-os também a se opor a um inverno que eles aguentaram por tempo demasiado, um inverno cujo fim estava marcado. (CLA, p. 154)

Os pássaros cantam, fazem amor e trazem vida ao cemitério, enquanto Fawzyia e Hama discutem os próximos passos: tanto do seu amor quanto da luta. A união perfeita de amor e militância é demonstrada nos diálogos deste capítulo, que alternam a combinação sobre a maneira de inteirar o pai de Fawzyia sobre o seu noivado com a nova divisão de tarefas, em que a heroína passa a organizar um comitê feminino da luta nacionalista, e informa Hamza sobre a recuperação dos contatos perdidos da milícia.

Mais importante, no entanto, é o clima que Hamza percebe nas ruas quando sai do cemitério. Ali, a imagem da renovação do inverno pela primavera confirma explicitamente seu propósito no enredo, expandindo-se para a disposição política dos transeuntes:

No caminho para o encontro, ele via nas faces das pessoas uma primavera precoce (...). As pessoas tinham-se recuperado do choque com o incêndio e erguiam sua cabeça, primeiramente com receio, e começavam a sussurrar rumores. Então os sussurros aumentaram quando alguns dos rumores revelaram-se verídicos e viraram conversa aberta.⁸⁶ O povo aprendeu quem começara o incêndio e quem dava os golpes, e quando o povo identifica seus inimigos, eles não se contêm. Começaram a pilheriar e fazer piadas, começando com o rei e seus ministros, sem esquecer os bajuladores. Os inimigos apertaram o cerco contra as pessoas para calar suas bocas, mas a derrição já espantara o terror e desanuviara sua situação, portanto eles encararam a pressão com a convicção de que os próximos passos à frente eram inevitáveis. (CLA, p. 159)

86 Esta menção pode remeter à ciranda de denúncias que tomou os debates na imprensa e no parlamento depois do incêndio. Assim que o governo de Ali Maher foi empossado, tratou de perseguir ativistas e militantes, como se vê pela trama do livro. Mas também acusou o governo prévio de conivência com o incêndio. O ministro do Interior do governo anterior, Fuad Sirag al Din, refutou as alegações e fez novas em fevereiro de 1952 no jornal de seu partido Wafd, *Al Misri*: havia tentado contato com o rei, e a culpa da lentidão da intervenção do exército tinha sido das próprias Forças Armadas, que já tinham instruções para se mobilizar e restabelecer a ordem. Essa troca de acusações gerou um inquérito administrativo, em que o procurador-geral subscreveu a culpabilidade de Sirag al Din. KERBOEUF, Anne-Claire. “The Cairo Fire of 26 January 1952 and the Interpretations of History”. In GOLDSCHMIDT, Arthur et al. **Re-envisioning Egypt 1919-1952**. Cairo: American University in Cairo Press, 2005, pp. 199-200. A autora defende a tese de que a “elite cultural” egípcia não podia conciliar a participação do povo no incêndio com o caráter dócil e civilizado que ela atribuía, por isso preferia teorias de conspiração.

E assim, o herói chega ao ponto de encontro com Zakaria, e os dois estendem-se a mão quando sentem sobre elas as muitas mãos dos policiais secretos. Ao invés de se resignar como em outras detenções, Hamza resolve correr. Durante sua escapada, os policiais tentam pará-lo gritando “pega ladrão!”, mas o fugitivo alerta enquanto corre: “Não sou um ladrão, sou um nacionalista!” (CLA, p. 162) Caindo em vielas cada vez mais estreitas e desertas, o herói pensa estar próximo do fim quando, subitamente, uma destas desemboca na rua al-Sadd, e ali o burburinho de uma sexta-feira engole o fugitivo. Pensando primeiro que isso só atrasava sua fuga, aos poucos o caos ao redor vai voltando a ser familiar e ele admite: “Parecia impossível – impossível que o lugar seguro que ele estivera procurando para se esconder de seus perseguidores e das pessoas que pudessem se voluntariar para pegá-lo fosse no coração do próprio povo.” (CLA, p. 165)

A bela descrição em seguida enumera os elementos da variedade da massa: turbantes, cajados, cabelos de hena, calças de operário, povo do campo, homens de classe média, estudantes, garotinhas do pré, velhos, mulheres de vestido esfuziante – “e muita, muita gente em frente a ele, atrás dele, dos dois lados, e em toda a volta.” (CLA, p. 165) Essa é a confirmação da profissão de fé tratada acima: na força do povo que continuará a luta. Em uma última confirmação redundante, o autor insere um último parágrafo: Hamza volta ao cemitério e encontra seu *liaison* e intermediador de contatos e fontes de financiamento, Saad, esperando-o e já zombando de sua falta de pontualidade, que atrapalha o trabalho.

Mas o leitor sabe que os eventos não se desdobram com o alento sugerido pelo romance. Antes que o povo desse continuidade para a luta, os Oficiais Livres tomam o poder e implantam sua própria forma de resolver os conflitos – externos e internos.

A insistência do texto de Idris em colocar o povo em posição de ataque, e no mesmo ano do golpe, deve ser entendida como uma versão contrária ao discurso oficial, que passou a negar-lhe protagonismo, inclusive retroativo.

Os nomes dos grandes episódios de confrontos entre as massas e os ingleses estão todos lá, e de forma repetida: o de el-Qarin, Tall el-Kabir, Ismailia... Esta imagem de uma classe popular que estava pronta para agir em defesa da nação, tinha uma camada dirigente ou formas espontâneas de organização, e aprendia com a luta – especialmente a se armar –, funciona também como uma denúncia do que se segue. Pois ela foi abortada pela lei marcial e uma apertada repressão policial. Ora, são estes dois elementos – lei marcial e repressão policial – que marcam os primeiros anos do regime e, após o momento crucial de março de 1954, transformam-se em permanentes: “Então em janeiro de 1953 os Oficiais tornaram ilegais todos os partidos políticos e anunciaram o início de um ‘período transicional’ de 3 anos de lei marcial. Quase de passagem, proclamaram seu movimento uma revolução”⁸⁷. Passada a crise de 54, “No ano seguinte, os oficiais perderiam toda inibição sobre dominar o Egito, suprimir sem piedade seus oponentes políticos e consolidar sua autoridade sobre as forças coercitivas do Estado.”⁸⁸.

Por essa operação de transposição do enredo para o momento de sua escrita (1955), não se pretende determinar a intenção do autor. Para tal, seria necessário debruçar-se sobre suas declarações, contrastá-las com suas atitudes e escritos, inferindo juízos e preenchendo lacunas. A título de exemplo do caminho tortuoso que essa análise implicaria, tem-se as declarações de Idris de que nunca duvidara da importância da revolução de julho, e que optou por não retratar sua prisão em 1954 para não macular o regime; que seu desencantamento com a revolução apenas começou em 1954 mas até a

87 GORDON, op.cit, p.4

88 Idem, ibidem

década seguinte ainda justificava, num artigo chamado “Nosso socialismo no espelho da União Soviética” (“Ishtirakiyyatna fi mir’at al-Ittihad al-Sufyati”)⁸⁹, a revolução como resultado natural da combinação da nação, da causa e da liderança.

É possível que Idris entendesse seu texto como reforço do discurso nacionalista oficial? Era um momento em que a maioria dos grupos comunistas ainda não se decidira a apoiar o novo regime⁹⁰ (o fator decisivo foi a compra de armas tchecas, que sinalizou a aproximação com Moscou e as ordens desta para o apoio a Nasser) mas, por outro lado, Idris vinha se afastando destes após sua prisão naquele mesmo ano de 1955.

Yasmine Ramadan não apenas endossa a tese segundo a qual *Qissat Hubb* não oferece críticas ao regime, como concorda igualmente em classificá-lo como extensão na novela da forma “mais ou menos didática” do conto do realismo socialista que Roger Allen propusera.⁹¹ E reforça: é um texto otimista com a revolução egípcia, apelativo a uma imaginação nacional pela qual o herói se projeta como parte de uma entidade coletiva (a nação) com a qual ele divide pouco ou nada em absoluto – uma interpretação bastante falha da tese de B. Anderson sobre a qual discorreremos em capítulos seguintes.

Por estas duas afirmações, a tese de Ramadan acaba falha. Tem de presumir que a “revolução egípcia” de que trata o enredo é equivalente ao golpe militar de julho de 1952. Mas se a revolução projetada por Idris for uma ação popular que efetivamente não conseguiu tomar o poder, ela se retira do campo do ocorrido e retorna ao campo da possibilidade. Igualmente, o herói fala de um povo, é verdade, mas não de uma nação sem outros cortes sociais. No mínimo, há que se reconhecer, conforme já demonstrado aqui, que a narrativa privilegia as camadas mais populares do povo. Com esses dois

89 *Al-Jumhuriyya*, 30/07/1964, p.3. Apud RAMADAN, Yasmine. Op. Cit., p. 29.

90 Cf BEININ, Joel. LOCKMAN, Zachary. **Workers on the Nile: Nationalism, Communism, Islam and the Egyptian Working Class, 1882-1954.** Cairo: The American University in Cairo Press, 1998.

91 Apud RAMADAN, op.cit, pp. 4 e 27.

elementos, já resulta temerário enquadrar o texto de Idris – apesar de várias técnicas fracas, levantadas em outros estudos⁹² – na pecha de panfleto nasserista.

Mais ainda, a análise crítica que consiga sair das bases do *intencionalismo* e compreender o texto como uma constelação de *leituras possíveis* pode fazer o texto falar muito a respeito do meio social que o gerou. O fato de que o enredo realista utilizou como contexto um episódio passado não impediu que a força das descrições conferisse uma força tal que parece dizer: este poderia ter sido o lado vitorioso. Quase como uma história alternativa, o texto nos lembra que há elementos não resolvidos no discurso oficial do novo regime, e com isso executa uma formidável antecipação de outros textos denunciatórios de Idris.⁹³

Aqui, conjuga-se outro elemento do texto, que elencamos como última evidência da possibilidade de uma leitura contra-ideológica deste texto. Agora sim, usando o didatismo a que se referia Roger Allen, *City of Love and Ashes* executa uma minuciosa descrição das medidas tomadas por Hamza para driblar a perseguição. São no mínimo 14 incidências identificadas, todas versando positivamente sobre as iniciativas do herói para contornar as novas dificuldades. É um repertório tal que opera no texto para tornar real a circunstância da vida às escondidas de Hamza, mas também de seu preparo como líder subversivo. Extrapolando este último motivo, podemos tomá-las como medidas exemplares, ou seja: o comportamento de Hamza ali ilustrado funciona para evitar a polícia secreta sob qualquer regime autoritário, conformando uma espécie de “guia da clandestinidade”. Vamos a uma listagem desses momentos de utilidade pública:

92 Especialmente a construção da personagem de Fawziya, criticada em ABDEL SALAM, Mona Kamel. **The Longer Stories of Yusuf Idris**. Tese de mestrado. American University of Cairo, 1973, P.57 e PETERSON, Kristin. **A Translation of the novel Al-Haram by Yusuf Idris with a critical introduction**. Tese de mestrado. American University of Cairo, 1977, p.XXXIV.

93 Para análises que apontam brevemente o forte teor crítico de Idris em textos subsequentes, especialmente os dos anos 1960, ver STAGH, Marina. Op. cit, pps. 270 a 276.

- À p.19, para o caso de um encontro não ocorrer por falta de um dos contatos, orienta-se a repetição de dia da semana e horário até que se efetive;
- Nas páginas 34 e 35, Hamza se certifica de que Fawziya não tomara um caminho direto à sua casa após ter visitado a casa do contato Hassan e constatado que a polícia secreta à paisana guardava o local e que Hassan havia sido detido;
- Duas páginas à frente, o narrador descreve detalhadamente a escolha de tarboosh, que observamos como uma tentativa de se passar por *effendi* ou nova classe média ocidentalizada, e os óculos escuros que Hamza porta para sair do refúgio;
- Em seguida, na 38, para chegar a seu destino onde o espera para recolhimento e transferência uma mala carregada de dinamites, Hamza troca de taxi e direção;
- Ainda uma página à frente, o texto o retrata “olhando em toda direção e medindo toda pessoa que encontra”.
- Um despertar na página 67 envolve “precauções diárias”: apenas entreabre a janela e verifica a quantidade de porteiros no lado oposto da rua⁹⁴, depois abre cuidadosamente a janela de folha em folha para observar o resto da rua e se certificar de que não havia nenhuma pessoa nova ou suspeita nas redondezas;
- Na página 95, em meio à carta-revelação amorosa de Fawziya, ela descreve sucintamente as virtudes componentes da vida – que lhe causa admiração – da clandestinidade de Hamza: “circunspeção, pensamento rápido, atenção e apreensão”

94 No Cairo, os porteiros são um personagem bastante típico pois de certa forma habitam o hall do prédio e a fachada, são referência visual quase constante. Em muitos casos encontrados por esse pesquisador, o porteiro vive de gorjetas dos moradores, não ficando claro como foram escolhidos.

- Um alarme de Fawziya sobre um possível agente secreto é pedagogicamente desmentido por Hamza: o homem anda no meio da rua e olha para todos os lados, na página 115.
- Um Bedeir com artimanha, não obstante sua vida burguesa de effendi, publica no jornal um pedido de desculpas cifrado: “Hamza, meu filho, volte pra casa. Nós lhe devemos desculpas. Seu pai desamparado, Bedeir”. (CLA, p.153)
- Ensina-se uma maneira insuspeita de manter rituais sociais à p.155: Hamza, sim, irá à casa do pai de Fawziya pedir-lhe a mão da filha, mas às onze horas da noite “para que ninguém senão o pai soubesse e contasse para outros”. (CLA, p. 155)
- À página 157, Fawziya relata ter conseguido encontrar Zakaria, o contato mais importante para que Hamza retomasse seu liame com o Comitê para a Luta Armada, e descreve o alerta sobre outro contato, Rushdi, desmascarado como um infiltrado da polícia secreta. Hamza está aliviado de sabê-lo, por confirmar suas suspeitas provenientes de traços forçados de personalidade: “Ele nunca se sentira confortável com a suspeição de Rushdi sobre outros, suas grandiosas e vazias palavras, seu amor excessivamente grudento por suas crianças, sempre carregando fotos suas e mostrando-as a quem quer que encontrasse (...)”.(CLA, p. 157)
- Na página 160, mais do que a falsa suspeita que Hamza tem sobre um homem à frente da estação de trem, que acaba se revelando o próprio contato com quem o herói marcara, seu comportamento é que é exemplar: ao invés de abandonar “o ponto” (para empregar a gíria brasileira da esquerda que define encontros em locais públicos sob a clandestinidade), Hamza decide aguardar à distância para de alguma forma avisar o contato quando ele se aproximasse.

- Quando este e Hamza são finalmente pegos na estação de trem, na página 161, conseguem aproveitar uma distração de seus captores e, o importante, passam a correr para direções opostas, dividindo as forças da perseguição.
- Por fim, à página 165, já encaminhando o primeiro desfecho simbólico do enredo, o herói está prestes a ser alcançado quando corre em vielas mas desemboca numa grande avenida – movimento bastante típico para o urbanismo caiota, mescla de pelo menos cinco fases e influências distintas⁹⁵ –, via onde se mistura à massa de transeuntes, vendedores de rua, pregadores religiosos, vitupérios e ditos engraçados: o “próprio coração do povo”, o lugar mais seguro para se refugiar.

Por que insistir na representação das consequências do estado de sítio para o herói? Ocorre que, para os movimentos de trabalhadores e estudantes, junto ao episódio de Kafr al-Dawwar, a lei marcial foi o sinal mais poderoso de que o regime desejava converter-se em uma ditadura permanente.

É fato ofuscado pelo verniz mítico adquirido por sua figura ao longo dos anos, mas Nasser passou por duas grandes crises de legitimidade, sendo questionado nas ruas por grandes atos e greves de trabalhadores e de estudantes. A segunda se deu em 1968, como resultado da crise econômica e da derrota sofrida para Israel na guerra de 1967. No entanto, talvez mais imprevista e mais arriscada quanto às “gorduras para queimar” tenha sido a crise de 1954. Quando Mohammed Naguib, o general escolhido como figura de proa pelos Oficiais, cansou-se da insistência de Nasser em fazer a política do Conselho de Comando Revolucionário sem consultá-lo e pediu demissão, o major Salah Salem declarou à imprensa estrangeira que o general desejava instalar uma ditadura pessoal. No entanto, como a fama de Naguib estava associada a seu liberalismo político

⁹⁵ Cf. RAYMOND, André. **Cairo: City of History**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2007.

e ele era visto como um militar de mentalidade tradicional para a qual o lugar dos oficiais era nas casernas, a justificativa do Conselho não encontrou adesão na opinião pública. Logo se formou um amplo arco de alianças políticas descontentes com a conduta do Conselho. Em seguida, o protesto ganhou apoio em manifestações de rua, que partiam de um sentimento de repúdio às tentativas de postergar eleições. No ápice da crise, um setor da cavalaria, dirigido pelo oficial esquerdista Khaledin Mohieddin, estava prestes a declarar motim, até que Nasser percebe o perigo e cede às demandas da revolta.

Beinin e Lockman fazem a análise mais precisa deste período crítico – à diferença de muitas outras, nela Naguib não aparece como um ganancioso que subitamente desejou aumentar seu poder efetivo e dessa forma fez Nasser precipitar a cadeia de eventos. Através de contatos prévios entre Naguib e o Guia Supremo da Irmandade Muçulmana, discutia-se a possibilidade de retirar Nasser do poder e efetivar Naguib. É o plano que, de certa forma, este colocou em prática quando o CCR declarou a Irmandade Muçulmana uma organização política e, portanto, passível de dissolução forçada pelo novo regime. O estopim foram os choques entre a Irmandade e o Liberation Rally em 12 de janeiro de 1954, durante um ato político na Universidade do Cairo organizado pelos islamitas em memória aos estudantes mortos na guerrilha do Canal de 51-52. No ato, fortes discursos denunciavam Nasser como ditador pró-americano. Naguib pede renúncia como protesto à repressão à Irmandade Muçulmana, por ele reconhecida como sua base política virtual. É no momento mesmo que Nasser toma para si os cargos de Naguib que a opinião pública se levanta, e nos poucos dias corridos entre a renúncia de 24 de fevereiro e a readmissão em 9 de março, Naguib

protagonizou os eventos que levaram ao recuo mais estrondoso dos Oficiais Livres quanto à uma exigência da opinião pública.⁹⁶

A mesma Irmandade Muçulmana, no entanto, retira seu apoio à revolta anti-Nasser quando este, em 25 de março, decreta a volta à liberdade de formação de partidos políticos. Em adição, promete a Assembleia Constituinte para 24 de julho, momento no qual dissolveria o CCR. Esta atitude, tida por Beinin e Lockman como muito justamente compreensível como blefe⁹⁷, teve o efeito de assustar a base do exército, e permitiu ao Liberation Rally organizar um grande movimento de trabalhadores – cujas lideranças sindicais, ressalte-se, encontravam-se em sua maioria presas e substituídas por indicados de confiança do regime – contra a liberação a partidos políticos, convocando uma greve geral a partir do 27 de março. Embora debilitado e acossado pela polícia e pelo exército a aderir à greve (o que acabou por lhe causar a vida curta), o movimento sindical independente resistiu ao lock-out promovido pelo regime a partir do Liberation Rally, e aqui chegamos num ponto nodal para desvendar a leitura alternativa do nosso primeiro objeto, o romance de Idris:

A resistência mais forte ao chamado à greve geral ocorreu em Alexandria onde muitos líderes sindicais se reuniram para publicar uma declaração reivindicando: 1) abolição da lei marcial; 2) dissolução do CCR; 3) garantia das liberdades democráticas; 4) liberdade para todos os presos políticos e reconstituição de todos os sindicatos dissolvidos por medida administrativa; 5) estabelecimento de uma federação de sindicatos; e 6) denúncia de todas as tentativas de divisão das fileiras da classe trabalhadora.⁹⁸

O ponto que chama nossa atenção para os fins deste estudo é precisamente o grau de consciência entre trabalhadores a respeito das consequências da falta de

96 BEININ, Joel. LOCKMAN, Zachary. **Workers on the Nile: Nationalism, Communism, Islam and the Egyptian Working Class, 1882-1954.** Cairo: The American University in Cairo Press, 1998, pp. 437-438.

97 Op. cit., p.439

98 BEININ, LOCKMAN, op. cit., p.442

liberdades democráticas. Beinín e Lockman creditam-no à influência duradoura de comunistas no seio de setores-chave do sindicalismo egípcio.⁹⁹ Sobretudo o primeiro ponto reivindicado, que parece abrir a série de reivindicações justamente por criticar o estado de exceção.

Outra fonte, Ahmed Abdallah, historiador e dirigente estudantil no início dos anos 1970, assegura a proeminência da universidade como *locus* de posições independentes e elenca a lei marcial como ponto prioritário nas críticas ao novo regime:

A universidade era uma das três plataformas (as outras duas eram o sindicato dos jornalistas e o do advogados) de onde a intelligentsia podia expressar sua oposição ao novo regime militar. Durante a crise política de março de 1954, o corpo docente da Universidade de Alexandria – ironicamente, o primeiro órgão no país a delatar apoio à Revolução desde seu primeiro dia – foi o pioneiro da oposição, reivindicando o fim da lei marcial e a dissolução do Conselho de Comando Revolucionário (CCR).¹⁰⁰

Portanto, não é arriscado elevar a lei marcial a símbolo formal e generalizado da falta de liberdades democráticas. E é esse estado de exceção que permitiu a prisão de Idris sob o novo regime. É também a lei que demarca todo o momento sofrido pelo personagem Hamza após o incêndio do Cairo em janeiro de 1952. “Existia uma antiga vendetta entre Hamza e a lei marcial, com uma longa e sangrenta história que datava desde 1948.” (CLA, p.15) O toque de recolher mata a vida noturna de Heliópolis na página 19. Na recapitulação de sua vida que Hamza faz nas horas ociosas no refúgio do apartamento de Bedeir, aparecem suas seguidas prisões preventivas – um dispositivo de exceção que costuma figurar em todas as leis marciais:

99 Por outro lado, a adesão à greve não necessariamente se tratou de ato impensado ou manipulado: antes, os autores especulam que se tratava de um cálculo político consciente de que a via militar era a única possível para o avanço de conquistas econômicas determinantes, como a já então realizada estabilidade no emprego, e a nova posição perante os britânicos. BEININ, LOCKMAN, op.cit., pp.444-445.

100 ABDALLAH, Ahmed. The student movement and national politics in Egypt. Londres: al Saqi, 1985, pp. 120-121.

Sua primeira prisão se deu com acusações inventadas: virou o detento número 48 e passou vinte meses em al-Tur, Hikestep e a Prisão Estrangeira de Alexandria. Então foi liberado, mas cada vez que um membro do governo ou um alto oficial britânicos vinham ao Egito ele era preso, e em toda ocasião de importância nacional ou internacional era detido na delegacia de polícia por dias que viravam semanas, até que no começo de ano ele já era capaz de listar os dias em que visitaria a delegacia, como outra pessoa qualquer marcaria os feriados num calendário. (CLA, p.26)

Ora, estas referências constantes à falta de liberdades democráticas montam um cenário tal que o autoritarismo é presença mais forte e visível do que os próprios ingleses, agraciados com pouquíssimas referências. Desse modo, qualquer leitor estará em seu direito de receber esta obra como uma denúncia do autoritarismo, muito mais até do que uma denúncia do imperialismo. Após os eventos de 1954, o contraste entre uma via democrática e uma via autoritária para a independência e a justiça social no Egito passa a ser o grande debate, e cada vez mais resolvido pelas prisões políticas e proibições seguidas decretadas por Nasser.

Dessa forma, apesar de se referir ao contexto da luta ainda sob a monarquia, o enredo eleva a peça central da ação uma medida que é adotada amplamente pelo regime nasserista, e temos aí um efeito de indicar que a luta efetivamente continuou: na ausência das liberdades democráticas, a injustiça prossegue e a luta, empregando inclusive os métodos de clandestinidade ensinados na obra, deve continuar.

A denúncia do estado de exceção, das prisões arbitrárias e das perseguições aos ativistas continuará tendo grande atenção de Yusuf Idris¹⁰¹, mas o momento após as campanhas militares de 1956, 1967 e 1973 mudou significativamente as atenções do país, criando um clima de véspera de guerra que igualmente afetou a literatura.

101 Cf. STAGH, Marina. Op.cit, pp. 270 a 276.

3.2. O exército como árbitro

Antes de analisarmos o efeito da proximidade da guerra no enredo de *War in the Land of Egypt*, é útil começar por um outro ponto. É onde a estratégia da crítica política do texto comunga com a de *City of Love and Ashes*: criticar o regime por promover continuidades ao invés das rupturas que prometia seu projeto autoproclamado revolucionário. Vimos como o texto de Idris, em 1956, optara por enfatizar o estado de sítio e o autoritarismo da monarquia, apontando assim para a permanência destes elementos no novo regime.

Já no texto que ora passaremos a decifrar, a denúncia está no centro do gatilho da ação. O umda só consegue forçar Masri a se alistar no lugar de seu filho porque seu poder está reforçado pela retomada do poder econômico, isto é, a restituição de suas terras. A reversão da reforma agrária é o eixo da injustiça que acomete a família de Masri, bem como de todos os demais camponeses da vila.

No entanto, seria incongruente argumentar que a medida da anulação da reforma agrária, que é anunciada como uma grande novidade no início da ação do enredo (e não prévia a ela), tem o poder de criar o cenário de carência descrito para justificar a impossibilidade de resistir ao poder do umda. Há algo mais na desigualdade das classes que cria um desequilíbrio de poder tão favorável ao umda.

A denúncia de al-Qa'id vai ficando mais clara: há uma elite que sofreu alguma perda de prestígio e de recursos mas que ainda tem liames firmes com o poder. Como vimos previamente, este não é um mero detalhe do enredo, mas sua própria substância, na medida em que é mostrado como sistêmico, consistente e inabalável o abuso de poder que permite ao umda tomar o filho do vigia como substituto ao seu na convocação ao exército. E, no balanço sobre o nasserismo do ponto de vista das

mudanças internas ao país, é justamente este o ponto mais debatido: até que ponto o novo regime abalara o poder social da elite agrária que por tanto tempo dominara a economia e a política no Egito?

Uma grande corrente de historiografia levanta que as transformações nas relações entre as classes sim ocorreram, mas não foram suficientes para privar a antiga elite de continuar influenciando o novo regime. Precisamente o que afirma Marfleet para o momento de consolidação do regime na década de 1950: “Latifundiários, comerciantes e empresários da era colonial foram de fato forçados a aceitar um status reduzido, mas significativamente continuaram sendo parte de redes de influência: (...) transformaram-se em um lobby para o capital privado *dentro* da nova ‘burguesia estatal’”¹⁰². Uma das interpretações para o fenômeno nasserista levantadas por Vatikiotis, a do conhecido intelectual Louis Awad, também critica o mesmo ponto, mas para o momento após as reformas estatizantes de 1961: “Em resumo, o novo programa socialista de Nasser nada significou além de propriedade direta do Estado sobre os meios de produção, uma forma de capitalismo de Estado.”¹⁰³

Assim, há um *cluster* de interesses privados operando no Estado egípcio, que responde pela manutenção de um núcleo duro cada vez mais acomodado em sua ligação ao Estado, guardando um espírito profundamente liberal, pró-ocidental e orientado para o consumo.¹⁰⁴ Fuad Zakariyya, doutor em filosofia, contemporâneo do novo regime e outro dos professores universitários egípcios cujas análises do nasserismo foram elencadas por Vatikiotis, criticou precisamente o controle das medidas “socialistas” de Nasser pelas claques dentro do Estado, que levou a um resultado prático de enriquecimento por dez vezes das classes mais abastadas, sem que o fosso com os mais

102 MARFLEET, op. cit., p.19 (grifo do original)

103 VATIKIOTIS, op.cit., p.330.

104 Cf. PODEH, Elie. WINCKLER, Onn. “Nasserism as a form of populism” in IDEM (orgs).

Rethinking Nasserism: revolution and historical memory in modern Egypt. Florida: UP of Florida, p.30

pobres fosse diminuído significativamente. O objetivo era se livrar de uma classe rival e concorrente, representada pelos capitalistas da era liberal do Egito, mas jamais o de passar o controle da economia às massas. Assim, os desmandos e o enriquecimento ilícito foram inevitáveis e tolerados pelo regime, cujas políticas de silenciamento da oposição geraram uma atmosfera de hipocrisia, negativismo e dissimulação.¹⁰⁵

A nota cínica que usa o liberalismo professado pelo governo de Sadat na *infatih* (abertura) apresenta-se de forma cabal no trecho em que o atravessador defende seu cliente, o umda, na investigação da polícia:

“Um homem se voluntariou para dar sua vida por outro homem – o que isso tem a ver com o governo? Os dias de papelada¹⁰⁶ estão encerrados, assim nos dizem, e estamos vivendo na era da liberdade. Todo homem é livre para fazer o que quiser com a sua vida – ele pode derramar seu sangue se quiser.” (WLE, p.164)

A liberdade aqui está muito mais para uma desregulamentação das relações sociais – nesse contexto de intimidação econômica, a liberdade de morrer por outro soa pouco libertadora. A denúncia subjacente é de que, largado à própria sorte, o camponês sofre a ação dos latifundiários.

O ato de incorporar como peça central do enredo a insegurança econômica e jurídica de toda uma camada social cuja proteção se fazia oficialmente pelo Estado é um abalo de grandes proporções nos fundamentos do mandato popular a que se arrogava o exército inspirado por Nasser. “Em geral, as classes baixas urbanas acreditam que a revolução beneficiou-as ao dar maior dignidade e proteção, legal e em outras áreas, contra as classes mais ricas, as minorias, os estrangeiros.”¹⁰⁷

Esta interpretação é bastante automática, mas dela se pode desfiar outra crítica possível decorrente do texto que avança um grau na compreensão do problema social

105 Cf. VATIKIOTIS, op.cit., p. 333-335.

106 *Red tape*, na versão em inglês.

107 BINDER, op.cit., p. 263.

vivido pelo Egito sob o regime militar. As imagens reforçadas da pobreza e da riqueza não apenas demarcam os personagens, mas sugerem que refletem uma condição mais duradoura, menos recente. O fosso entre as classes não poderia ter sido criado em alguns anos.

É nessa premissa incômoda que se assentam as imagens de carência e fome dos camponeses. Mesmo antes de ser revertida, a reforma agrária já não tinha um balanço tão positivo que tivesse permitido aos agricultores uma vida independente dos poderes locais e livre de privações alimentares. Havia uma série de demandas históricas que Nasser tivera de tratar parcialmente, especialmente a reforma agrária. Suas ações foram bem sucedidas no sentido de que o poder dos latifundiários perdera sua discricionariedade e alguns de seus símbolos mais humilhantes: “Pra trás ficaram os tempos em que eu via meu pai tomar qualquer um que desobedecesse suas ordens e amarrá-lo ao eucalipto que ainda está no nosso quintal.” (WLE, p.19). Esse tipo de informação impressiona, e uma forte tendência é exagerá-lo a ponto de transformá-lo em uma informação sobre toda a estrutura das relações sociais.

Abdel-Malek decide discutir precisamente esse ponto. Sua interrogação versa em grande medida sobre a opção político-social do golpe militar de 1952, e a reforma agrária é nisso um ponto nodal. Para ele, o Egito vivia no pós-guerra uma crise geral que exigia a passagem de seu “capitalismo retardatário, de predomínio agrário, fortemente tingido por práticas herdadas de seu passado feudal, a um capitalismo moderno com predomínio industrial”¹⁰⁸. Ora, para tal impasse de modernização da produção rural e industrial, duas opções se vislumbravam no horizonte: uma saída de investimentos pelo Estado, que necessitaria cada vez mais a expropriação dos capitais privados, ou a atração de capitais – nacionais ou estrangeiros – para a indústria. O

108 ABDEL-MALEK, Anouar. op.cit., p. 103.

governo de Nasser adota prioritariamente a última opção, indo pra primeira opção de forma parcial mas perceptível apenas após os seguidos fracassos econômicos e políticos, com o marco dessa viragem consensualmente estabelecido pela historiografia no ano de 1961. Até este momento, a via dos Oficiais Livres é ainda a tentativa de obrigar a grande burguesia agrícola a aplicar seus capitais na indústria ao mesmo tempo em o regime assegura para si uma base social entre os camponeses. O cálculo era suficientemente explícito para que o grande capital bancário e industrial parabenizasse em 1952 a iniciativa da reforma agrária, com declarações entusiásticas do National Bank, da Federação Egípcia da Indústria e até do embaixador norte-americano. Tudo isso não impede, é claro, a cólera dos latifundiários, que sabotam os novos locatários das terras e se recusam a investir maciçamente na indústria, direcionando seus capitais liberados para a especulação imobiliária e o mercado de luxo.¹⁰⁹

A revolta de latifundiários não dura muito. Compreendendo talvez que estava em jogo a sabedoria de Don Fabrizio do romance de Lampedusa - às vezes é necessário tudo mudar para ficar como está -, a elite agrária compreende que o maior objetivo de Nasser, demonstrado alhures na repressão à greve operária de Kafr al-Dawwar, é, no fundo, evitar uma revolução social de base camponesa:

[A assustada elite agrária] Compreende que não se trata de permitir qualquer insurreição camponesa, nem uma ação revolucionária da esquerda. Tranquilizados, chegam a imaginar legitimamente que poderiam prosseguir com toda tranquilidade sua vida de outro tempo, imóveis, produtos de luxo e evasão de capitais, ainda que a idade de ouro dos grandes domínios de antanho houvesse terminado¹¹⁰

Mas a primeira Reforma Agrária não ensejaria as mudanças tão profundas na relação social com a terra que era esperada:

109 Ibidem, pp.103 a 105

110 Ibidem, p.105

Em termos econômicos e sociais, as mudanças foram modestas. Apenas 10% das terras aráveis do Egito foi alvejada para redistribuição. Os proprietários de terras puderam reter até 300 feddans (aproximadamente 300 hectares), ao passo que os expropriados receberam indenização. (...) Em um nível econômico, a agricultura egípcia era tudo menos feudal. Era altamente capitalizada, mecanizada e bem integrada à economia mundial.¹¹¹

No mesmo tom, Anne Alexander explica o móbil da ação:

Em um nível superficial, o programa de reforma agrária parecia uma ruptura radical com o passado. O slogan dos Oficiais – ‘a erradicação do feudalismo’ – conjurava imagens de coletivização de estilo soviético da agricultura. Na realidade, no entanto, a reforma agrária continuava o ato de contrapeso dos Oficiais. Provava que havia mais do que slogans na sua retórica de justiça social (...).¹¹²

É assim que retomamos a importância da reforma agrária: ela tinha toda a aparência de uma guinada decisiva para o início do fim de antiquíssimos problemas sociais do Egito.

Num nível político e social, a campanha contra o feudalismo falou ao coração de milhões de egípcios. Como um observador contemporâneo notou: ‘quando um economista egípcio foi perguntado sobre o que queria dizer por campo feudal, ele respondeu: “Significa que o proprietário de terras mantém um exército privado para defender sua casa e sua pessoa; e que homens armados fazem guarda das suas plantações.”¹¹³

Essa percepção é determinante para os Oficiais criarem um discurso firme de seus primeiros anos de governo, como constata o marxista Abdel-Malek:

Para o novo regime, torna-se essencial aparecer como o criador do Egito moderno, à custa de silenciar a obra realizada pela burguesia agrícola desde os tempos de Mohamed Ali e sobretudo pelo Wafd; mascarando seu próprio caráter de classe, o

111 ALEXANDER, Anne. Op.cit. p55.

112 Ibidem, p.54.

113 ALEXANDER, Anne. **Nasser**. London: Haus Publishing, 2005. P.55. Citação: WARRINER, Doreen. **Land Reform and Development in the Middle East**. London: Oxford UP, 1962, p.13.

movimento do exército toma a figura de um inovador que parte do absoluto, do nada, ex-nihilo e, portanto, não suscetível de ser reduzido a uma análise de classe.¹¹⁴

Contar com o coração de gente como o pai de Masri é portanto a primeira iniciativa concreta do nasserismo para criar uma base social para o novo regime. Tendo perdido, logo nos primeiros meses, o apoio dos comunistas (com a repressão à greve operária de Kafr al-Dawwar, e a execução de dois de seus participantes) e, algum tempo mais tarde, o apoio da Irmandade Muçulmana, o regime se via em maus lençóis. O problema do apoio popular seria resolvido, em parte, com uma série de medidas populares posteriores, como a espetacular vitória diplomática e econômica da nacionalização e da guerra do Canal de Suez, a atuação geopolítica independente do Egito, a expansão do ensino superior etc., mas a reforma agrária seria para sempre um pilar de sustentação do novo regime.

War in the Land of Egypt, ao inserir a carência do campesinato não como um elemento da ação, simultâneo ao desenrolar dos acontecimentos, mas como um elemento da descrição, mais perene e externo às personagens, retira do regime até mesmo a prerrogativa de defesa dos oprimidos que alguns oficiais contrários a Sadat e saudosos da era Nasser arrolavam como justificativa do passado e da resistência à *infitah*. Yusuf al-Qa'id é tido como um nasserista de esquerda, mas, bem como em *City of Love and Ashes* de Idris, a leitura crítica à ditadura militar tornada possível no livro de Al-Qa'id tem um elemento muito mais amplo do que as leituras intencionalistas propuseram.

Um segundo momento da crítica de WLE foi bem notado, mas tampouco escapou a uma análise superficial: é o problema da posição do exército no enredo. Ocorre que, no próprio aspecto mais óbvio de macular o feito militar de 1973, a

114 ABDEL-MALEK, op.cit., p.110

estratégia do texto permite uma refração particular que retira sua dinamicidade. Começamos pelo lado mais notável da crítica.

A guerra de 1973 era longamente aguardada como a libertação do Sinai e o desimpedimento do Canal de Suez: como tal, foi preparada desde a derrota de 67 e, mais concretamente, anunciada por Sadat por dois anos a fio. A decisão de enfrentar a guerra foi sendo construída dentro do mesmo espírito de apresentar o presidente como o homem das decisões difíceis:

Ninguém foi mais tomado pela imagem de Anwar es-Sadat como um “homem de decisões” mais do que o próprio presidente egípcio. No seu discurso de política interna padrão, ele extrai um prazer explícito de enumerar os “choques” políticos que marcaram seu governo de dez anos. Em 1971 ele lançou a assim chamada revolução corretiva que pela descrição oficial “liberou o país da injustiça, terrorismo e humilhação” (...). Em 1973 ele lançou a Guerra de Outubro “com massivo apoio popular e em desafio ao espírito derrotista que os soviéticos tentaram espalhar pelo país”.¹¹⁵

O efeito que a promessa de libertar o Egito tivera entre os estudantes é retratado por Ahmed Abdallah, testemunho ele mesmo do meio estudantil de então:

Ele [Sadat] também jurou fazer de 1971 um ano decisivo para resolver o problema dos territórios ocupados do Egito, uma missão que criou uma atmosfera de impaciência em toda a população. Nas universidades, o crescente fluxo de ativismo político [permitida pelo relaxamento da atividade policial, uma primeira medida de Sadat para ganhar popularidade] começava a amadurecer como um movimento a toda prova. Os estudantes publicavam uma multidão de jornais-cartazes, organizavam grupos estudantis e realizavam conferências frequentes. O impacto dos jornais-cartazes foi particularmente expressivo. Embora eles cobrissem uma grande variedade de questões sociais e político-econômicas, seu foco principal era a reivindicação da libertação dos territórios ocupados e da democratização do sistema político.¹¹⁶

115 BAKER, Raymond William. “Sadat’s Open Door: Opposition from within” in **Social Problems**, v.28, n.4, “Development Processes and Problems”, p.378, acessado em <http://www.jstor.org/stable/800051>

116 ABDALLAH, Ahmed. **The student movement and national politics in Egypt**. Londres: al Saqi, 1985, pp. 120-121.

De fato, a mobilização estudantil em torno à causa da desocupação era tanta que, findo o ano de 1971 sem que a sua propalada decisividade ficasse patente, os estudantes organizaram uma série de passeatas e greves em janeiro do ano seguinte. Se considerarmos que a crise de maio de 1971, quando outros oficiais do governo pediram renúncia para tentar colocar o novo presidente em xeque, esgotou-se naquele mesmo mês e Sadat saiu ileso, a crise de 1972 foi mais séria, pois sua reposta cabal, isto é, a iniciativa bélica contra Israel, de fato só ocorreria 22 meses depois. A própria guerra esperada pelos estudantes poderia nem chegar a ocorrer afinal, pois a linha que Sadat desenvolveu inicialmente era uma tratativa diplomática junto aos EUA, que não puderam assegurar um compromisso de retirada do Sinai pelo aliado Israel. Com a recusa dos soviéticos em fornecer o grande número de armamentos requisitado pelo Egito, em julho de 1972 Sadat expulsou os assessores soviéticos. Como estes fossem fundamentais na remodelização do exército empreendida desde a derrota de 1967, aos olhos dos egípcios, o país árabe parecia cada vez mais distante do acúmulo de forças necessário para a tarefa de vingar a humilhação sofrida pelas mãos do vizinho sionista. Não obstante, confiando na capacidade do exército de executar uma operação bem coordenada, com táticas inovadoras e estratégia mais limitada, e na astúcia para enganar os inimigos de forma a pegá-los despreparados, Anwar Sadat seguiu em frente com seus planos secretos para a guerra de outubro de 1973, da qual sairia com louros de “herói da travessia”¹¹⁷.

O “milagre”¹¹⁸ da vitória começou com um avanço inicial das tropas egípcias contra as aparentemente inexpugnáveis fortificações da linha Bar-Lev das forças israelenses,¹¹⁹ na margem oriental do Canal, obtendo resultados surpreendentes até para

117 “Anwar Sadat” in REICH, Bernhard. **Political Leaders of the Contemporary Middle East and North Africa**: a biographical dictionary. Westport: Greenwood Press, 1990, p. 456.

118 BAKER, op.cit, p.379

119 A linha de fortificação israelense era uma resposta negativa à proposta de retirada dos territórios ocupados por Israel na guerra de 1967, peça central do plano de pacificação do secretário do governo

os generais egípcios.¹²⁰ Os generais e toda a população egípcia pediam mais avanço egípcio, além dos aliados sírios que viram-se mas Sadat optou por um cessar-fogo, durante o qual os EUA enviaram armamentos para repor as tropas israelenses, e Israel voltou a atacar, dessa vez conseguindo impor perdas significativas aos egípcios. A estratégia de Sadat, no entanto, se manteve: evitar provocar os norte-americanos mas, pelo contrário, forçá-los a negociar uma pacificação com Israel que garantisse a devolução do Canal de Suez e o Sinai ao Egito – o objetivo seria parcialmente alcançado com os Acordos de Desengajamento Sinai I e Sinai II, mediados por Henry Kissinger entre 1974 e 1975, em algum tempo, e o segundo só completado com os Acordos de Camp David de 1978 e o Acordo de Paz de 1979.

Antes de entender a consequência da efetivação da guerra no papel que é conferido ao exército pela população, cumpre notar a expectativa em torno a ela. Atuando como uma lembrança constante de um suposto caráter excepcional da conjuntura sócio-política, o esforço bélico é legitimação das outras medidas do programa “corretivo” de Sadat. A população não apenas corrobora este pretexto como o emprega ela mesma no seu cotidiano. O Oficial, por exemplo, é um civil na reserva que assume a função pouco vistosa do serviço social no exército. Quando se vê convocado (como tática distracionista para cansar Israel e dissuadi-lo de preparar-se para uma ameaça, Sadat convocara 22 mobilizações gerais do exército antes da derradeira que concretizou a ofensiva) e precisa avisar aos amigos que não poderá comparecer ao encontro social com os amigos após o *iftar* (o jantar de quebra do jejum durante o Ramadã), o Oficial se vê

norte-americano William Rogers, o Plano Rogers de 1969. SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver**. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 184-185.

120 TIGNOR, Robert L. **Egypt: a short history**. Princeton: Princeton UP, 2010, p.276.

(...) dizendo-lhes que eu precisava ir em uma missão cuja natureza eu não podia discutir por telefone e não podia revelar até que retornasse, especialmente à vista do estado crítico em que o país estava. Era só um trabalho comum, mas não havia mal em fingir que fosse algo especial. (WLE, p. 136)

No primeiro capítulo, as instruções do Atravessador quanto aos procedimentos necessários para substituir o filho do umda por Masri na convocação ao exército incluíam sumir com a identidade de Masri e passar um falso atestado de óbito. Com a meticulosidade burocrática típica de um homem que faz a vida explorando brechas nos processos administrativos do Estado, ele justificava ao hospital o pedido para isentar o óbito de Masri da obrigação de notificar a família: “para prevenir rumores, sendo este um momento crítico para nosso amado Egito, cercado por inimigos”. (WLE, p. 51) O umda também profere as palavras mágicas: “(...) havia antigas contas a acertar, e o Egito passava por tempos tumultuados” (WLE, p. 149). E, por fim, o conselheiro do Muhafaza (a administração da província) exorta o Investigador de polícia a arquivar o caso: “O país estava passando por momentos críticos, ele disse. Não era essa a primeira vez em toda a história – antiga, medieval e contemporânea – que os árabes triunfaram? O episódio Masri pode projetar uma sombra pesarosa na vitória que os egípcios e os árabes aguardavam há milhares de anos.” (WLE, p. 169-170)

Assim, embora as referências na fala popular ao “momento especial” do Egito pareçam sutis, aleatórias ou meramente convenientes, dão indício e reforço do clima de exceção que serve aos propósitos de Sadat e seus colaboradores.

O efeito da guerra para o enredo de WLE está bem apresentado no trecho em que o conselheiro militar, este que é o primeiro a orientar o investigador a encerrar o caso da identidade de Masri, resgata o teor do discurso oficial:

Não se esqueça de que naquele momento o Egito todo foi resumido em uma única sentença: ‘Quando o todo vira um, o todo existe em um’. Você entende o que significa

falar de características individuais se fundindo em uma só? Como gostaria que a atual geração pudesse compreender o sentido do patriotismo! Como eu gostaria que eles pudessem entender o significado do todo existir em um! (WLE, p. 170)

Existe um humor sutil neste trecho, uma vez que o conselheiro esbraveja contra o investigador, mas acaba não revelando o tal significado profundo da frase de efeito patriótica. Seja como for, não é impossível aferir que, para além das bravatas do burocrata, Masri tenha encarnado a prática concreta desta proposta, vivendo com convicção uma abnegação de si como se seu corpo agora fosse um veículo do ideal da defesa da nação. Assim que recebe a notícia de que a ofensiva estava se aproximando, declara acreditar em seu dever bélico e que “tinha vergonha de falar de um problema pessoal com o Egito à beira de uma guerra de libertação” (WLE, p. 116). Sua questão pessoal podia aguardar algum tempo, “mas a libertação de nosso país não” (idem).

Ele me [ao Amigo] disse que a principal razão pela qual aceitou servir no exército no lugar do filho do umda, e pelo qual ele se recusara a dizer qualquer coisa sobre isso naquele dia, foi que aquilo que ele fazia não era roubo ou tráfico, mas assumir um dever patriótico pelo Egito. Ele amava o Egito apaixonadamente (...) (WLE, pp. 118-119)

O Amigo continua explicando como Masri, antes resoluto a mostrar seu caso ao primeiro oficial que pudesse, subitamente decide-se a ficar no exército, para defender seu país: “Masri era único. A saída que deu para seu problema, eu imagino, era correr para a zona do Canal, onde seria purificado pelas águas, e os sofrimentos de tantos anos seria lavado na correnteza.” (WLE, p. 118).

Ou seja, parece que ainda em vida Masri sentia-se um sujeito derrotado, cuja vida precisava de uma catarse que a guerra agora possibilitava. É o próprio amigo soldado, que relata esses pensamentos de Masri, que dá o tom amargo da vida de Masri:

“Em um sentido, ele já fora morto na batalha interna mesmo antes de enfrentar o inimigo estrangeiro.” (WLE,p.117).

Já está clara a estratégia narrativa da obra, uma pela qual ela ficou conhecida e certamente lhe valera a censura. Trata-se do dissabor na vitória, como mais uma vez deixa explícito a alta autoridade que obriga o investigador a encerrar o caso:

Você sabe que toda família egípcia tem um filho nesta guerra de libertação. Eu lhe peço, com toda a sinceridade, para imaginar o que estas famílias sentiriam se, com a guerra ainda acontecendo, eles vissem o corpo de alguém morto sendo arrastado pelo país sem que ninguém disposto a enterrá-lo, sob pretexto de uma investigação sobre a identidade do morto e de seu beneficiário. (WLE, p.176)

Aqui, há mais do que os interesses e as conexões políticas do umda em ação: é a desmoralização do exército que está simbolizada no corpo do egípcio que não tem mais um estatuto jurídico inequívoco, pois não é mais de Masri nem tampouco do garoto que lhe deu nome para substituir no alistamento. Este corpo é a vergonha pública da maneira pela qual o Egito resolve seus problemas externos às custas dos internos.

As diferenças sociais que persistiram durante tanto tempo no Egito, redundando em abusos políticos consistentes e reafirmados, debatidos acima, agora cobram seu preço mais alto: a desilusão com o país que se deixa enganar na retaguarda. Para repetir um trecho já citado aqui, mas absolutamente significativo, voltemos à manifestação de um dos camponeses quando se revolta com a notícia de que o umda mandara um substituto para a guerra: “Quanto tempo ainda vamos aguentar isso? (...) Mesmo na guerra! (...) Nós estávamos parados quando eles corromperam tudo no Egito: a terra, a água, o ar, as pessoas. Mas a honra de defender o solo egípcio! Nunca!” (WLE, p.151)

Mas quem é este que tem a honra de defender o solo pátrio? O camponês não fala em meio a um texto vazio, mas sim na história de um jovem que é forçado a se alistar no exército. Lá, com a súbita proximidade da guerra, somem as dúvidas quanto a

revelar o engodo ou não, tornando pressuposta a participação no exército para acolher o chamado na suprema tarefa de defesa nacional. A “honra de defender o solo egípcio” está toda circunscrita na corporação militar, portanto.

Que o monopólio pelo exército do uso das armas para assegurar a soberania nacional seja um objetivo fundamental de qualquer regime militar é uma afirmação que dispensa maiores comentários. A questão é saber se existiam formas alternativas de organização popular para a defesa nacional. O roteiro de *City of Love and Ashes* gira em torno dessa possibilidade, afirmando um tom positivo que aqui analisamos como uma quase história alternativa; já em *Guerra no Interior do Egito* o espírito pessimista da vitória maculada não consegue romper este dado brutal da realidade, que dá conta que o povo está indefeso e desarmado – o que, de certa forma, poderia ser questionada pelas escaramuças populares com as tropas ocupantes israelenses na região do Canal, toleradas pelo regime após 1967 dentro da estratégia que foi chamada de guerra de atrito.

Há um enfático trecho em forma de solilóquio do Amigo soldado ao narrar a cegada à aldeia. A imagem trabalhada é exatamente igual à que descreve a volta das tropas egípcias da guerra da Palestina no livro de Nasser já citado, *A Filosofia da Revolução*, onde serve como fundamentação para o golpe de 1952.

Aqui estamos, eu pensei, retornando do campo de batalha apenas para descobrir que os tempos de sangue em nosso país já começaram. Teríamos voltado de uma guerra apenas para encontrar outra esperando-nos? Penso que foi nosso erro, pois na guerra que interromperam apenas ontem havia um inimigo atrás de nós também. Cada bala disparada contra o Sinai ocupado deveria ser pareada por outra disparada contra o Egito escravizado, que tem ocupantes de outro tipo – pobreza, atraso, injustiça e opressão. Mas não o percebemos. Direcionamos todos nossos esforços contra um inimigo que era plenamente visível, e negligenciamos os inimigos malignos, cancerígenos que não podem ser vistos a olho nu. Tínhamos uma desculpa.

Pensávamos que as pessoas em casa tomariam a tarefa em nosso lugar, mas elas falharam em cumprir as expectativas – o que significa que nós agora precisamos tomá-la. (WLE, p.127)

As primeiras linhas deixam vago quem é esse “nós” da conjugação verbal: a princípio, poderia parecer que o soldado se referia a todos os egípcios, como quem admoesta a si e ao conjunto dos cidadãos por não fazerem sua parte contra um determinado problema, mesmo que ele seja responsabilidade nominal do governo ou outra instituição. No entanto, as linhas seguintes demonstram que não é uma distribuição vaga de culpabilidade, mas muito específica: o povo não agia contra seus problemas, e transferiu a tarefa às tropas – agora sim, a 3ª pessoa do plural está revelada. Ora, mas quem tem as armas e qual instituição exerce, direta e indiretamente, o poder? Como isso não fica indicado, a omissão vem confirmar a ideia de fundo do texto de que libertar o Egito de seus inimigos – o externo e o interno – continuará sendo missão do exército. Ou mais ainda, prerrogativa legítima.

Não surpreenderá se anunciarmos que o soldado não chegará nem perto de fazer a justiça que promete à memória do amigo Masri. Agora vemos um outro sentido para a frustração expressada em diversos personagens ao longo da narrativa. Seu sentido máximo é a decepção do pai de Masri, que não pode recolher o corpo, não pode receber a pensão por morte em batalha, não pode retomar sua pequena parcela de terra nem seu emprego a serviço do umda, e nem mesmo pode falar sobre a morte do filho. É a encarnação da frustração de um mundo que não mudou o suficiente, e cuja defesa perante um inimigo externo não pode mudar as coisas.

A desgraça que abate sobre o pai de Masri recebe, ao longo dos capítulos finais, a compaixão, e mesmo a indignação, de outros personagens: do Amigo, do Oficial, dos outros camponeses, do Investigador. Mas há um setor, em específico, que não parece se

alterar com o triste paradoxo que aquele corpo insepulto representa: são os altos burocratas.

Além do já citado conselheiro do Muhafaza, que friamente elenca diversas razões para que o Investigador abandone a tolice de continuar escarafunchando o caso, há um outro grande momento de confronto com a burocracia. É a repentina aparição de uma “pessoa importante”, de cargo e nome desconhecidos, envolta em atmosfera tão misteriosa mas cuja autoridade é asseverada, em primeiríssimo lugar na cronologia dos eventos, pelo fausto em que aparece para determinar a mudança de atitude do investigador:

Fui ver essa pessoa importante. Uma vez dentro da limusine que mandaram para me buscar, o chofer pressionou um botão e as janelas correram pra cima. Havia um telefone de um branco leitoso¹²¹ na minha frente, e o ar dentro do carro era diferente de tudo que eu já havia respirado. Eu inquiri o motorista sobre o segredo desse ar fragrante, mas ele não se dignou a me responder e apenas apontou para um pequeno aparelho de aparência complicada no painel. Repeti a pergunta. “Ar condicionado”, ele disse bruscamente, e foi toda a explicação que pude obter. (WLE, p.171)

A ponta cômica coroa o aspecto violento de que a autoridade inominável é tão alta que até seu chofer tem o poder de maltratar um investigador de polícia.

Essa atmosfera relaxante de ar condicionado – e isoladora, acrescentamos – é a mesma que o investigador encontra no escritório da alta autoridade, considerando-o até uma mera extensão do carro luxuoso. O ambiente conspicuamente luxuoso é já o suficiente para afirmar a preponderância política e social da personagem misteriosa. Seu tom autoritário e enfático também não deixa dúvidas de seu poder: “Não existe um caso, entendeu? Um jovem tornou-se um mártir. Certo! Seu lugar no paraíso está

121 O Cairo, bem como outras cidades de deserto, como Amman, sofre de uma poeira constante sobre todos os edifícios, utensílios e vestes. Um dos maiores sinais de diferenciação, conforme se pode notar pela fixação dos sauditas em *gallabiyas* impecavelmente brancas, é a alvura de um objeto.

garantido. E se ele cometeu um erro antes de seu martírio, se sua ambição o levou a tomar o nome de uma família distinta, isso não é nosso problema!” (WLE, p. 175)

No capítulo anterior, o oficial de serviços sociais encarregado de levar o corpo de Masri à vila recebeu suas instruções nos escritórios militares do Cairo – os mesmos que coordenavam à distância a logística das hordas que se iam arriscar na linha de frente – e se assustara com o luxo que encontrava:

Os carpetes sob seus pés eram tão grossos que seus sapatos afundavam diretamente neles; os aquecedores perto de suas mesas brilhavam de vermelhos (embora o inverno ainda não tivesse chegado); e tinham telefones à mão que subitamente tocavam para lhes trazer notícias de como alguém estava, ou sobre o preço da carne, ou promessas de ajuda para conseguir fornecimento de frangos, ou a última cotação do dólar no mercado negro, ou o melhor lugar para ter uma noitada. (WLE, p.137)

Em uma comparação sobre estes dois aparatos institucionais, o exército parece naturalizado em sua missão, mas não a burocracia. Vivem em uma atmosfera quase sobrenatural de tão distante da realidade dura de pequenos servidores, soldados, camponeses etc. Sua missão não é bem a justiça, nem a defesa nacional, nem o bem-estar dos governados, mas a manutenção do poder que, em última instância, provém do *status quo* – como se percebe pela premissa do alto burocrata misterioso: a família do umda é um nome distinto, e de partida está inculpada qualquer ato que prejudique a ela, mesmo que seja a própria justiça.

O propósito de autoperpetuação da burocracia afeta a própria libertação nacional. Sua motivação inclina-se mais pela segurança de medidas conservadoras do que grandes movimentos arriscados – no campo militar tanto quanto no econômico. A grande inovação de Sadat, seu propósito de convencer os EUA a intervirem pela devolução ao Egito dos territórios ocupados, era um objetivo que dependia da restauração da confiança no país árabe como instrumento de manutenção da ordem

regional e de estabilidade interna.¹²² Se o novo presidente quisesse entrar nas graças dos norte-americanos, e de seus aliados regionais (como a Arábia Saudita, país que passará a receber a emigração egípcia conforme promoção do próprio governo de Sadat), longe tinham que ficar os tempos de estímulo oficial a guerrilhas nacionalistas africanas (como o abrigo a Ben Bella dado por Nasser), a incitação à derrubada das monarquias árabes (o reino hachemita, por exemplo), a intervenção em guerras civis nos países vizinhos (Iêmen), o apoio técnico e econômico dos soviéticos. Em suma, tratava-se de retirar-se do jogo do não-alinhamento, com suas margens de manobra, e voltar a uma linha coerente e obediente com os órgãos internacionais de regulação das relações político-econômicas nos marcos da liberdade de capitais: o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a OTAN etc. No âmbito interno, essa guinada foi traduzida como volta à legalidade, correção dos abusos anteriores, fim do aventureirismo nas relações exteriores e na condução da economia, apelando a anseios disseminados pela calma depois dos profundos abalos sofridos com a derrota de 1967 e a crise econômica que se lhe seguiu: “Ele [Sadat] tinha visto também que a sociedade, cansada de ser brutalizada pelos militares reformadores, bem intencionados ou não, desejava retornar a uma normalidade, ainda a definir.”¹²³

Com a primeira vitória das cabeças de ponte no Canal de Suez, assegurando um pé firme na península do Sinai ocupada por Israel, e a derrota tática da tentativa de uma penetração mais profunda contra as tropas sionistas rearmadas pelos EUA, afirma-se como o centro da estratégia o objetivo de converter a ofensiva bélica em guerra de

122 “No plano da diplomacia, Sadat se preparava para inaugurar um novo tempo nas relações árabe-israelenses, um tempo em que a política do tudo ou nada começaria a ceder terreno, e as demoradas e difíceis negociações em torno de concessões parciais mútuas teriam início. O mundo não sabia disso, mas Sadat desistira da meta de erradicar o Estado israelense da face da Terra. O que desejava era fortalecer a posição do Egito e então negociar.” SCALERCIO, op. Cit., p. 201.

123 ACLIMANDOS, Tewfik. “De Nasser à Mubarak: une brève histoire politique”, in BATTESTI, Vincent. IRETON, François (orgs.). op.cit., p. 301.

posições diplomática – isto é, atrair a boa vontade dos governantes norte-americanos e por meio deles forçar a mão de Israel nas negociações.

No texto de al-Qa'id, esta perspectiva apresenta-se claramente. Pela indignação que o engodo da substituição no alistamento gera no leitor, este pode ser levado a acreditar que o maior vitorioso da história narrada é o umda. No entanto, se é verdade que seu desejo se cumpre sem que se saia prejudicado, sua agência ocorre toda na primeira metade do romance, quando ele e o Atravessador tramam a maquinação toda, por sua vez só permitida pelo poder adicional advindo da devolução das terras reformadas, um evento do qual o umda foi inteiramente paciente, não agente. Isso não significa que resulte esvaziada a denúncia sobre a injustiça promovida por esse representante de uma classe dominante abusiva, de traços feudais. Porém, pelo contrário, ela é confirmada e agravada pela acusação, nas entrelinhas, de que o novo poder do latifundiário é na verdade uma continuidade do poder antigo, que não foi devidamente aniquilado durante as reformas prévias. Isto é, de que o governo não terminou seu trabalho. As razões para isso vão ficando claras à medida em que a guerra, cujas implicações são expostas na segunda metade do enredo, demonstra a forma de pensar e agir da burocracia governante. As conexões do umda com os poderes maiores são menores, e até hipoteticamente inexistentes (pois o umda de fato temera e tentara impedir que o caso de Masri fosse levado à delegacia do distrito pelo Oficial), mas isso não evita que os interesses de autopreservação da burocracia manifestem uma convergência natural com os do umda. Nem mesmo o arguto Atravessador poderia ter previsto que o engodo estaria blindado contra incriminação uma vez que a guerra estourasse, e a exposição de uma mácula na vitória militar passasse a virar questão de segurança de Estado. *Eppure si muove*: mesmo sem premonição, as elites econômica e política viram-se de mãos dadas na tarefa de acobertar suas próprias falhas ou crimes. E

aqui, o teor de frustração que perpassa os personagens desvalidos ou impotentes do enredo conduz-nos à amarga constatação de que o maior vencedor da trama não é meramente a burocracia ou os antigos proprietários, mas o novo arranjo de poder do Egito sob Sadat, que se assentou na convergência de interesses de elites diferentes – aquela criada pela revolução de 52, e aquela que dominava o país anteriormente. Embora esteja tratando da luta pela devolução do Sinai e retomada do Canal – duas conquistas que já estarão seladas à época da escrita e publicação do livro, 1976 –, a fala do Amigo, o soldado que tinha esperanças de converter para o campo interno o mandato da ação bélica externa do exército, parece projetar uma metáfora ampla sobre o futuro próximo das questões do país como um todo: “Mas o tempo de guerras acabou no Egito, e o tempo de conversas começou: e palavras acendem outras palavras, e o Egito não conhecerá mais nada além de palavras” (WLE, p. 128).

4. CONCLUSÃO

Sem sopesar o papel dos confrontos por libertação nacional na história egípcia, os estudiosos correm o risco de simplificar os desafios trazidos por cada conjuntura para a autorrepresentação daquela geração de egípcios. O nacionalismo não foi apenas uma onda intelectual, mas uma decorrência da necessidade concreta de desfazer laços de dominação e ocupação, sentida pela maioria da população. Não é outra a explicação para a disputa muito real que se colocou sobre o método e o protagonismo desta luta. Os dois romances analisados neste trabalho participaram do embate, com visões e resultados distintos que indicam profundas mudanças. É tarefa da historiografia dar conta dessa mudança se deseja construir um retrato da sociedade egípcia na segunda metade do século XX.

A expressão da literatura é uma reconstrução do mundo que opera na dialética entre o autor com suas ideias e amarras e o público leitor com sua outra experiência e expectativas. Assim, como declarado na introdução, o método de análise aqui realizado não buscou inferir a intenção dos autores, sua mensagem, mas sim entender o texto como um campo de significados construído pela interação entre o enredo ali costurado e a situação sócio-política no momento da publicação dos textos. Esse caminho almejava ressaltar as estratégias narrativas que, por deliberação ou efeito, os textos incorporaram, no processo revelando também os rumos declinados.

Fruto desse método de abordagem, indicou-se aqui que Yusuf Idris poderia ter retratado mais os ingleses e seus antípodas derradeiros, os militares, mas não o fez. Escrevendo entre 1955 e 1956, num tensionamento crescente entre estes dois polos e às vésperas (ainda que insuspeitas) da encampação pelo Estado da Companhia do Canal de Suez e da guerra que decorre, a novela escolheu agentes sociais e políticos que foram

deixados para trás, situando-os na última tentativa de revolta popular contra a presença dos ingleses e a complacência do rei. Ao fazê-lo, no entanto, enalteceu sua força e seus métodos, como que a indicar que poderiam ter vencido. Mais ainda, construiu uma liderança que se forma na compreensão paulatina do sentimento nobre, o amor, aprende a imergir no meio do povo e nutrir-se de sua vitalidade, e assim se prepara para uma dedicação de longa duração, uma luta contínua e sem glamour. Ou seja, estamos diante de mais uma ocorrência do vir a ser, do poderia ser assim.

Mas *Qissat al-Hubb* é uma história escrita no início do regime militar no Egito. O imaginário ali evocado está firmemente referenciado no Egito pré-Nasser, e depende da lembrança do passado para projetar uma perspectiva para o futuro. Isto é, o aspecto crítico do texto só transparece se ele for lido com esta dimensão positiva acerca do que *pode ser*. Sem ela, a crítica emprega o imaginário circunscrito ao tempo presente do regime militar, apressa-se a declarar o livro um elogio do golpe e rotulá-lo de panfletário. Mais ainda, sem a compreensão da necessidade de construir personagens idealizados para estabelecer um programa de comparação com o momento presente, a acusação falou de um Idris ingênuo, que forçou a pena na elaboração psicológica dos personagens, distanciando-se daquele Idris que autorou contos cheios das contradições da gente comum do Egito e mesmo da crítica ácida das novelas posteriores.

War in the Land of Egypt, por outro lado, não depende do mundo como era antes, mas do sentimento do presente. É escrito depois da guerra que conferiu grande prestígio ao novo presidente, Anwar Sadat, mas já durante os primeiros reveses em sua popularidade causados pela crescente crise econômica – que em 1977, um ano antes da publicação no Líbano, desemboca numa imensa greve operária e levantes estudantis. A estratégia narrativa escolhe o ponto mais alto da promessa de Sadat para relativizar o sucesso de sua concretização. Para isso, articula os elementos de continuidade entre o

presente e o passado. Dois, principalmente: a dominação social no interior, e os desmandos da burocracia estatal. Combater este último aspecto era também promessa e propaganda do novo presidente.

Como resultado final, o romance de al-Qa'id pode ser tido como um discurso crítico inequívoco. De forma coerente com essa impressão, a censura barrou-lhe a publicação no país. Clareza semelhante não foi conferida à recepção crítica da obra *City of Love and Ashes*¹²⁴, que passou a ser lida como afirmação do mesmo nacionalismo militante que os Oficiais Livres estimulavam. O fato de que o exército é deixado de fora dos elementos evocados na luta nacional conforme retratada por Idris parece contar pouco para a crítica escolástica, mas ocorria no momento mesmo em que o papel continuado que Nasser se arrogava após março de 1954 era questionado pela intelectualidade e mesmo por partes significativas do movimento de trabalhadores e segmentos sociais urbanos pobres – a aliança revolucionária que o romance preconizava.

Que mudanças profundas o Egito teria vivido que vetaram ao romance de al-Qa'id uma estratégia narrativa semelhante à de Idris? O romance que se assenta no terreno do nacionalismo precisou tomar como premissa o papel do exército na defesa da nação. Mais do que isso, teve que reconhecer sua eficiência no campo militar: o Amigo soldado pode até se gabar de terem voltado vitoriosos do confronto militar externo. Por esse lado, o governo de Sadat não poderia ser atacado. Mas o flanco estava presente: nas medidas de reversão de medidas de Nasser contra a injustiça social, como a reforma agrária, o peso histórico da opressão aos pobres no Egito podia ser exposto e criticado. A denúncia poderia até ser estendida à superficialidade das medidas de Nasser, já que,

124 Ao menos no âmbito dos estudiosos que publicaram em inglês (Mona Mikhail, Mona Abdel Salam, Kristin Peterson, Marina Stagh, Yasmine Ramadan etc.), citados neste trabalho, conforme limitação idiomática referida na Introdução.

mesmo de posse de pequenos lotes de terra, os pobres do campo continuavam vivendo na carência e, ademais, bastou uma linha de resolução da Justiça, reconhecendo o abuso da expropriação das terras do umda, para mudar de uma vez suas vidas para pior. E, conforme o enredo se desenrola, o eixo da oposição ao governo distancia-se mais ainda do exército como uma estrutura de poder autoritário e dispara as ironias e a tragicidade contra a burocracia que, aliás, deixa claro, pela figura da alta autoridade anônima, que está acima da burocracia do exército (WLE, p.175).

No entanto, pela fala da mesma autoridade, há uma presença da lógica militar, pois o espetáculo do corpo de Masri sendo disputado ameaça o valor da vitória bélica. Assim, o texto leva a suspeitar que a mentalidade militar está associada ao objetivo de autopreservação da burocracia, mas esta possibilidade é menor (e até contraditada pelo Amigo soldado, que também pensa em termos militares mas vê a justiça social como extensão do mandato das tropas para defender o Egito) diante das evidências abundantes de que o cerne da questão é a convergência tácita dos interesses da burocracia e da classe dominante no campo.

A movimentação pelo complexo jogo do entrelaçamento de diferentes temas – a defesa nacional, a justiça social, a estrutura de poder do Estado, a consciência política dos extratos sociais mais desvalidos, o caráter da liderança que busca mudanças sociais – aparece então como uma escalada entre os dois textos. Se ambos têm estratégia narrativa sofisticada, percebe-se uma diferença substancial da quantidade de elementos evocados para elaborar uma crítica política por meio da literatura. Assim, *City of Love and Ashes* pode conformar uma crítica *por contraste* ao extrair do cenário as Forças Armadas, deixando apenas a figura da lei marcial, e elaborar um herói com inclinações marxistas à cabeça de uma organização revolucionária. Vinte anos depois, o texto de *War in the Land of Egypt* contrapõe-se *frontalmente* à conjuntura operando a

simbologia de um herói sem voz própria tornado guerreiro de ardor nacionalista apesar da injustiça de que é vítima, e a intensa plasticidade das disputas travadas por seu corpo, tanto em vida quanto em morte, por uma série de personagens representando diversos extratos da sociedade egípcia. E no momento máximo dos sucessos militares daquela nação desde sua independência.

Obviamente as mudanças da literatura durante estas décadas (conforme brevemente explorado na Introdução) respondem por parte da diferença entre estes dois romances. Pode ser, no entanto, que as próprias mudanças estivessem ocorrendo devido a uma crescente sofisticação das formas de dominação político-social no Egito. Não seria possível averiguar esta hipótese no âmbito desta pesquisa, mas a interpretação crítica das duas obras apontou nesta direção. Em palavras simples, ficou mais difícil encontrar a resposta para a questão: como promover a justiça social no Egito? Ou, nas palavras do Investigador a encerrar o capítulo derradeiro do romance de al-Qa'id:

Eu fizera uma pergunta, que merece uma resposta satisfatória: completa, final e convincente. Como agora mesmo não tenho a resposta, terei de começar a buscá-la. Se eu falhar, tirarei a pergunta do meu coração e deixá-la-ei correr a terra do Egito, procurando sua própria resposta. E quando a questão partir em sua jornada, eu a seguirei com outra questão: “Será que algum dia encontrará a resposta?” (WLE, p. 183)

Ao que parece, a questão ainda corre as terras do Egito, e sua complexidade não dá mostras de parar de crescer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAS, Raouf. “Transforming Egypt”, in **Mahmoud Abbas: 1805-2005**, Mohamed Ali and the World. Conferência, Alexandria, 15-17 de novembro de 2005

ABDALLAH, Ahmed. **The student movement and national politics in Egypt**. Londres: al Saqi, 1985.

ABDEL-MALEK, Anouar. **Egipto, Sociedad Militar: sociedad y ejército 1952-1967**. Tecnos: Madrid, 1967.

ABDEL SALAM, Mona Kamel. **The Longer Stories of Yusuf Idris**. Tese de mestrado. Center for Arabic Studies, American University of Cairo, 1973.

ACLIMANDOS, Tewfik. “De Nasser à Mubarak: une brève histoire politique”, in BATTESTI, Vincent; IRETON, François (orgs.). **L’Egypte au présent: inventaire d’une société avant révolution**. Paris: Sindbad, 2011, p. 301.

AMIN, Samir. **O Desenvolvimento Desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976, p. 30.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional [Imagined Communities]**. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BADAWI, Mohammed Mustafa, “Commitment in Contemporary Arabic Literature” in BOULLATA, Issa J. (org.) **Critical Perspectives on Modern Arabic Literature**. Michigan: Three Continental Press, 1980.

BAKER, Raymond William. “Sadat’s Open Door: Opposition from within” in **Social Problems**, v.28, n.4, “Development Processes and Problems”, p.378, acessado em <http://www.jstor.org/stable/800051>

BATTESTI, Vincent; PUIG, Nicolas. “Comment peut-on être urbain? Villes et vies urbaines” in BATTESTI, Vincent; IRETON, François (orgs.). **L’Egypte au présent: inventaire d’une société avant révolution**. Paris: Sindbad, 2011.

BEININ, Joel; LOCKMAN, Zachary. **Workers on the Nile: Nationalism, Communism, Islam and the Egyptian Working Class, 1882-1954**. Cairo: The American University in Cairo Press, 1998

BINDER, Leonard. **The Ideological Revolution in the Middle East**. Nova York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1979.

CONNOR, Walker. “A Nation is a Nation, is a State, is an Ethnic Group, is a...”, **Ethnic and Racial Studies**, 1/4 , 1978, 379-88. In HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony (orgs.). **Nationalism** (Oxford Readers). Oxford/New York: Oxford University Press, 1994.

CURTO, Diogo Ramada; JERÓNIMO, Miguel Bandeira; DOMINGOS, Nuno. “Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral)”, **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.24, n. 2., pp. 33 a 58.

D'AFFLITTO, Isabel Camera. **Letteratura Araba Contemporanea: dalla nahda a oggi**. Roma: Carocci, 1998.

ELAD, Ami. **The Village Novel in Modern Egyptian Literature**. Berlim: Klaus Schwarz Verlag, 1994.

GORDON, Joel. **Nasser's Blessed Movement: Egypt's Free Officers and the July Revolution**. Nova York/Oxford: Oxford UP, 1992.

HAFEZ, Sabry. **The Quest for Identities: the development of the Modern Arabic Short Story**. Londres: Saqi, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. Trad: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

JACQUEMOND, Richard. **Conscience of the Nation: Writers, State and Society in Modern Egypt**. Trad. David Tresilian. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008.

JOHNSON-DAVIES, Denys. “Introduction” in ____ (org.). **The Essential Yusuf Idris: Masterpieces of the Egyptian Short Story**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008.

MARFLEET, Philip. “State and Society” in EL-MAHDI, Rabab; MARFLEET, Philip. **Egypt: moment of change**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.

NASSER, Gamal Abdel. **The Philosophy of the revolution**. Cairo: Mondiale, s/d.

PETERSON, Kristin. **A Translation of the novel *Al-Haram* by Yusuf Idris with a critical introduction.** Tese de mestrado. Center for Arabic Studies, American University of Cairo, 1977.

PODEH, Elie; WINCKLER, Onn. "Introduction" in Idem (orgs). **Rethinking Nasserism: Revolution and Historical Memory in Modern Egypt.** Gainesville, Florida: UP Florida, 2004.

_____. "Nasserism as a form of populism" in _____ (orgs). **Rethinking Nasserism: revolution and historical memory in modern Egypt.** Florida: UP of Florida, 2004.

KERBOEUF, Anne-Claire. "The Cairo Fire of 26 January 1952 and the Interpretations of History". In GOLDSCHMIDT, Arthur; JOHNSON, Amy J.; SALMONI, Barak A. **Re-envisioning Egypt 1919-1952.** Cairo: American University in Cairo Press, 2005.

KLEMM, Verena. "Different Notions of Commitment (*iltizam*) and Committed Literature (*al-adab al-multazim*) in the Literary Circles of the Mashriq", **Arabic and Middle-Eastern Literatures**, v. 3, n.1, 2000, p. 52.

RAMADAN, Yasmine. **Narrative and Nation construction: a study of André Malraux, Yusuf Idris and Arundhati Roy.** Tese de mestrado. The School of Humanities and Social Sciences, The American University in Cairo, 2005.

RAYMOND, André. **Cairo: City of History.** Cairo: The American University in Cairo Press, 2007.

REICH, Bernhard. **Political Leaders of the Contemporary Middle East and North Africa: a biographical dictionary.** Westport: Greenwood Press, 1990.

RENAN, Ernest. **Qu'est-ce qu'une nation.** Paris: Calmann-Levy, 1882, trad.ao inglês: Ida Mae Snyder. In HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony (orgs.). **Nationalism** (Oxford Readers). Oxford/New York: Oxford University Press, 1994.

SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SILVA, Edison Adão C. **Oriente Médio: a gênese das fronteiras.** São Paulo: Zook, 2003, p. 77-78.

STAGH, Marina. **The Limits of Freedom of Speech: Prose Literature and Prose Writers in Egypt under Nasser and Sadat.** Dissertação de Doutorado. Institut of

Oriental Languages. Acta Universitatis Stockholmiensis. Stockholm Oriental Studies, Stockholm University, 1993.

STALIN, Josef. **Marxism and the National Question** [edição original: 1913], cap. 1. Acessado em <http://marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/03.htm> em 01/06/2012.

STARKEY, Paul. “Al-Qa'id, [Muhammad] Yusuf” in MICSAMI, Julie Scott; STARKEY, Paul (orgs.). **Encyclopaedia of Arabic Literature**. v. 2. New York: Routledge, 1998.

STARKEY, Paul. **Modern Arabic Literature**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006, p. 117

TIGNOR, Robert L. **Egypt: a short history**. Princeton: Princeton UP, 2010,

VATIKIOTIS, P.J. **Nasser and His Generation**. New York: St. Martins Press, 1978.

WEBER, Max. **From Max Weber: Essays in Sociology**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1948. In HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony (orgs.). **Nationalism** (Oxford Readers). Oxford/New York: Oxford University Press, 1994.

ANEXOS

TRECHOS CITADOS

Capítulo 2: A nós, as armas

- p. 35:

The tram terminal in Shubra al-Balad is more than just the beginning of a tramline. It is a pivot of constant interplay between Cairo and its suburbs, between the city and the many factories scattered around it. You see village folk here coming to the capital, awestruck by the city, breathless at the drone of the great bustle and the new world. You see sullen workers in the bustle too, resentful of the city but unable to escape it. (CLA, p. 3)

- pp. 36-7:

As he waits he breathes in deeply, with pleasure, for the terminal was also a pivot constant interplay between the constricting life he lived in the morning along the white coats, vats of dye, and test tubes and the free and open life that began once he stepped onto the platform station. (CLA, p. 3)

- p. 37:

(...) serious and harsh (...) (CLA, p. 3)

By the time the conductor had finished issuing the tickets the passengers had quite relaxed, and any barriers of reserve and alienation among them had lifted. Hamza pricked up his ears to listen to their conversations. Not the usual altercations, apologies, jokes – just the English... the English... Battalions, commandos, Kafr Abduh tanks... Erskine and the Egyptian troops... Four English soldiers killed... The waterworks blown up... Their day will come, the bastards... By God, we'll turn them out of Egypt dancing and singing all the way... If we had weapons... We need weapons... Where can we get them?... Where? There are ways... If only they'd come out and fight us man to man! (CLA, p. 4)

- pp. 39-40:

None of you really understand the saying 'Hunger makes a man blaspheme' – especially if you're reading this sitting in an armchair in a modern apartment, your stomach crammed with food, drunk from over-eating. Good, rich food makes you drunk, just like wine, so you won't believe me when I repeat: 'Hunger makes a man blaspheme'. (WLE, p. 48)

- p. 40:

As far as I was concerned, I was just easing some of the burdens of the poor and wretched who couldn't tell the letter 'a' from a corncob. Three-quarters of the people in our village are illiterate, and I was making up for their backwardness. (WLE, pp. 41-2)

This man, I thought, has always eaten his fill, and now his throat's so choked with eating that his voice comes out smelling of meat and chicken, butter and fried onions. (WLE, pp. 74-5)

- p. 41:

I put my knife and fork to one side, and ate what I could eat with a spoon: soup, rice, vegetables and salad. The umda had been acquainted with every kind of food for years and years – an intimacy I don't share. As he began his meal, cramming his mouth with meat, his face relaxed, and to look at him you'd think there was nothing he enjoyed more in the world. (WLE, p. 86)

All my life I've been hungry all day long: hungry for sleep, hungry for bread, hungry for cloathing, hungry for rest – a lifetime of hunger. (WLE, p. 86)

Sleep has a fragrance I can smell. It divides people into two categories: the ones who get as much sleep as they want and the ones who don't. (WLE, p. 87)

(...) living from hand to mouth (...) (WLE p. 89)

One evening we were chatting, and he talked a lot about people who go to bed hungry and have barely enough to live on. This surprised me, because according to his file, his father was an umda, and everyone knows umdas are rich. When I said how astonished I was for his concern for the poor and needy, he blurted out: 'But I'm one of...' He stopped short, and I didn't ask the question that must have been written all over my face. (WLE, p. 101)

- pp. 41-42:

The answer lies in the gulf between the umda's huge white mansion, which gleams even at night, and the house, or rather shack, where Masri's family lived, and in the contrast between the umda himself, with his huge elephant's carcass, and Masri's father, with his skin stretched so tight over his bones they look as if they might pop out at any moment. (WLE, p. 110)

- p. 42:

(...) good stock (..) goes to bed hungry (...) (WLE, p. 163)

His voice was relaxed, laden with the smell of meat and fat and chicken and turkey. The flesh of his face and hands laid in folds. (WLE, p. 160)

- p. 43:

Water nevers flows uphill. The umda will take the land whatever we do. (WLE, p. 68).

God will protect you. (...) and after God you have the umda. He'll be responsible for bringing your situation to the attention of the appropriate authorities (...). Egypt will never lave her sons without land or work. (WLE, p. 70)

- p. 43-44:

The officer went to see the umda, while we went out clenching our fists with despair. We couldn't agree among ourselves, and it looked pretty much as if the officer was deliberately giving us a chance to fall out with each other.

Some people said that if this was Egyptian justice they were going to emigrate. (...) Others said it would be more honourable to sell the land and animals and buy weapons instead, even if we had to fight the government itself. We could be sure, one of them said, that if this had happened in Upper Egypt the officer would never have got away alive, even if he'd had the entire army with him. All this talk got us nowhere. (WLE, p. 70-1)

- p. 44:

(...) he imagines we like it when he leaves his hand there long enough for us to go on and on kissing it like that (...); “(...) there was no flesh on my hand, or on the hands of thousand like me; but I was afraid he might hurt himself, because my backbone's as sharp as a row of nails. (WLE, p. 73-4)

- p. 45:

We went to the authorities and asked how we could live if he took our land, and they told that was beside the point, we should give up our land first and then we could go to court about it. The courts were available to everyone, they said, because this was a time when justice flourished as it never had in the whole history of Egypt. They said that to trick us, because this was more of a political case than a criminal one. The peasants were divided into two factions over it, with one side maintaining we ought to give up the land and then go to court, and the other swaering they'd never give up the land without bloodshed, even if it meant clashing with the government. Meanwhile the umda was bargaining with a third group, which included my father.

Then the business about military service came up, and the umda said to my father: 'Your son will have to go in return for your keeping the land.' My father agreed to this – as a matter of fact the whole family was delighted with the bargain – but I refused to have anything to do with it, I wouldn't even discuss it. Anyway the people in our village don't know what discussion means. The way my family looked at me, I knew they thought I was too selfish to make a sacrifice. They couldn't even see why I would call it a sacrifice. (WLE, p. 107-8)

- p. 47:

Angrily, I told him to find someone else. (...) The fact is, this boy Masri is the son of a retired watchman, and is known throughout the village for his intelligence and his good record at school; he is always top of his classe, and I'd make no secret of my admiration for him. How often had I felt jealous and wished he was my own son! (WLE, p. 29)

(...) so as to prevent rumours, this being a critical time for our beloved Egypt, surrounded by enemies. (WLE, p. 51)

- p. 48:

Masri was a young man brimming with aspirations, full of the contradictions of our country: love of the world yet indifference to it, daring and shyness at one and the same

time, courage and fear, a calm exterior and an inner life seething with rage and rebellion. I have searched long and hard for the right words to describe him, and I think I've finally found them: he was suspicious, sceptical and adolescent, and would have stayed that way if he'd lived to be ninety. (WLE, p. 109)

- p. 49:

Masri naivety sprang from his suspicion and scepticism; he'd accepted the world unthinkingly, but when he clashed with reality his whole world was filled with uncertainty. Was this why things happened to him as they did? I can't answer that question (...) but I think Masri was crossed by fate. Every generation has its destiny; that of our generation of Egyptians, for example, was... do I have to go on? Our aspirations were greater than our power to achieve them, and when we took a step forward we found the ground wasn't beneath our feet. We looked up at the clouds, but the heavens vanished from above us. At the moment we reached out and grasped the truth about our generation, our leader sacrificed himself and left us when we needed him most. (WLE, pp. 109-110)

- p. 50:

Evening in a village like this was a new experience for Masri. A few wan mantle-lamps and some kerosene lanterns, with or without glass. People walking up and down, coming from the darkness of one street to disappear into the darkness of another. Slow, lifeless movement. Cattle roaming about, cattle being led home.(CLA, p. 14)

- p.51:

Impossible to believe that over the years the people of this village alone had killed hundreds of British soldiers, and that because of their hostile actions against the British Empire questions had been raised in the House of Commons. (CLA, p. 14)

- p. 52:

They're like a dead crocodile: however much you prod it, it doesn't feel a thing. (CLA, p. 52)

We're a people who've submitted to colonialism for thousands of years and become accustomed to humiliation. In the last war nobody lifted a finger. Our agrarian nature, our easy land, our temperate climate can't create a resistant people like the Greeks, for example. We're ordinary people with no inclination to violence. (CLA, p. 53)

- pp. 52-54:

At Rameh Station we found a large demonstration stratching from the station to Saad Zaghoul Street, and for the first time I was seeing a demonstration composed not just of students but also of older people, people in gallabiyas, traders, tran conductors, and workers, as well as the boys who collect cigarette butts and shine shoes, mechanics'

apprentices, what you call the riff-raff. The demonstration passed by a British information post built of concrete (there's a public garden there now). It had windows that looked onto Ramleh Station, with notices in English with information for the soldiers. Some of the boys who always march on the edges of the demonstrations tried to pull one of the signs down, but the older men prevented them. Then, as always happens in such situations, people stopped and gathered around the building – and they suddenly became aware of it, as if they hadn't seen it before. (...) and I heard people saying the post was full of weapons, and you could just go in and take what you wanted. (...) The square full of people, a huge number of people, but the next thing I knew I was looking for the door of the post. I found it, and I found people going in through it. I went in, I just went in without thinking or using my head. There was a strange, powerful feeling compelling me. It was dark inside. (...) I'd just got to the middle of the outer room – and there were other people with me – when we heard an obscure sound: tick, tick, tick quickly one after the other. I'd never heard a machine-gun firing before, and I'd never imagined that the sound it made would be so soft. I was terrified. (...) The post, although it was just an information post and only concerned with civil works, had British soldiers in it, with four machine-guns, who had been ready and waiting in the inner room since morning – waiting for the people to break in so that they could open fire on them with their guns. (...) In one minute the square that had been heaving with humanity was totally empty. All the suit-wearers disappeared when things turned serious, and all the gallabiya-wearers hid in the entrances to buildings that looked onto the square. And do you know who remained standing alone in the square, with the bullets coming from all directions? Do you know who? Those boys who appear to have no families, no clothes, no trade. Young kids no older than fifteen. Dark, dusty, tousle-haired, ragged-clothed. Yes, it was the so-called riff-raff who stayed on. (...) The guns were firing, but the boys paid no attention and were hurling stones and rocks. Can you imagine!? They were throwing stones in the face of machine-guns. And the amazing thing was that when one of them was hit and fell down and died, his mate standing next to him just carried on hurling stones. After a while they realized the stones were having no effect. Then I watched as one of them took off his torn gallabiya and soaked it in gasoline from a parked car. He crouched and ran until he was up close to the post and threw the flaming gallabiya in through the window. That was the turning-point in the battle. (...) As the battle intensified, they went into the tearoom on the square, took the chairs, set them alight, and came out screaming war-cries, running, and throwing the chairs at the post.” (CLA, pp. 55-57)

- p. 55:

Cairo died with the setting of the sun (...) (CLA, p. 17)

- pp. 55-6:

When Hamza's wave of fury abated a little he understood that he had indeed been dispossessed of his full and normal life, and that his struggle had been condensed

suddenly into elegant, smooth, white walls, into the huge face and body of Mr. Bedeir the lawyer, and into a great, killing hopelessness. (CLA, p. 18)

- p. 56:

(...) as if there were now a barrier between them and the world and its tragedies. (CLA, p. 86)

- p. 57:

When I found you after the fire and knew you were in hiding, my attention was captivated by the strange life you were living, a life at war with the government and stalked by the state police, a life disguised in dark glasses and tarbooshes, a life of circumspection, quick thinking, alertness, and apprehension. (CLA, p. 95)

- p. 57:

(...) seemed fascinating compared to my law-abiding, stagnant life of students, housework, exercise books, and cooking (...) (CLA, p. 95)

I appeared serious and stern in front of my teaching colleagues so that they might think the secret behind my seriousness was the 'dangerous' activity I was involved in. (CLA, p. 96)

And when you told me about what happened on the 6th of March and I saw in your eyes an admiration bordering on worship for the 'riff-raff' and the bullets that tore their naked bodies, all my heroic pride and my finest instincts were aroused and I determined to take the suitcase with the dynamite and hide it at my house, and thus be crowned on the throne of your trust. (CLA, p. 97)

- p. 58:

(...) then the way you looked when you nodded your head firmly and said there was an irresistible, unimaginable power to the people of our nation. It suddenly became clear that I was a lying, cheating, miserable coward, that I was betraying you after you had put your complete trust in me. And that's not all: for the first time since I'd known you I thought in those few seconds about the cause you were so heroically defending. I thought how much effort you had exerted to buy that dynamite and hide it, then go back and pick it up again, how much money you had spent, and how many times you had exposed yourself to arrest, death, or being blown up. I thought how much all of you had sacrificed to mobilize the people for the struggle, to set up the camp, to train and prepare our country to stand and face the enemy. (CLA, p. 99)

- pp. 58-9:

Your're very dear to me, Fawziya. It's no ordinary love I have for you: I love Egypt in you, I love the Nile that's in your blood, I love the whiteness of the ripe cotton in your face, I love your gentle sun that slumbers in the honey of your eyes. (CLA, p. 92)

- p. 59:

'And every minute I'm conscious of the changes you've made in me.'

(...) 'For instance – I used to see my role in the struggle as quite heroic: I thought I was sacrificing myself to others, so they should love me and set me on a pedestal like a messiah, know what I mean? Now I see how great our cause is and how modest my role is in it (...) Another for instance – I felt alienated, and although I was playing my part in the service of the people, I was far from them. You made me feel I was joined to society by a strong tie, that I had become part of it, that we're one family, know what I mean? You and I have been absorbed in everybody, and we now number in the millions. This is what I feel when I look at people. See those people walking up and down, riding on that cart, clinging on the steps of the bus, sitting in the café? Those are our people. See how beaten and humiliated they are? Now I feel I love them more and want to die for them (...). (CLA, p. 116)

- p. 60:

Just ask at Bab al-Wazir where your uncle Abu Duma is, any one of a thousand will show the way. (CLA, p. 123)

The graveyards and tombs looked like small houses crammed together. The only difference between them and Abu Duma's house was that the latter was the most miserable of them all and the most wretchedly built: one might think it a tomb erected to the memory of the Unknown Poor. (CLA, p. 131)

- p. 61:

'My God! What are you doing, Mr. Hamza? Are you insulting me? Am I that low? I may be poor, but I help people too – or are the poor not allowed that? You're my guest, Mr. Hamza, and you're an educated man, you should understand these things. Praise be to God, man, I get by. No, no, no, Mr. Hamza, it's as though you took off your shoe and hit me with it. It's as though you spat in my face. Get away with you, man, may God forgive you.' (CLA, p. 140)

- p. 62:

'The name belongs to the umda's son, but it's photo of the night-watchman's son'". (WLE, p. 147).

- p. 63:

(...) pampered-looking young man (...) (WLE, p. 148)

(...) the umda was on guard now, like a man getting ready for battle. (...) 'I'm the martyr's father' (...) He told I'd be responsible if a mob gathered. The village was full of

gangs, he said; there were old scores to be steeled, and Egypt was going through troubled times. (WLE, p. 149)

- pp. 63-4:

“The case, they said, could be clearly proved; the evidence was there and, for the first time, the umda had left himself open to prosecution.” (WLE, p. 150)

- p. 64:

'How much longer are we going to put up with all this?' he asked. He seemed to have a certain amount of education. 'Even in war!' he went on. 'We've sat back while they corrupted everything in Egypt: the land, the water, the air, the people. But the honour of defending Egypt's soil! Never!' (WLE, p. 151)

Capítulo 3: Futuros roubados

- p. 73:

The newspapers that he devoted himself to all day contained nothing at all. News of the battalions and of the battle had disappeared completely. Instead the papers overflowed with messages of support from businessmen and companies for the new prime minister, savior of the country and protector of the nation's integrity – the same businessmen and companies who in the days of the armed struggle had missed no occasion to declare their total support for the Fedayeen and to donate to the battalions. (CLA, p. 17)

He was a scientific man who believed in intellect and reason (...) (CLA, p. 47)

(...) of this dear revolutionary man who glowed with lustrous, radiant logic that he applied to statements and things, to peel them apart, consider their structure and rules (as he had done with the pistol), and then with no fuss pronounce simple judgement on them. (CLA, p. 110)

- p. 74:

He had believed that people developed, but now he realized his view had been too mechanical. His understanding of people went something like this: society forms a common fraction, with a denominator counted in millions and a numerator counted in ones and tens, and society evolves by a diminution of the numerator against the denominator; any increase in the numerator is at the expense of the denominator, and any increase in the denominator detracts from the numerator; humanity will continue in oppression and wars until kings and numerators are swept away, the denominators are liberated, and all people are joined in one true community. (CLA, p. 112)

- p.75:

(...) I was full of hatred for injustice and the enemy, but colonialism could end and injustice could take another form and the cause could extend far further than it does now. The cause is not a matter of the enemy, no, it's a matter of the people and their aims. And the solution is to have faith in the people first and foremost, know what I mean? (CLA, p. 141)

- p. 75:

That day was one the warm days that proliferate toward the end of winter, signaling that winter has grown old and that the seed of spring are germinating inside it, growing and threatening its survival. The sun blazed, its heat and rays racing to reach the earth (...). They penetrated even to living things, inducing movement after stillness, security after fear, release after withdrawal, pushing them too to oppose a winter they had suffered too long, a winter whose end was due. (CLA, p. 154)

- p. 76:

On his way to the meeting he saw in people's faces an early spring (...). People had recovered from the shock of fire and raised their heads, in fear at first, and begun to whisper rumors. Then the whispers grew louder when some of the rumors turned out to be true and became open talk. The people learned who had started the fire and who was dealing the blows, and when the people identify their enemies they do not hold back. They began to jeer and make jokes, starting with the king and his ministers, and not neglecting even the hangers-on. The enemies tightened their grip on the people to shut mouths, but derision had wiped out their terror and made light of the situation, so they met the pressure with a conviction that further steps forward were inevitable. (CLA, p. 159)

- p. 77:

'I'm not a thief, I'm a nationalist! (CLA, p. 162)

It seemed impossible – impossible that the safe place he had been searching for in which to hide from his pursuers and from the people who might volunteer to catch him could be at the heart of the people's themselves. (CLA, p. 165)

(...) and many, many people in front of him, behind him, to both sides of him, and all around. (CLA, p. 165).

- p. 82:

'Hamza, my son – Come home. We owe you an apology. Your forlorn father, Bedeir.' (CLA, p. 153)

(...) eleven o'clock at night, so that nobody but her father would know about it and so that he would not tell anyone. (CLA, p. 155)

He was never comfortable with Rushdi's suspicion of others, his great, hollow words, his excessively glutinous love for his children, always carrying their pictures around with him and taking them out to show to whomever he met (...) (CLA, p. 157)

- p. 87:

His first conviction was on trumped-up charges: he became internee number forty-eight and spent twenty months in al-Tur, Hikestep, and the Alexandria's Foreign Prison. The he was released, but every time a British government official or high-ranking officer came to Egypt, he was arrested, and on every occasion of national or international importance he was detained in the police station for days that stretched into weeks, until at the beginning of the year he was able to make a list of the days on which he would visit the station, as another mark the public days on a calendar. (CLA, p. 26)

- p. 90:

A man volunteered to give his life for another man – what's that got to do with the government? The days of red tape are over, so we're told, and we're living in an age of freedom. Every man's free to do as he likes with his life – he can shed his own blood if he wants to. (WLE, p. 164)

- p. 91:

Gone were the days when I'd seen my father take anyone who disobeyed his orders and tie him to the eucalyptus tree that still stands in our courtyard. (WLE, p. 19)

- pp. 97-8:

(...) telling them I had to go on an assignment whose nature I couldn't discuss over the telephone and couldn't disclose until I returned, especially in view of the critical state the country was in. It was an ordinary jobm but there was no harm in pretending it was something special. (WLE, p. 136)

- p. 98:

(...) so as to prevent rumours, this being a critical time for our beloved Egypt, surrounded by enemies. (WLE, p. 51)

(...) there were old scores to be steeled, and Egypt was going through troubled times. (WLE, p. 149)

The country was going through critical times, he said. Wasn't this the first time in the whole of history, ancient, medieval and modern, that the Arabs had triumphed? The Masri episode migh cast gloomy shadows over the victory that Egypt and the Arabs had been waiting for thousand of years. (WLE, p. 169-170)

- pp. 98-9:

'Don't forget that at that moment all of Egypt was summed up in a single sentence: "When the whole becomes one, the whole existis in one." Do you understand what it means to talk of individual features melting into one? How I wish the present generation could grasp the meaning of patriotism! How I wish they could understand the meaning of the whole existing in one!' (WLE, p. 170)

- p. 99:

'I was ashamed to talk about a personal problem with Egypt on the verge of a war of liberation.(...) but the liberation of our country can't.' (WLE, p. 116)

He told me that the main reason he'd agreed to serve in the army in place of the umda's son, and why he'd refused to say anything about it that day, was that he was what he was doing wasn't stealing or smuggling, but undertaking a patriotic duty for Egypt. He loved Egypt passionately (...) (WLE, pp. 118-9)

Masri was unique. His way out of his problem, I supposed, was to rush off to the Canal Zone, where he'd be purified in the waters, and the sufferings of so many long years would be washed away. (WLE, p. 118)

In a way he'd already been killed in the internal battle before even facing the foreign enemy. (WLE, p. 117)

- p. 100:

'You know that every Egyptian family has a son in this war of liberation. I ask you, in all sincerity, to imagine how these families would feel if, with the war still going on, they saw the body of someone killed in action being dragged round the country with no one willing to burry it, on the pretext of an investigation of the dead man and his beneficiary.' (WLE, p. 176)

'How much longer are we going to put up with all this? (...) Even in war! (...) We've sat back while they corrupted everything in Egypt: the land, the water, the air, the people. But the honour of defending Egypt's soil! Never!' (WLE, p. 151)

- p. 101:

Here we are, I thought, returning from the battlefield only to find that the times of blood in our country have already begun. Have we come back from one war only to find there's another one waiting for us? I think it was our mistake, because in the war they halted only yesterday there was an enemy behind us too. Every bullet fired towards occupied Sinai should have been matched by another one fired back towards enslaved Egypt, which has occupiers of a different sort – poverty, backwardness, injustice and oppression. But we didn't realise this. We directed all our efforts against an enemy that was plainly visible, and neglected the malignant, cancerous enemies that can't be seen

with the naked eye. We had an excuse. We thought the people at home would take up the task in our place, but they failed to live up to our expectations – which means that we ourselves must now undertake it. (WLE, p. 127)

- p. 103:

I went to see this important person. Once we were inside the limousine they'd had sent for me, the chauffeur pressed a button and the windows shot up. There was a milk-white telephone in front of me, and the air inside the car was unlike anything I'd breathed before. I asked the driver for the secret of this fragrant air, but he couldn't be bothered to answer and just pointed at a small, complicated-looking gadget on the dashboard. I repeated my question. 'Air-conditioning', he said bursquely, and that was all the explanation I got. (WLE, p. 171)

- pp. 103-4:

'There's no case, understand? A young man became a martyr. Fine! His place in paradise is assured. And if he made a mistake before his martyrdom, if his ambition drove him to take the name of a distinguished family, that's not our problem!' (WLE, p. 175)

- p. 104:

The carpets beneath their feet were so thick that our shoes sank right into them; the heaters by their desks glowed red (even though winter hadn't arrived yet); and they had telephones to hand which would suddenly ring to bring them word of how someone was, or give them the price of meat, or promises of help in getting hold of supplies of chicken, or the latest black-market rate for the dollar, or the best place to have a good night out. (WLE, p. 137)

- p. 107:

But the time of wars is over in Egypt, and the time of talk has begun; and words set another ablaze, and the land of Egypt will never know anything but words. (WLE, p. 128)

Capítulo 4: Conclusão

- p. 112:

I'd asked a question, and it deserves a satisfactory answer, comprehensive, final and convincing. Since right now I don't know the answer, I'll have to start looking for it. If I fail, I'll drive the question from my heart, and let it wander the length and breadth of the land of Egypt, searching for its own answer. And when the question sets out on its

journey, I'll follow it with another question: 'Will it ever find the answer?' (WLE, p. 183)

GLOSSÁRIO

Dawar: o salão de reuniões do umda

Fedayin: guerrilheiro

Fellah: camponês

Iltizam: compromisso

Masri: egípcio

Muhafaza: administração provincial

Rif: campo egípcio

Umda: chefe hereditário de vilarejo, prefeito